



**NATALIA SILVA DO LAGO**

**ETHOS, CORPORALIDADE E CENOGRAFIA EM  
POSTAGENS DE JANJA DA SILVA NAS MÍDIAS SOCIAIS**

**LAVRAS-MG  
2025**

**NATALIA SILVA DO LAGO**

**ETHOS, CORPORALIDADE E CENOGRAFIA EM POSTAGENS DE JANJA DA  
SILVA NAS MÍDIAS SOCIAIS**

Texto apresentado para defesa à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, subárea Objetos culturais e Produção de Sentidos, para a obtenção do título de Mestre.

Prof.(a) Dr.(a) Márcia Fonseca de Amorim  
Orientadora

**LAVRAS-MG  
2025**

**Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração  
de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com  
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Lago, Natalia Silva do.  
Ethos, Corporalidade e Cenografia em Postagens de Janja da Silva nas Mídias  
Sociais / Natalia Silva do Lago. - 2025.  
121 p. : il.

Orientadora: Marcia Fonseca de Amorim

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2025.  
Bibliografia.

1. Análise do Discurso . 2. Primeira-dama. 3. Feminismo . I. Amorim, Marcia  
Fonseca de . II. Universidade Federal de Lavras. III. Título.

**NATALIA SILVA DO LAGO**

**ETHOS, CORPORALIDADE E CENOGRAFIA EM POSTAGENS DE JANJA DA  
SILVA NAS MÍDIAS SOCIAIS**

**ETHOS, CORPORALITY AND SCENOGRAPHY IN JANJA DA SILVA'S SOCIAL  
MEDIA POSTS**

Texto apresentado para defesa à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, cultura e sociedade, subárea Objetos culturais e Produção de Sentidos, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 28 de Fevereiro de 2025.

Dra. Sheila Elias de Oliveira (Unicamp).

Dra. Helena Maria Ferreira (UFLA).

Prof. (a) Dr. (a) Márcia Fonseca de Amorim.  
Orientadora.

**LAVRAS-MG  
2025**

## AGRADECIMENTOS

O mestrado não foi apenas uma parte essencial da minha formação acadêmica, foi também uma trajetória que, para além de um título, contribuiu para a formação da minha identidade e do meu olhar sobre o mundo. Entre os desafios e incertezas de buscar um lugar de pertencimento, a pós-graduação me proporcionou um espaço onde pude crescer, aprender e me reconhecer como parte de algo maior.

Gostaria de agradecer, especialmente, à minha orientadora, Márcia Fonseca de Amorim, por ter sido minha guia e minha inspiração ao longo dessa trajetória. Obrigada por acreditar na minha capacidade e por me ajudar a chegar até aqui. Desde a graduação até o fim do mestrado, encontrei em você o suporte que precisava para começar a construir minha carreira na pesquisa. Compartilhamos nossos conhecimentos e nosso amor pela Análise do Discurso durante todos esses anos. Obrigada por cada reunião, conselho e correção. Sem dúvidas, sua orientação ficará marcada para sempre em minha caminhada. E à Universidade Federal de Lavras por tantos anos de acolhimento.

À minha família, que me apoiou imensamente durante todos esses anos. Ao meu pai e à minha mãe, sem a ajuda deles eu não teria chegado até aqui. Aos meus avós, que ainda sentem a distância entre nós, mas que me deram motivos e forças para seguir em frente. À minha tia Mariane e à minha tia Maria de Lourdes, que, de formas diferentes, contribuíram para que eu me mantivesse firme, seja pelos conselhos, seja pelo apoio incondicional. Sou grata por sempre estarem ao meu lado.

Ao meu companheiro de vida, Antonio Carlos, que enfrentou ao meu lado todas as minhas angústias e desesperos. Obrigada por estar comigo todos os dias, por sempre me acolher e por me lembrar, diariamente, que vale a pena lutar pelos nossos sonhos. Às minhas amigas, Fernanda, Maria Cecília e Jéssica, que há tantos anos me mostram o verdadeiro significado da amizade. À República Amazona, que foi mais do que um lar – foi uma família durante todos esses anos em Lavras.

Aos meus amigos do mestrado, Guilherme e Tawany, pelo apoio incondicional para trilhar essa trajetória. Juntos, compartilhamos incertezas e medos, mas também encontramos força uns nos outros para seguir em frente. Por fim, à minha psicóloga, Gabriela, que, de uma forma diferente, também me orientou nessa trajetória, ajudando-me a compreender tudo o que acontecia dentro de mim.

*Dedico este trabalho ao meu avô, José Olinto. Este é o fruto de todos esses anos longe do senhor e da nossa família. Espero que, de onde estiver, possa sentir orgulho da mulher e da pesquisadora que me tornei.*

## RESUMO

As mulheres enfrentam diversos obstáculos diariamente para se sentirem pertencentes a algum lugar na nossa sociedade, como desigualdade de gênero, estereótipos, pressão social e cultural com a beleza e o corpo, violência e assédio. Isso, contudo, não tem sido um impedimento para que elas assumam posições de destaque na sociedade. Tendo em vista as representações sociais assumidas pelo público feminino em diferentes práticas sociais, o objetivo deste estudo é analisar a imagem construída (ethos) por Janja da Silva, primeira-dama do Brasil, em um momento social e histórico marcado pela bipolarização política em que grupos de direita e de esquerda estão em constantes confrontos nas mídias sociais. Busca-se, também, estabelecer um contraponto entre as representações sociais que vêm sendo assumidas por ela com os estereótipos tradicionais associados à função de primeira-dama. Para tanto, este trabalho utiliza, como pressupostos teóricos, os estudos de Maingueneau sobre ethos e corporalidade e os estudos sobre gênero de Judith Butler. O corpus que compõe o presente trabalho é constituído por três vídeos da primeira-dama Janja publicados em seu perfil do Instagram. A análise do ethos da primeira-dama possibilita ao estudioso da linguagem a identificação de elementos de resistência ou empoderamento em relação às representações tradicionais de gênero, explorando o modo como Janja desafia os estereótipos e as consequências da violência de gênero praticadas contra muitas mulheres, principalmente contra aquelas que ocupam uma posição de destaque no âmbito social. Ao abordar essa temática, o presente estudo traz uma reflexão sobre o tratamento dado às mulheres na sociedade brasileira atual. Em várias instâncias da sociedade, seja no âmbito da vida pública, seja no âmbito da vida privada, mulheres oriundas de classes sociais distintas sofrem diferentes formas de violência, inclusive aquelas que ocupam posições de prestígio ou cargos políticos. Essa violência se manifesta em todos os meios da sociedade e atinge diversas mulheres. A escolha deste tema foi motivada pela necessidade de examinar os fatores sociais que impactam na batalha feminina para assegurar um espaço legítimo na sociedade, principalmente no meio político. O crescente envolvimento das mulheres no cenário político é fundamental na luta pela representatividade, tornando-se necessário estudar e analisar as adversidades e discriminações que elas enfrentam diariamente, com enfoque para a constante invalidação de sua imagem e de seu trabalho. O presente estudo também aborda como as concepções de gênero alimentam o estigma de fragilidade e incapacidade das mulheres para ocupar determinadas posições na sociedade, como cargos políticos. De acordo com os padrões dominantes em nossa cultura, as mulheres são pressionadas a se conformar com representações socialmente pré-estabelecidas, limitando suas oportunidades e seu potencial. Os dados analisados apontam para a construção do ethos de uma primeira-dama engajada politicamente e que busca proximidade com a população brasileira, ao mesmo tempo que se apresenta como uma mulher que entende e defende as causas sociais, especialmente a luta das minorias por igualdade de direitos. A imagem construída de si mesma desafia estereótipos associados à sua posição política e desafia os padrões sociais estabelecidos para as mulheres na sociedade atual e na política brasileira. Assim, ao desafiar as representações tradicionais, Janja inspira outras mulheres a seguir o mesmo caminho.

**Palavras-chaves:** análise do discurso; ethos; violência de gênero; primeira-dama.

## ABSTRACT

Women face numerous obstacles daily in their struggle to feel a sense of belonging in our society, such as gender inequality, stereotypes, social and cultural pressure regarding beauty and body image, violence, and harassment. However, these challenges have not prevented them from taking on prominent roles in society. Considering the social representations assumed by women in different social practices, this study aims to analyze the self-image (ethos) constructed by Janja da Silva, First Lady of Brazil, in a social and historical context marked by political polarization, in which right- and left-wing groups are in constant conflict on social media. This research also seeks to establish a contrast between the social representations adopted by Janja and the traditional stereotypes associated with the role of the First Lady. To achieve this, the study is grounded in Maingueneau's theoretical perspectives on ethos and embodiment, as well as Judith Butler's studies on gender. The corpus of this research consists of three videos published by Janja on her Instagram profile. Analyzing the First Lady's ethos allows language scholars to identify elements of resistance or empowerment concerning traditional gender representations, exploring how Janja challenges stereotypes and sheds light on gender-based violence, particularly against women in positions of prominence. By addressing this theme, the present study offers a reflection on how women are treated in contemporary Brazilian society. In various spheres, whether in public or private life, women from different social classes experience distinct forms of violence, including those who hold prestigious positions or political office. This violence permeates all sectors of society and affects a wide range of women. The choice of this topic was driven by the need to examine the social factors that impact women's struggle to secure a legitimate space in society, especially in politics. The increasing participation of women in the political arena is crucial for the fight for representation, making it essential to study and analyze the adversities and discrimination they face daily, particularly the persistent invalidation of their image and work. This study also explores how gender perceptions reinforce the stigma of fragility and incapacity, preventing women from occupying certain positions in society, such as political roles. According to dominant cultural norms, women are pressured to conform to socially pre-established representations, limiting their opportunities and potential. The findings indicate the construction of an ethos of a politically engaged First Lady who seeks closeness with the Brazilian population while positioning herself as a woman who understands and advocates for social causes, especially the fight for minority rights. The self-image she constructs challenges the stereotypes associated with her political position and the societal expectations imposed on women, both in contemporary society and in Brazilian politics. By defying traditional representations, Janja inspires other women to follow the same path.

**Keywords:** discourse analysis; ethos; gender-based violence; First Lady.

## **INDICADORES DE IMPACTO**

Este trabalho, ao analisar o ethos da primeira-dama, traz uma contribuição significativa para a Análise do Discurso (AD), pois demonstra sua aplicabilidade em discussões sobre a construção da imagem de si de mulheres em posição de prestígio. Esta pesquisa articula os estudos do discurso com as teorias de gênero e os discursos mediados pelas tecnologias digitais. A Análise do Discurso, combinada com os conceitos de gênero, o mito da beleza e o discurso digital, permite que diferentes olhares teóricos sejam articulados para abordar uma temática que é pouco estudada e analisada, que é o primeiro-damismo no Brasil. Nesse sentido, este trabalho não só contribui com as teorias da Análise do Discurso, mas também permite um olhar mais reflexivo para a luta das mulheres contra a violência de gênero. Portanto, contribui para os estudos no âmbito da Análise do Discurso ao propor uma reflexão sobre o ethos das mulheres em espaços públicos e fortalece os debates sobre a igualdade de gênero, a educação de qualidade, a redução de desigualdades e a representatividade.

## **IMPACT INDICATORS**

This study, by analyzing the ethos of the first lady, makes a significant contribution to Discourse Analysis (DA), as it demonstrates its applicability in discussions about the construction of the self-image of women in positions of prestige. This research articulates discourse studies with gender theories and discourses mediated by digital technologies. Discourse Analysis, combined with the concepts of gender, the myth of beauty, and digital discourse, allows different theoretical perspectives to be articulated to address a theme that is little studied and analyzed, which is first-ladyship in Brazil. In this sense, this work not only contributes to the theories of Discourse Analysis, but also allows for a more reflective look at the struggle of women against gender violence. Therefore, it contributes to studies in the field of Discourse Analysis by proposing a reflection on the ethos of women in public spaces and strengthens the debates on gender equality, quality education, the reduction of inequalities, and representativeness.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 ANÁLISE DO DISCURSO: BREVE PERCURSO HISTÓRICO</b> .....	16
<b>2.1 Heterogeneidade discursiva</b> .....	20
<b>2.2 Tríade Discursiva</b> .....	25
<b>2.3 O ethos discursivo</b> .....	31
<b>2.4 Estereótipos na construção da imagem de si</b> .....	36
<b>2.5 Discurso Digital e Capitalismo</b> .....	41
<b>3.1 Gênero como Construção Social e Performática segundo Judith Butler</b> .....	51
<b>3.2 A Beleza como mecanismo de controle</b> .....	57
<b>3.3 A história do primeiro-damismo e as representações sociais</b> .....	64
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	76
<b>5 ENTRE DESAFIOS E PADRÕES: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DE JANJA NO CENÁRIO SOCIAL BRASILEIRO</b> .....	79
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	118

## 1 INTRODUÇÃO

A motivação desta pesquisa veio da crescente discussão nas mídias sociais sobre o pertencimento a grupos, comunidades e lugares que delimitam as ações dos sujeitos em diferentes práticas sociais. Afinal, isso é essencial para a nossa sobrevivência, para construirmos nossa identidade social, como sujeitos, para termos senso de segurança e para estimular o nosso bem-estar. Essas reflexões nos levaram a pensar em algo que pode ser ainda mais complexo: o pertencimento de mulheres em uma sociedade que é estruturada em fatores históricos, sociais, culturais e econômicos que estimulam a desigualdade e a violência de gênero.

As mulheres enfrentam diversos desafios diários para serem reconhecidas de forma legítima na sociedade<sup>1</sup>, buscando receber reconhecimento por suas capacidades físicas e intelectuais em uma sociedade em que a maioria das posições de poder são destinadas a homens. Como exemplos desses desafios podemos citar a desigualdade de gênero, os estereótipos, as pressões sociais e culturais acerca da beleza e do corpo, além do constante assédio. Ao reconhecer esses desafios, é possível compreender como as desigualdades de gênero se estruturam em sociedades marcadas pelo patriarcado.

O interesse em estudar as representações sociais assumidas pela mulher na sociedade antecede a minha<sup>2</sup> inserção no espaço acadêmico. Contudo, ao ingressar na universidade, entrei em contato mais direto com a luta do público feminino em relação aos direitos das mulheres. A partir daí, nasceu o interesse de estudar temáticas voltadas para a construção social da mulher em diferentes espaços sociais. O Trabalho de Conclusão de Curso<sup>3</sup> que desenvolvi na faculdade, foi definido a partir dessa necessidade de estudar de onde vem a violência de gênero e por que ela é tão enraizada na nossa sociedade. Foi assim que começou a trajetória da minha vida acadêmica estudando a história da luta das mulheres na nossa sociedade, tentando entender como todo o preconceito, todo estereótipo e todo controle foi sendo estruturado e fortificado ao longo do tempo.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>> Acesso em: 30/01/2025.

<sup>2</sup> A mudança da terceira pessoa do plural para a primeira do singular ocorre somente na introdução, com o objetivo de detalhar o percurso da autora nos estudos de gênero

<sup>3</sup> O TCC em questão teve como título “Narrativa de vida: a construção social do ethos de uma mulher em situação de violência doméstica” e pode ser acessado pelo link: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=Narrativas+de+vida%3A+a+constru%C3%A7%C3%A3o+social+do+ethos+de+uma+mulher+v%C3%ADtima+de+viol%C3%A2ncia+dom%C3%A9stica>.

Eu e minha orientadora nos deparamos com uma vasta quantidade de materiais, estudos e autores que também se empenharam em entender a trajetória das mulheres e do feminismo até os dias de hoje. Constatamos que essa trajetória também sofreu transformações no tempo e no espaço, o que nos levou a repensá-la a partir dos estudos que desenvolvemos. A pesquisa desenvolvida na graduação proporcionou uma série de questionamentos que não puderam ser respondidos dada a própria limitação dos estudos naquele momento e tendo em vista as diversas questões com as quais nos deparamos diariamente ao pensarmos no tratamento dado à mulher em várias instâncias sociais. Sabemos também que esta pesquisa não responderá a todas as questões levantadas, mas possibilitará um olhar mais cuidadoso sobre a condição da mulher na nossa sociedade por meio do diálogo com outros estudos existentes em relação à condição social das mulheres. Ainda há muito o que dizer, por isso reforçamos a necessidade de construirmos e disseminarmos conhecimentos que nos ajudem a identificar os diferentes modos por meio dos quais a violência de gênero pode se manifestar nas incontáveis formas de interação.

A violência se manifesta de maneiras distintas na sociedade e atinge mulheres de idades, etnias, escolaridades e classes sociais diferentes, inclusive aquelas que ocupam posições de prestígio ou posições/cargos políticos. A escolha do tema desta pesquisa surgiu a partir da necessidade de entender como os fatores sociais influenciam a luta das mulheres para conquistar um espaço legítimo na sociedade, em específico na esfera política. Embora a função de primeira-dama não seja formalmente considerada um cargo político, ela oferece uma oportunidade para uma participação política ativa, ainda que limitada. O aumento da participação mais efetiva de mulheres na política é fundamental para que as políticas públicas sejam mais inclusivas, tornando-se necessário estudar e analisar os obstáculos e as discriminações que elas enfrentam diariamente, incluindo a constante invalidação de suas imagens e dos trabalhos que executam.

Logo, o objetivo geral deste estudo é analisar a construção do ethos da primeira-dama Janja, explorando como as concepções de gênero contribuem para o estigma que sugere que as mulheres não devem ocupar determinados espaços sociais, mas sim se conformarem a padrões socialmente preestabelecidos. Tal objetivo visa responder ao problema que norteia a pesquisa, qual seja, como se dá a construção do ethos da primeira-dama em postagens feitas por ela nas mídias sociais? E, como a construção sócio-histórica influencia para que as mulheres, mesmo em posição de prestígio, tenham sua existência condicionada a estereótipos, violências e preconceitos?

Complementam nosso problema de pesquisa os seguintes questionamentos: como as concepções de gênero, os padrões de beleza e os estereótipos influenciam na construção do

ethos da primeira-dama? Como o ethos construído por Janja em suas redes sociais reforça ou desafia as representações tradicionais atribuídas às mulheres na política e na sociedade brasileira? Como a realidade virtual e as mídias sociais contribuem para a construção do seu ethos e para a polarização política do Brasil?

Este trabalho busca, em específico, explorar os mecanismos pelos quais esses fatores históricos e sociais moldam e limitam as experiências das mulheres, perpetuando desigualdades e violências que afetam suas vidas cotidianas e a representação social delas na sociedade; compreender como a construção da imagem de si (ethos) da primeira-dama Janja é feita a partir da cena de enunciação em que ela se encontra inserida e como ele pode ser influenciado pelas condições de produção do discurso; entender como os estereótipos e os padrões construídos pela sociedade podem interferir na legitimação das falas, das escolhas e das posições sociais das mulheres e entender como a posição da primeira-dama foi construída no nosso país com o intuito de identificar e analisar como a mulher ainda sofre com toda essa violência de gênero mesmo ocupando a posição de primeira-dama.

Para entendermos como a desigualdade das relações de gênero se estrutura na nossa sociedade, tomamos como ponto de partida o conceito de ato de linguagem proposto por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, no livro “Dicionário de Análise do Discurso” (2020). Segundo os autores,

“dizer” é, sem dúvida, transmitir ao outro certas informações sobre o objeto de que se fala, mas é também ‘fazer’, isto é, tentar agir sobre o interlocutor e mesmo sobre o mundo circundante. Em vez de opor, como se fazia frequentemente, a fala à ação, propõe-se que a própria fala é uma forma e um meio de ação (Charaudeau, Maingueneau, 2020, p. 72).

Assim, podemos destacar que a linguagem não se limita a transmitir informações, mas também é responsável pela construção da realidade. Ou seja, ao falar, não apenas descrevemos algo, mas também realizamos ações, influenciando o interlocutor e impactando o mundo ao nosso redor. Essa ideia rompe com a visão tradicional que separava a fala da ação, mostrando que o próprio ato de dizer já é uma forma de agir. O ato de linguagem reflete e sustenta relações de poder, naturalizando diferenças e hierarquias. Ao analisar como o gênero é representado nos discursos, podemos compreender os mecanismos que perpetuam desigualdades e, assim, questionar estruturas simbólicas que mantêm a dominação e a exclusão, pois o discurso é instituído e disseminado nas práticas sociais. É por meio do discurso que os significados são construídos, reforçados e questionados.

Atualmente, a primeira-dama do Brasil é Rosângela da Silva, Janja, como é mais conhecida, casada com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eleito em 2022. A análise proposta neste estudo tem como foco a imagem construída pela primeira-dama para si mesma em um cenário de conflitos políticos e sociais em que ela sofre constantes ataques ao seu corpo, à sua beleza, ao seu caráter e à sua competência, principalmente por meio de publicações na internet. Interessa a este estudo o que é dito por Janja na condição de primeira-dama. Não cabe a este estudo levantar questões sobre quem é Janja para além dessa posição social ocupada por ela.

Dessa maneira, analisamos como a imagem dela é construída por meio de seus discursos, da forma como se veste, de seus gestos e de suas feições, do tom que perpassa o dizer e que efeitos de sentido sua inserção nas mídias sociais promove em relação ao seu ethos. É importante que as mulheres se vejam representadas no espaço político nacional e internacional, sendo capazes de participar e de ocupar posições sociais que eram tidos exclusivamente como “espaços para homens” no século passado em muitas culturas fundamentadas em padrões patriarcais. Em muitos lugares, as mulheres ainda não têm uma representatividade na vida social e política e continuam sendo subjugadas pelos homens e por ações de cunho machista.

A luta feminina em países como o Brasil mostrou e continua mostrando que a mulher é capaz de ocupar a posição, o cargo e o lugar que almeja, pois, a capacidade de realizar sonhos e desejos não depende do gênero ao qual nos identificamos. Em um momento de tanta polarização política no país, os ataques que a primeira-dama recebe também estão relacionados com o posicionamento ideológico assumido por ela. Ser a primeira-dama de algum país significa apoiar e reafirmar as decisões e ações políticas do presidente da República (Torres, 2002). Mesmo ocupando uma posição de prestígio no cenário político, a primeira-dama continua alvo de preconceitos, ataques e ofensas. Aparência física e carisma se tornaram motivos para que se questione a competência de uma mulher para ser uma primeira-dama e, por extensão, a competência de seu marido para ser o presidente da república. Assim, alcançar padrões de beleza se torna uma tarefa difícil de ser realizada. Vale lembrar que, neste estudo, posição política não se refere a cargo político. A primeira-dama de um país atua de forma política ao participar de ações específicas designadas a ela pela própria estrutura democrática.

Os dizeres proferidos por Janja são analisados neste estudo com base nas escolhas linguísticas dela, ou seja, como a imagem dela é construída por intermédio do que ela diz e do modo como se mostra ao dizer. Para tanto, selecionamos vídeos públicos divulgados por Janja em seu perfil do Instagram nos atentando para a construção do seu ethos a partir do que ela diz, da forma como diz, dos gestos e das feições que promove ao dizer e, também, como sua imagem

é construída pelo público. Ao comparar as escolhas linguísticas de Janja com expectativas tradicionais associadas à função de primeira-dama, destacamos semelhanças e discrepâncias entre a imagem que Janja constrói de si mesma e a imagem estereotipada da sua posição política. A análise considera se há elementos nos discursos que indiquem resistência ou empoderamento em relação às representações tradicionais de gênero, explorando a possibilidade de Janja desafiar estereótipos; se é possível identificar se a mulher ainda enfrenta as consequências da violência de gênero, os padrões sociais e o preconceito mesmo quando ela ocupa uma posição de prestígio.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos autores que nos auxiliaram a entender o conceito de ethos e de cena de enunciação. Em específico, utilizamos os conceitos trabalhados por Maingueneau (2004, 2008, 2015, 2016, 2018, 2020). Dialogamos com autoras que trazem abordagens diferentes, mas que contribuem com esta pesquisa, como Butler, Beauvoir e Wolf, para entender a trajetória da luta das mulheres na sociedade e o conceito de gênero. Também buscamos na história a origem da função de primeira-dama e como ele foi sofrendo transformações até chegar ao que conhecemos atualmente. Assim, o trabalho é composto por dois capítulos teóricos, o primeiro destinado aos estudos do ethos e o segundo para os conceitos de gênero e para a história da primeira-dama. Seguido pela metodologia e, por fim, o último capítulo é destinado à análise do corpus selecionado.

## 2 ANÁLISE DO DISCURSO: BREVE PERCURSO HISTÓRICO

As problemáticas que fazem parte da Análise do Discurso hoje em dia começaram a surgir em 1960 a partir da necessidade de se fazer uma análise “imaneente” do texto para conseguir atribuir a “estrutura” a uma realidade sócio-histórica situada fora do texto (Maingueneau, 2015). De maneira geral, os estudos sobre o discurso foram influenciados pela filosofia e pela linguística, particularmente pela linguística que, ao longo do tempo, passou a incorporar teorias que consideram fala e escrita como atividades de linguagem e o contexto como essencial para a construção de sentido. Nesta perspectiva, não é possível pensar em apenas um teórico que foi responsável por revolucionar essa linha de pensamento, esse papel pode ser atribuído aos pensadores M. Pêcheux, E. Goffman, L. Wittgenstein, M. Foucault, M. Bakhtin, entre outros.

Assim, a Análise do Discurso – AD consiste em uma proposta de estudo que nos possibilita um olhar menos ingênuo sobre o que é dito em um dado acontecimento. Por meio dela, podemos analisar como as práticas de linguagem interferem na nossa constituição como sujeitos na sociedade, além de contribuir para as análises das relações que estabelecemos com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor. Esse estudo nos permite perceber que estamos submetidos à linguagem e à sua opacidade, mas também percebemos que não existe neutralidade nem no uso mais corriqueiro da língua (Orlandi, 2009)<sup>4</sup>.

Para a realização deste trabalho, devemos considerar a língua não apenas como uma estrutura, mas principalmente como acontecimento. Podemos analisar situações comunicativas do nosso dia a dia que estão interpeladas por processos que são responsáveis por organizar os discursos interna e externamente. Em especial, para esta pesquisa, os procedimentos externos da violência de gênero, da misoginia e da desigualdade de gênero.

A análise do discurso é uma disciplina que estuda a linguagem em funcionamento, considerando não apenas os aspectos linguísticos dos textos, mas também os contextos sociais, históricos e situacionais em que esses textos são produzidos e interpretados. O discurso não pode ser compreendido isoladamente, mas deve ser analisado em relação às práticas sociais e aos mecanismos de poder que o constitui.

Os estudos do discurso buscam compreender como este se organiza, como se manifesta e que efeitos de sentido pode promover. Para Foucault (1971), o discurso é o ato de falar,

---

<sup>4</sup> Esta pesquisa faz algumas intersecções com Orlandi e Foucault, mas o principal autor utilizado para nossa base teórica é o Maingueneau.

manter, transmitir e articular ideias em todos os aspectos, seja na fala, na escrita, no olhar, na comunicação por gestos etc. Dessa forma, podemos analisar a maneira como os discursos se realizam na sociedade e, para isso, precisamos investigar a forma como eles se organizam externa e internamente. Ainda segundo Foucault (1971), os procedimentos de articulação exterior dos discursos podem ser divididos em interdição, rejeição e vontade de verdade.

O primeiro procedimento externo analisado pelo autor é a interdição, um procedimento de exclusão que se baseia no que pode e no que não pode ser dito por alguém em uma dada instância social, isto é, podemos perceber que não conseguimos falar de tudo em todas as circunstâncias. Para exemplificar esse procedimento, ele cita a sexualidade (desejo), a política (poder) e a religião (desejo e poder). Atualmente, existem muitos assuntos que podem ser considerados tabus na nossa sociedade, como o sexo, a política, a religião. Esses assuntos estão longe de serem neutros no interior de uma prática social, cada um deles carrega marcas de uma ideologia materializadas no discurso. Segundo o autor:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1971, p. 8-9).

O segundo procedimento de exclusão que o autor analisa é o de rejeição, ele compara esse procedimento com a oposição entre razão e loucura. Foucault cita o “discurso do louco” cujo discurso não pode circular como os outros, pois a palavra do louco pode ser considerada nula, sem verdade e importância. Nesse aspecto, o autor considera duas classificações para os discursos: os lógicos que são ouvidos e os ilógicos que não são ouvidos. Em contrapartida, o discurso do louco pode ser atribuído ao poder de dizer uma verdade escondida e de perceber aquilo que a sabedoria dos outros não é capaz.

O terceiro e último procedimento de exclusão estudado pelo autor não se trata apenas de uma oposição entre verdadeiro e falso, mas de uma vontade de verdade, de um discurso verdadeiro, ou seja, a vontade de saber. A vontade de verdade, como os outros procedimentos de exclusão, passa por uma validação e por uma construção de signos, sentidos e conceitos. Dessa forma, a construção de valores e conceitos permite que o discurso produza efeitos de poder na sociedade e, assim, a vontade de saber tende a exercer uma pressão sobre os outros discursos. De acordo com o autor, “[...] aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder?” (Foucault, 1971, p. 20).

Ademais, a vontade de verdade diz respeito àquilo que seria um discurso verdadeiro. Assim, nossos discursos são organizados entre aquilo que sabemos e julgamos ser verdadeiro e entre as coisas que não sabemos ou sabemos de forma limitada e, ainda, os discursos que pertencem ao campo da ficção e, portanto, não são verdadeiros. No entanto, esse procedimento é ignorado quando se trata de uma verdade rica e fecunda que proporciona o controle, a delimitação e, ainda, a interdição daquilo que incomoda.

Existem muitos outros mecanismos de controle e delimitação do discurso. Foucault analisa as formas como o discurso se autocontrola, ou seja, os procedimentos internos. O autor cita o ritual, um sistema de restrição, que é responsável por definir a qualificação que os sujeitos que falam devem ter também define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todos os signos que devem acompanhar o discurso. Baseia-se em uma organização interna de quem pode ou não falar determinada coisa e determina para os sujeitos que falam propriedades e papéis preestabelecidos.

Por fim, não é qualquer sujeito que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. A produção do discurso é controlada para que seus poderes e perigos sejam medidos e contidos, assim o discurso é propagado em uma situação na qual os interlocutores já sabem seus direitos de falar e os lugares e circunstâncias que são pré-determinados. Afinal, os discursos que são realizados baseiam-se nas permissões que recebem de acordo com a esfera da sociedade em que os sujeitos pretendem atuar.

Com base no que foi dito, é possível abordar a relação de discursos que são historicamente silenciados e a relação de subjetivação que permite ao enunciador gerar um modo de falar de si. Assim, a discussão sobre a construção e legitimação social e histórica do "lugar de fala" é uma questão atual que contribui para a construção de sujeitos e de suas imagens. Essa discussão nos faz pensar na complexidade dos processos responsáveis por determinar a posição discursiva do sujeito e, também, nas diversas formas de silenciamento que ele está predisposto a sofrer ou que pode sofrer à revelia de qualquer previsibilidade.

Além disso, os lugares socialmente estabelecidos configuram um modo de dizer, isto é, reproduzimos discursos que vêm de formações discursivas<sup>5</sup> com as quais nos identificamos de acordo com as posições sociais que ocupamos. Os discursos são afetados pelos processos históricos de silenciamento e pela legitimidade que é atribuída a eles socialmente. Se pensarmos

---

<sup>5</sup> Para Pêcheux, formações discursivas são constituídas a partir das condições sociais e ideológicas que são responsáveis por definir a produção e interpretação dos discursos. Segundo Pêcheux (1995) "palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aquelas que as empenham" (Pêcheux, 1995, p. 160).

a enunciação como um processo de dizer que é histórico e social, inevitavelmente, temos que pensar que nesse processo de dizer existem determinações históricas que reduzem ao silenciamento, ou seja, mostram o que pode ou não ser dito e em quais situações um dizer pode ser legitimado. Portanto, o direito de dizer e a legitimação de um discurso é desigual na sociedade por motivos históricos e a discussão acerca do lugar de fala aponta isso. Como exemplo, podemos citar os discursos políticos e de resistência que surgem da noção de lugar ocupado pelos sujeitos. Segundo Elias de Oliveira (2019), “as ideias de lugar de fala e de argumentação por autoridade dizem respeito à enunciação; ambas dão visibilidade ao fato de que há diferenças sociais entre os sujeitos que tomam a palavra, e de que essas diferenças produzem sentido na enunciação” (Elias de Oliveira, 2019, p. 192).

Portanto, é por meio da enunciação que o sujeito, em determinadas condições de produção, tendo em vista o discurso assumido por ele, pode ou não ter legitimado o seu lugar na cadeia discursiva. Dessa forma, diversos fatores contribuem para que o discurso seja ou não legitimado. Dentre eles podemos citar a construção da imagem do enunciador, a configuração da cena enunciativa e outros aspectos em que o discurso se desenvolve. Segundo Maingueneau (2015, p. 27), “existem [...] normas [...] que regem todas as trocas verbais: ser compreensível, não se repetir, dar informações apropriadas à situação etc.”.

O discurso apenas se manifesta como tal se estiver ligado a um sujeito, “a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como *fonte de referências* pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI-AGORA)” (Maingueneau, 2015, p. 27). O sujeito é responsável pelo discurso, mas também por moldá-lo para corresponder aos objetivos que ele tem e para contribuir ou não com a adesão do coenunciador. E para o entendimento desse discurso, é preciso que ele tenha seu sentido adquirido no interior do *interdiscurso*. Para interpretá-lo, precisamos de uma rede de enunciados que se relaciona com ele e se apoia na construção de sentidos. Assim, os discursos podem assumir diferentes estruturas em diferentes contextos e para diferentes propósitos, que podem ser divididos em gêneros de discurso que possuem suas regras e convenções que moldam a produção e a interpretação do discurso (Maingueneau, 2008).

Para Maingueneau (2015), a análise do discurso é uma disciplina que estuda a linguagem em uso, considerando não apenas os aspectos linguísticos dos textos, mas também os contextos sociais, históricos e situacionais em que esses textos são produzidos e interpretados. O autor propõe que o discurso não pode ser compreendido isoladamente, mas deve ser analisado em relação às práticas sociais e aos mecanismos de poder que o moldam.

O objetivo da análise do discurso, para Maingueneau, é analisar as estruturas implícitas e explícitas que governam a produção, circulação e recepção dos discursos, mostrando como

eles refletem, reforçam e contestam as relações de poder e as normas sociais. Para ele, o discurso constrói socialmente o sentido:

O sentido de que se trata aqui não é um sentido diretamente acessível, estável, imanente a um enunciado ou a um grupo de enunciados que estaria esperando para ser decifrado: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas (Maingueneau, 2015, p. 29).

O discurso tem uma dupla abrangência. Ele permite, ao mesmo tempo, determinar o *objeto* de análise e mostrar que é possível adotar um determinado *ponto de vista* sobre esse objeto. Dessa forma, os discursos têm seus sentidos construídos socialmente e, cabe ao analista, um olhar reflexivo para esses campos de análise da sociedade, a fim de atribuir significados considerando que o sujeito se constitui por meio do discurso, da linguagem e do contexto em que o discurso foi produzido.

Em resumo, a análise do discurso, para Dominique Maingueneau (2015), é uma abordagem multidimensional que busca entender a complexidade da comunicação humana, levando em consideração tanto os elementos linguísticos quanto os contextos e práticas sociais que constituem e são constituídos pelos discursos. Neste capítulo, vamos explorar a teoria desenvolvida por Maingueneau para analisar discursos que circulam em meios específicos da nossa sociedade. Para iniciar nossas reflexões, o próximo tópico abordará o conceito de heterogeneidade discursiva desenvolvido pelo autor.

## **2.1 Heterogeneidade discursiva**

Para aprofundar os estudos sobre o discurso e a heterogeneidade enunciativa, como analistas, devemos considerar como o interdiscurso se manifesta nos discursos, isto é, a presença do “Outro”, marcada pela heterogeneidade “mostrada” e pela heterogeneidade “constitutiva”, conforme os estudos desenvolvidos por Authier-Revuz (2004). Segundo a autora, a heterogeneidade mostrada ocorre quando há marcas explícitas de outra “voz” no discurso e a heterogeneidade constitutiva possui marcas implícitas, considerando que todo discurso já é, por natureza, atravessada por outras “vozes”. Dessa forma, todo discurso representa uma forma de o sujeito agir no mundo e interagir com o outro, construindo sua própria identidade e a maneira como percebe e expressa a realidade. Qualquer produção linguística é, por essência, heterogênea, pois carrega traços de múltiplas vozes que dialogam e se entrelaçam com a voz do enunciador (Authier-Revuz, 2004).

Maingueneau (2008) assume a mesma perspectiva de Authier-Revuz e sustenta que a heterogeneidade “mostrada” é aquela que possui marcas no texto, ou seja, sua manifestação é feita por meio de discursos citados, autocorreções, palavras entre aspas etc. Segundo o autor, para compor os discursos, trazemos elementos “diretos” de outros discursos que dialogam com o objetivo do nosso discurso. Já, a heterogeneidade “constitutiva” é marcada pela ausência de marcas visíveis no enunciado, mas ainda assim carrega a presença de outros discursos nas entranhas do dizer.

Dessa maneira, o primado do interdiscurso se sustenta na heterogeneidade constitutiva, pois é a partir dela que se organiza a relação entre o “Mesmo” do discurso e seu “Outro”. Para produzir um discurso, apoiamo-nos em alguns aspectos que são essenciais para transmitir aquilo que desejamos e acreditamos. No entanto, para a realização dessa tarefa, outros aspectos, que não são localizáveis no discurso são deixados de lado para que seja possível sustentar nosso discurso. É nessa diferenciação que se localiza a relação do Outro e do Mesmo, segundo (Maingueneau, 2008, p. 37), “ele (o Outro) se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma”. Ainda que não seja possível ver as marcas do Outro no discurso, sabemos que ele está presente na construção do Mesmo, principalmente porque os discursos funcionam de maneira intradiscursiva e interdiscursiva. O discurso se alimenta do Mesmo em sua formação, porém é a partir do Outro que é possível reforçar a ideia desejada.

No discurso, há sempre a presença de outros discursos e essa presença não é, necessariamente, localizável no interior de cada um deles. Essas outras vozes não estão mais no centro do discurso, elas são partes importantes para a construção de determinado enunciado. Então, a relação do Mesmo e do Outro gera o que o autor chama de “caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso” (Maingueneau, 2008, p. 37). Ou seja, não é dessa relação que as formações discursivas baseiam sua unidade, mas sim da divergência entre o Mesmo e o Outro.

Nessas condições, podemos esperar ir além da divisão de heterogeneidade “mostrada” e heterogeneidade “constitutiva”, pois na enunciação podemos apontar o Outro independente de qualquer forma de distinção marcada. O Outro não pode ser considerado como uma figura de interlocutor. Podemos supor que o Outro é como um “tu virtual”. Isto é, ele é uma figura da qual o “eu” deve se separar, o que classifica o Outro como o interdito do discurso (Maingueneau, 2008).

A formação discursiva atribui ao Outro o dizível faltoso, ou seja, quando definimos em um discurso os enunciados que podem ser utilizados para satisfazer determinada posição,

também definimos os enunciados que são recusados por nós, encaixando-os como aquilo que não pode ser dito. Segundo Maingueneau (2008, p. 37), “o Outro circunscreve justamente o dizível insuportável sobre cujo interdito se constitui o discurso.”

As formações discursivas se estruturam com base nessa relação entre o Mesmo e o Outro e a totalidade dos enunciados que se desenvolvem por meio das articulações fundamentais delas confirmam que todo discurso rejeita um enunciado de seu outro espaço discursivo. Quer dizer, todo enunciado possui um lado “direito” e um lado “avesso” que são inseparáveis. Para interpretar qualquer enunciado, é preciso levar em consideração esses dois lados, primeiro, para entender o objetivo do enunciador e, depois, para perceber a rejeição do discurso de seu Outro. Segundo Amorim (2009):

A inscrição do Outro como constitutivo do discurso independe de qualquer forma de alteridade marcada. Esse Outro, de uma forma ou de outra, já se encontra lá, na delimitação entre o dizível e o não dizível ou no que é refutável por uma formação discursiva, uma espécie de avesso do dizível (Amorim, 2009, p. 161).

Ao considerarmos o espaço discursivo como uma rede de interação semântica, ele começa a manifestar o processo de interincompreensão generalizada, correspondente às possíveis situações de enunciação. Nesse processo, não existe separação entre enunciar dentro das regras que nossos enunciados demandam e de “não entender” os sentidos dos enunciados do Outro. Isso se manifesta no fato de que cada discurso é definido por uma grade semântica que, de uma mesma forma, leva ao não entendimento de outros discursos. Dessa forma, “como alternativa de traduzir o Outro pela enunciação, a interincompreensão incide em uma forma de se identificar com uma certa comunidade discursiva, e conseqüentemente, negar outras.” (Cano, 2019, p. 189).

Podemos dividir a composição do discurso em dois conjuntos, repartidos em: primeiro, os semas “positivos” que são requeridos e depois, os semas “negativos” que são rejeitados. Em cada um desses conjuntos, é associado um método responsável por interpretar os enunciados de seu Outro, transformando-os nas categorias negativas de seu sistema. Ou seja, os enunciados do Outro só podem ser interpretados dentro da organização semântica limitada do enunciador. Para manter sua personalidade na cena enunciativa, o discurso não pode relacionar-se com o Outro na sua forma natural, mas somente no simulacro que se constrói. Nesse sentido, o autor classifica como discurso-agente aquele que está na posição de tradutor e como discurso-paciente aquele que é traduzido (Maingueneau, 2008).

Quando nos depararmos com o Outro, não nos reconhecemos nesse discurso, apenas com o contrário daquilo que nós próprios tentamos enunciar, ou seja, percebemos a “não-semelhança” entre nosso discurso e do Outro. Porém, isso não anula a importância do Outro para a constituição do enunciado, pelo contrário, nosso enunciado só existe a partir da existência do Outro, que causa a interincompreensão com aquilo que enunciamos. Portanto, para constituir um discurso segundo (nosso discurso criado a partir do Mesmo) precisamos de um discurso primeiro que se estabelece como Outro do nosso discurso segundo (Maingueneau, 2008).

Ademais, para explicar o termo tradução, o autor cita como exemplo termos como “diálogos de surdos” e “adversários que não falam a mesma língua”, isto é, quando Maingueneau (2008) cita o termo tradução, ele se refere ao entendimento que cada um tem do enunciado do Outro na sua própria língua e no interior de um mesmo idioma. Dessa forma, podemos citar como exemplo o machismo<sup>6</sup>, uma concepção que existe na tradução feita pelo Outro e não no discurso do Mesmo. Por isso que o sujeito com atitudes machistas não tem a capacidade de se reconhecer como machista, seu discurso é construído a partir de um discurso primeiro que reforça e perpetua as falas e atitudes machistas, mas a tradução desse discurso pode ser feita por Mesmos que carregam um Outro que é contra a violência de gênero e, portanto, reconhecem o machismo em discursos alheios. Assim a interincompreensão se sustenta não como a capacidade de compreensão, mas a compreensão do “não-semelhante” ao Mesmo.

As formações discursivas podem incorporar o Outro de várias maneiras, isso diverge das representações espontâneas, que consideram que a oposição entre dois discursos é fixa e não é mais necessário especificar. De fato, a relação com o Outro é constitutiva, sua estrutura corresponde a apenas uma parte da formação discursiva e é definida como uma consequência da enunciação. Dessa forma, a polêmica de um determinado discurso está na interpretação que o Outro faz, ou seja, o sentido do discurso é atribuído por meio da compreensão que o Outro tem, o que depende de suas crenças e conhecimentos acerca do mundo. Portanto, apenas o Outro é capaz de conferir polêmica para uma determinada formação discursiva.

Esses conceitos estão relacionados a outros apresentados por Maingueneau, como o estereótipo e o ethos, que, resumidamente, são elementos presentes no discurso que contribuem

---

<sup>6</sup>De acordo com o Enciclopédia Discursiva da Cidade (ENDICI) da Unicamp, “a palavra ‘machismo’ aponta para o funcionamento das relações de poder – violentas – entre homens e mulheres que têm espaço na (so)ci(e)dade. Em uma sociedade patriarcal em que o homem ocupa uma posição mais legitimada do que a mulher, o confronto entre diferentes posições pode-se instaurar e permear as relações urbanas” (ENDICI, 2024).

para a construção da imagem do enunciador pelo outro. Essa imagem construída pelo outro provém de estereotípias solidificadas socialmente, não se trata do ethos em si, mas de uma projeção feita pelo coenunciador em relação ao sujeito que diz. Esses conceitos serão explorados com mais profundidade em outro tópico desta pesquisa. Dessa forma, se a tradução do Outro pode atribuir polêmica a um determinado enunciado, a forma como algo é dito reflete na percepção do enunciador e pode influenciar na interpretação que o Outro terá do Mesmo. Além disso, a cenografia do discurso (conceito que também será abordado mais detalhadamente em outro tópico) também tem relevância quando tratamos desse assunto, pois a maneira como os integrantes de uma situação de enunciação se comportam e assumem seus papéis também contribui para a legitimidade do discurso e esses aspectos são considerados pelo coenunciador. Procuramos entender a origem dos discursos para compreender melhor suas estruturas e sua formação, conseqüentemente, para entender como eles circulam na nossa sociedade.

Pensar na relação entre Mesmo e Outro significa se referir à ideia de que é por meio do discurso que construímos significados e entendemos o mundo ao nosso redor. A linguagem, de forma geral, não é usada apenas para descrever a realidade, mas também para constituir a realidade e influenciar nossa percepção e compreensão das coisas. Dessa maneira, também podemos citar a formação discursiva visto que ela está diretamente ligada às regras e convenções que orientam a produção e interpretação dos discursos, abrangendo as práticas discursivas, os modos de dizer e as formas de pensar que são reconhecidos e aceitos dentro de uma comunidade linguística. Segundo Maingueneau, a formação discursiva não define apenas um conjunto de sentidos próprios, “ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos” (Maingueneau, 2008, p. 106). Assim, os discursos são a manifestação concreta das formações discursivas, a maneira como falamos, como escrevemos e como interpretamos cada discurso é afetada pelas normas e convenções estabelecidas pela formação discursiva. Ao mesmo tempo, o discurso contribui para reforçar, desafiar ou modificar essas normas e convenções usadas para sua constituição. Para que seja possível analisar e compreender o corpus que integra este estudo, esses conceitos são importantes para entender como os discursos se fundamentam a fim de entender como o ethos, o estereótipo e a violência de gênero se manifestam no discurso.

No interior do sistema de restrições linguísticas, a divergência entre os discursos é definida desde o início da enunciação, sendo assim a construção de sentido para cada discurso não depende de uma posição enunciativa absoluta, mas da rede de interincompreensão em que ele se encontra. Não separamos o sentido do mal-entendido, pelo contrário, os dois se movimentam juntos. Portanto, essa produção de discursos é mais como um conjunto de

respostas incoerentes que aos poucos estruturam a memória do próprio discurso (Maingueneau, 2008).

Nessa perspectiva, o discurso é resultado, em partes, da polêmica. O conceito de discurso e de polêmica andam juntos, não podemos entrar e nem sair da polêmica sem a intervenção de um terceiro. O discurso desde sempre foi influenciado pela polêmica, pois a relação entre discurso e polêmica, em seu sentido mais amplo, marca a constituição de um discurso a partir da incompatibilidade. O discurso se encontra relacionado com duas memórias associadas: memória interna e memória de filiação externa. A primeira é enriquecida e tem sua autoridade aumentada conforme o tempo passa e conforme os homens desaparecem. A segunda, marca a linhagem dos ancestrais e, também, a linhagem adversária a essa (a qual o Outro se identifica) (Maingueneau, 2008).

É imprescindível que o discurso se fundamente em uma Tradição, mas ao mesmo tempo crie a sua própria Tradição de sentidos constitutivos. Logo, ele não se desprende da polêmica e nem da interdiscursividade para poder se constituir. Ele é obrigado a esquecer que não se fundamenta de um retorno às coisas, mas sim da mudança de outros discursos ou na polêmica que por si só é incapaz de construir um discurso. Esses conceitos nos ajudam a entender como formulamos, de forma mais profunda, a construção dos enunciados para que possamos entender como a cena enunciativa se constitui em cada discurso. A partir do entendimento de como se constitui um discurso, vamos analisar no próximo tópico deste capítulo as cenas que compõem a enunciação.

## **2.2 Tríade Discursiva**

O texto não é composto apenas por signos fixos, mas também pelas marcas deixadas pelos discursos onde a fala é “encenada” (Maingueneau, 2004). De acordo com os estudos de Maingueneau, é possível apontar em uma enunciação três cenas enunciativas: cena englobante, cena genérica e cenografia. Esses conceitos são importantes para compreender como o discurso se organiza e é influenciado por contextos mais amplos. Além do mais, nos ajuda a entender que o discurso não é uma expressão individual, mas também é moldado e influenciado por fatores externos. Ao considerar a cena englobante, a análise se estende para além do texto, examinando as forças sociais e culturais que moldam o discurso.

A cena englobante consiste no modo como um dado acontecimento se mostra nos textos e nos enunciados ou como devem ser considerados na descrição dos sentidos. Isto é, ela se refere ao contexto imediato em que um discurso ocorre e ao ambiente específico. A cena

englobante envolve aspectos mais abrangentes, como normas sociais, valores, ideologias, relações de poder, eventos históricos, entre outros elementos que influenciam a produção e interpretação do discurso. Ela corresponde ao tipo de discurso, além de ser responsável por proporcionar ao discurso sua condição pragmática: literária, religiosa, filosófica, política etc. É por meio dela que o enunciador pode situar-se na cena genérica e atribuir um gênero ao seu discurso, uma vez que seria inviável criar uma nova categoria para cada discurso realizado, dado que já existem categorias predefinidas que guiam nossos discursos, ou seja, os gêneros de discurso. Segundo Cano (2012):

Por meio dela (cena englobante), podemos ter a expectativa de encontrar papéis típicos que existem nessa cena, assim como gêneros típicos. Por isso, é que o reconhecimento de uma cena englobante, por parte dos coenunciadores, permite, minimamente, entrar em um discurso e não em outro, mas, além disso, não oferece mais elementos ao analista (Cano, 2012, p. 63-64).

Dessa forma, a cena genérica é a associação com um gênero discursivo e com uma “instituição discursiva”, como o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica etc. Portanto, o coenunciador não interage de forma direta com o discurso religioso ou com o discurso político na cena de enunciação, ele se relaciona com os *gêneros do discurso* que estruturam os discursos e definem seus papéis dentro da enunciação. Para entender melhor, podemos citar a cena englobante “política”, quando um sujeito que ocupa uma posição política se pronuncia, o coenunciador não se relaciona diretamente com o político em geral, mas com as representações sociais que envolvem o discurso político, isto é, os papéis de político e de eleitor. Logo, a cena genérica fornece o contexto concreto em que os gêneros são realizados e interpretados, em consequência da compreensão de que os gêneros de discursos são moldados e influenciados pelos contextos específicos em que são utilizados.

Segundo Maingueneau (2008, p. 139), “o gênero da prática discursiva impõe restrições que se relacionam com o contexto histórico e com a função social dessa prática”. Esses gêneros, que evoluem junto com a vida humana, tornam-se cada vez mais complexos ao longo do tempo, revelando um movimento dual: eles geram novos gêneros e exigem do sujeito novas habilidades no uso da linguagem para serem empregados em diversas situações, tornando-os assim heterogêneos. É importante ressaltar que um gênero é um enunciado que possui estilo, conteúdo temático e composição relativamente estáveis, inseparáveis e determinados pela especificidade de uma dada prática discursiva.

Nesse sentido, os gêneros são construções sígnicas, mas também sociais, como enfatiza o autor: “[...] o gênero define também as condições de utilização dos textos que dele derivam”

(Maingueneau, 2008, p. 134). Isso ocorre porque as particularidades individuais dos sujeitos influenciam os gêneros, provocando transformações tanto neles quanto na própria linguagem. No entanto, essa característica não inviabiliza o estudo dos gêneros, pois eles possuem uma certa estabilidade: estão em movimento contínuo e seguem padrões ou tendências que possibilitam sua identificação. Com base nisso, compreende-se que o uso dos gêneros não só contribui para a coesão e a coerência na interação discursiva, mas também é fundamental para a aquisição de conhecimento sobre o mundo. É nessa perspectiva que a cena genérica está intimamente ligada à forma como os contextos específicos influenciam a produção e interpretação dos discursos.

Para finalizar a tríade discursiva proposta por Maingueneau, a cena genérica em conjunto com a cena englobante formam o *quadro cênico* “que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido - o espaço do tipo e do gênero de discurso” (Maingueneau, 2004, p. 87). Porém, é com a cenografia que o leitor se depara de imediato, e não o quadro cênico. A cenografia faz com que o quadro cênico seja transportado para o segundo plano, isto é, antes de perceber a que gênero do discurso determinado enunciado integra, o coenunciador se depara com a cenografia transmitida pelo texto. Além do mais, a cenografia não consiste apenas em um quadro, como se o discurso fosse construído em um espaço já feito e independente dele próprio, mas sim na enunciação que se desenvolve para compor o seu próprio dispositivo de fala.

A fala constrói uma situação de enunciação que aos poucos vai sendo validada pela própria enunciação, é o que o autor denomina enlaçamento paradoxal. Segundo o autor: “a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra” (Maingueneau, 2004, p. 87). Ela é usada para legitimar um enunciado e esse enunciado deve legitimá-la e pode variar de acordo com o objetivo do texto. Logo, se um texto busca convencer seu leitor, a cenografia deve estimular a imaginação e atribuir uma identidade. Simultaneamente

Para exemplificar esses conceitos, podemos citar um episódio do programa da TV Cultura, Roda Viva, transmitido no dia 22/04/2024<sup>7</sup>, apresentado pela jornalista Vera Magalhães, que entrevistou a presidenta da Sociedade Esportiva Palmeiras, Leila Pereira. Para analisar a cenografia construída nessa situação de enunciação, vamos nos ater apenas para a pergunta realizada pela diretora editorial de marcas segmentadas da Editora Globo, Daniela Tófoli. Segue a transcrição:

---

<sup>7</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qvVuL7IX5Mw>>. Acesso em: 14/05/2024.

*Leila, continuando nessa trajetória de mudanças, em janeiro você convocou uma entrevista coletiva apenas com jornalistas mulheres que causou ali uma grande polêmica, ao ser questionada sobre o motivo né, você disse e afirmou que “O que eu digo aos homens é que eles não sejam histéricos.”, muita gente ainda não entendeu o motivo dessa coletiva e a sua resposta, explica pra gente (Daniela Tófoli, Editora Globo).*

Em seguida, Leila respondeu da seguinte forma:

*Daniela, foi um marco eu acho, não é? Na história, eu acho que no jornalismo, no futebol. Por que essa minha sensação? Eu noto que você vê no universo de trinta jornalistas, três, quatro são mulheres. Gente, isso não é possível, sabe. Nós temos dezenas, centenas de jornalistas muito, muito capacitadas. Eu falei “gente não é possível, nós precisamos fazer alguma coisa.” E aí eu refleti e convidei só mulheres. Eu queria que os cenografistas também fossem mulheres, mas infelizmente algumas emissoras não possuem. Então foram só mulheres jornalistas. E por que eu disse ‘não sejam histéricos?’ Porque quando eu convoquei essa coletiva só para mulheres, muitos homens reclamaram: ‘Por quê? Que discriminação!’ e eu falei ‘Gente, não sejam histéricos, vocês vão sentir em uma hora e meia, duas horas [...] o que nós sentimos desde que nós nascemos, nós somos discriminadas desde que nós nascemos, então vocês não podem suportar uma hora e meia?’. E, vou te falar, a partir dali eu vislumbrei que, Leila, você como presidente desse clube gigante, com a visibilidade que esse clube me oferece, eu preciso sim levantar essa bandeira (feminista) em prol de nós, mulheres, que nós somos capazes também, nós só queremos mais oportunidades. [...] Eu já falei com a nossa assessoria que vou cobrar, não é, dos veículos que mandem mais mulheres. Vera, a gente não vai conseguir coibir, não é, esse problema que é estrutural do dia pra noite. É um trabalho constante, constante de todas nós mulheres, não é só da Leila Pereira, de todas nós (Leila Pereira, Presidente do Palmeiras).*

A entrevista com a presidenta do Palmeiras ocorreu logo após denúncias de violência sexual cometidas por renomados ex-jogadores de futebol, Daniel Alves e Robinho, que incentivaram toda a sociedade a refletir sobre o valor da mulher para homens milionários que podem “comprar” sua liberdade e inocência. Dessa forma, a presidenta Leila ganhou destaque, não só por ser a primeira mulher a chefiar a delegação da Seleção Brasileira de Futebol masculino e a presidir o Palmeiras, mas, principalmente, por se posicionar publicamente sobre as condenações dos ex-jogadores.

Assim, podemos afirmar que o discurso midiático constitui a cena englobante, enquanto a entrevista representa a cena genérica. No entanto, esses elementos são colocados em segundo plano pela importância da cenografia, que destaca o debate sobre feminismo, violência sexual e a representação da mulher no futebol, um ambiente tradicionalmente considerado masculino. O lugar físico em que a entrevista é realizada corresponde aos padrões do gênero entrevista: os entrevistadores ocupam um lugar de destaque e se revezam para fazer as perguntas, enquanto a

entrevistada fica no centro de todos respondendo às perguntas da forma que considera adequada. Contudo, os objetivos deste programa vão além de simplesmente reforçar esses padrões. A entrevista é estruturada para permitir que uma mulher fale sobre um tema pouco abordado por mulheres, como o futebol, além de discutir temas como a ocupação de uma posição de prestígio e de presidência por uma mulher, bem como questões relacionadas ao feminismo. A cena englobante e a cena genérica nos permitem adentrar na cenografia e participar ativamente da discussão acerca desses temas, principalmente para subverter a ideia de que mulheres não pertencem ao mundo do futebol e, portanto, não são capacitadas para ocupar cargos de poder e decisão.

A participação das mulheres no futebol tem crescido e sido debatida cada vez mais pelo movimento feminista que defende a participação das mulheres em meios que antes eram classificados como apenas masculinos, estimulando a igualdade de oportunidade e, sobretudo, o respeito. Esses são aspectos que são retomados pela cenografia construída na entrevista da presidenta do Palmeiras, buscando reafirmar que é cada vez mais inaceitável a violência contra as mulheres e a cultura do estupro. Esse debate enfrenta obstáculos ainda maiores para adentrar determinados meios, como o futebol. Assim, uma mulher presidente de um dos maiores clubes de futebol do Brasil se posicionar e levantar a bandeira do feminismo é um marco na história da luta das mulheres.

Entender como a entrevista (cena genérica) e o discurso midiático (cena englobante) se estruturam é importante para entender como essa cenografia é construída e para entender como ela passa a ser o primeiro plano da cena de enunciação. Os coenunciadores que participam da constituição da cenografia contribuem para que a discussão seja ainda mais aprofundada com perguntas e questionamentos que fazem não só a entrevistada refletir, mas também os espectadores.

Ao abordar questões como essas em sua fala, Leila Pereira está assumindo um risco para tentar atingir seu público-alvo e legitimar essa cenografia. Maingueneau (2004, p. 87) afirma que “a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala”, isto é, é por meio da sua enunciação (as respostas que estrutura para as perguntas da entrevista) que a cenografia vai se estabelecendo e validando a própria enunciação. Esse paradoxo permite que a cenografia seja constituída de forma que a enunciação cumpra com seus objetivos, no caso da entrevista de Leila, o objetivo de refletir e denunciar sobre a representação da mulher no futebol. Neste caso que estamos analisando brevemente, a cenografia se manifesta

completamente, pois a entrevistada (Leila) se mantém um pouco distante do coenunciador, ou seja, apesar de todos estarem falando sobre a participação da mulher no futebol, é apenas ela que ocupa um cargo de prestígio no Palmeiras, mas também a cenografia pode ser controlada por ela por meio de suas respostas.

O discurso e a cenografia são construídos mutuamente, isto é, o discurso é legitimado pela cenografia que, por sua vez, é legitimada pelo discurso durante seu desenvolvimento. A cenografia é construída para a adaptação de determinado discurso e é escolhida a partir das necessidades discursivas. Por exemplo, no discurso de uma mulher, podemos reconhecer seus ideários de feminismo, de igualdade e de luta por legitimidade no lugar que ocupa, ao mesmo tempo que a cenografia é construída e desenvolvida para se adaptar aos elementos requeridos pelo discurso, mesmo que a cena englobante e genérica sejam deixadas em segundo plano. É isso que percebemos na entrevista com Leila Pereira, a cenografia é construída em conjunto com seu discurso e, a partir disso, podemos atribuir a ela formas de ser no mundo.

Além de entender como a cenografia se estrutura, também podemos identificar o desentendimento parcial que existe no discurso criado a partir da polêmica que reside no Outro. Ao se reconhecer como pertencente de uma comunidade, Leila reconhece a importância do feminismo, principalmente na fala *“levantar a bandeira do feminismo”* e, conseqüentemente, rejeita a comunidade da violência contra as mulheres, em específico, a cultura do estupro que muitas vezes é perpetuada no meio do futebol. É a partir dessas circunstâncias que é possível reconhecer a existência da relação entre o “Outro” e o “Mesmo” no discurso, o discurso feminista é construído a partir de um Mesmo, mas também a partir da rejeição do Outro, o discurso da violência contra a mulher. A interincompreensão se manifesta a partir dessa relação, ao rejeitar o Outro, não conseguimos entendê-lo, apenas o vemos como o oposto daquilo que defendemos e, portanto, não compreendemos. Isto é, a interincompreensão permite que seja possível definir o que é machismo a partir de práticas violentas contra as mulheres, mas que não são reconhecidas como tal pelos sujeitos que compactuam com elas. Por outro lado, os sujeitos que defendem a igualdade de gênero reconhecem essas práticas como violentas, portanto, não as compreendem.

A entrevista da presidenta Leila foi citada neste trabalho apenas com a finalidade de explicar os conceitos que foram apresentados neste tópico, porém um dos objetivos do trabalho é analisar a constituição dessas cenas no discurso político da primeira-dama Janja. No próximo tópico, vamos analisar como o ethos é construído por meio do discurso e como a imagem do enunciador pode ser construída pelo coenunciador.

### 2.3 O ethos discursivo

Neste tópico, iremos discutir sobre o ethos. A fundamentação desse conceito nos estudos linguísticos atuais encontra ancoragem em Aristóteles. Para entender esse conceito, é importante considerar as definições de cenografia, cena englobante e cena genérica, a fim de compreender como o ethos se constituirá na situação de enunciação.

Para tanto, retornamos aos estudos de Aristóteles que compreende o ethos como um elemento importante para a persuasão (Eggs, 2016). Na retórica aristotélica, o conceito de "ethos" refere-se ao caráter ou à credibilidade do orador, que desempenha um papel crucial na persuasão. O ethos se concentra na percepção do caráter moral e da credibilidade do orador pelo público. Um orador com bom ethos é visto como confiável, moralmente íntegro e competente, o que torna seu discurso mais persuasivo. Aristóteles argumenta que o ethos pode ser construído através do discurso, por meio da demonstração de virtudes como prudência (sabedoria prática), virtude moral (caráter ético) e boa vontade (intenção positiva em relação ao público). Esses elementos ajudam a estabelecer uma conexão de confiança entre o orador e o público, essencial para a eficácia do discurso persuasivo (Eggs, 2016). O ethos de Aristóteles está muito mais ligado à oralidade e à intenção de persuadir um auditório.

A partir dos estudos filosóficos sobre o ethos desenvolvidos por Aristóteles, foi possível estudar a *imagem de si* que o orador constrói em seu discurso a fim de persuadir seu auditório sobre algo. A imagem de si pode ser construída a partir da intenção do discurso e das características do auditório, mas na perspectiva aristotélica, a construção dessa imagem não considera fatores sociais externos à situação de comunicação composta pelo orador e pelo público. O estudo do ethos “[...] examina as instâncias que contribuem para a constituição da interação verbal enquanto tal. Ela (análise pragmática) também analisa o locutor e a maneira como ele se engaja na interlocução construindo uma imagem de si” (Amossy, 2016, p. 122).

Quando analisamos a construção do ethos sem considerar “o status social do sujeito empírico” (Amossy, 2016, p. 122), podemos retomar a Teoria Polifônica de Ducrot para evidenciar a diferença entre o locutor ao qual atribuímos a responsabilidade do discurso e o locutor empírico, o ser no mundo, respectivamente locutor (L) e locutor ( $\lambda$ ). Ducrot, em seu livro “*O Dizer e o Dito*” de 1984, desenvolve essa teoria a partir da crítica que faz à unicidade do sujeito falante, ou seja, a relação da enunciação com o sujeito que enuncia é uma relação na qual o que se representa nos sentidos dos enunciados é uma multiplicidade de instâncias enunciativas. Dessa maneira, a teoria polifônica desenvolvida por ele enfatiza que um único enunciado pode refletir diferentes posições ou vozes, mostrando que o sentido não é unificado,

mas sim um entrelaçamento de diversas perspectivas. O sentido estabelecido por um enunciado se deve às diversas instâncias enunciativas que são mobilizadas por ele, isto é, em um mesmo enunciado é possível reconhecer a origem dos sentidos em diversas manifestações e não apenas na do sujeito falante. A crítica à unicidade do sujeito na enunciação, defendida pela polifonia, ajuda a distinguir entre o autor empírico (o autor físico e criador do enunciado) e o locutor (a fonte responsável pela enunciação no texto). Essa distinção é feita mesmo quando há apenas um falante real, indicando que na enunciação não se deve associar o discurso a um único sujeito.

Ao analisar um enunciado a partir da polifonia, estamos identificando e distinguindo as diversas vozes (locutor L) que o locutor (locutor  $\lambda$ ) pode apresentar ou evocar. Logo, a diferenciação de sujeitos na enunciação e a polifonia podem ser resgatadas em termos de *ethos*, uma vez que “analisar o locutor L no discurso consiste não em ver o que ele diz de si mesmo, mas em conhecer a aparência que lhe conferem as modalidades de sua fala” (Amossy, 2016, p.15). O *ethos* se relaciona com o locutor L, isto é, com a figura que atribui a si a responsabilidade da enunciação no enunciado, essa figura já vem investida de características que vão favorecer ou prejudicar a adesão do enunciado pelo público. Tanto o *ethos* quanto a polifonia enfatizam, na fala, o objetivo de influenciar o público. Portanto, as marcas de outras vozes podem ser identificadas na construção do *ethos* discursivo. Ao construir uma imagem de si, o enunciadador passa por um processo de estereotipagem<sup>8</sup> do coenunciador a fim de adaptar seu discurso para que seja incorporado por ele, uma vez que a pragmática contemporânea “define o *ethos* como um fenômeno discursivo que não deve ser confundido com o status social do sujeito empírico” (Amossy, 2016, p. 122).

Essa relação entre as teorias nos ajuda a compreender a noção da construção do *ethos* discursivo, a construção de uma imagem de si, aprofundada por Maingueneau em seus trabalhos de pragmática e de análise do discurso. Como já abordado neste capítulo, Maingueneau estuda a cena de enunciação e os elementos que compõem essa cena, portanto o autor trabalha o *ethos* como parte constitutiva da cenografia e não como elemento essencial na persuasão, como a retórica faz.

Segundo Maingueneau (2016), existem duas razões pelas quais é possível recorrer ao *ethos*, são elas: a relação crucial com a enunciação e a relação entre corpo e discurso que o *ethos* envolve. A instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não é apenas um estatuto ou um papel, ela também é revelada como uma “voz” e como “corpo enunciante” que está

---

<sup>8</sup> Para Amossy (2016), o processo de estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado” (Amossy, 2016, p. 125).

historicamente especificado e inscrito em uma situação onde a enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente o discurso. Ou seja, o discurso do sujeito não é apenas um conjunto de signos linguísticos, mas também sustenta uma ideologia intrínseca ao seu meio social. De acordo com Maingueneau:

Apresentamos os enunciados como sendo o produto de uma enunciação que implica uma cena. Mas isso não basta: toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz - a de um sujeito situado para além do texto (Maingueneau, 2004, p. 95).

Além dos elementos linguísticos, existem outros elementos que podem ser considerados para a análise do ethos. A incorporação do ethos é realizada pelo discurso, mas também durante o discurso, a partir de como a cenografia é articulada pelo enunciador e recebida pelo coenunciador. Esse é um dos motivos pelos quais o ethos se configura como parte integrante da cenografia, a articulação da cena de enunciação considera a construção da imagem do enunciador como um elemento importante para mudar ou reafirmar a cenografia constituída.

Para a Retórica de Aristóteles, o ethos pode ser traduzido para o português, de forma bastante inapropriada, como “caráter”, e está relacionado com a enunciação, não com um saber extradiscursivo sobre o enunciador (Amossy, 2016). O ethos deve carregar o caráter que o enunciador deseja passar para os coenunciadores, independente da sinceridade, ao mesmo tempo que o enunciador afirma alguma coisa, ele pode negar outra por meio de seu ethos. Dessa forma, podemos dizer que o ethos se desenvolve no registro do “mostrado” e, em consequência, no do “dito”. A eficiência do ethos está no fato de envolver a enunciação sem ser explicitado no enunciado. De acordo com Maingueneau (1993), o ethos não é dito explicitamente, e sim mostrado.

[...] O que o orador pretende ser, ele o dá a entender e mostra: não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir. O ethos está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’, (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é portanto, o sujeito da enunciação uma vez que enuncia o que está em jogo aqui (Maingueneau, 1993, p. 138).

É, assim, que podemos relacionar o ethos com o locutor L desenvolvido por Ducrot, pois esse autor conceituou o ethos discursivo a partir da diferença entre *Locutor-L* (o enunciador) e o *Locutor-λ* (o locutor enquanto ser no mundo) – “distinção que se cruza com a dos pragmáticos entre *mostrar* e *dizer*: o ethos se mostra no ato de enunciação, ele não se diz no enunciado” (Maingueneau, 2020, p.11). A construção do ethos não se baseia em afirmações ou apontamentos que o enunciador pode fazer de si mesmo, mas sim a partir da entonação, da oratória, dos gestos, da vestimenta e das escolhas das palavras, assim o coenunciador pode ir

atribuindo um ethos ao enunciador. Mas também pode se basear em afirmações sobre outros objetos de dizer (que não o “e”), pois, para Ducrot, o ethos é uma projeção do sujeito falante no dizer. Ou seja, essa construção do ethos está diretamente ligada ao sujeito representado como fonte da enunciação e não como o sujeito empírico. Se o ethos está ligado à enunciação, é possível que o coenunciador atribua ao enunciador algumas características antes mesmo que ele fale, o que chamamos de estereótipos. Porém, adentraremos nas questões de estereótipos no próximo tópico deste capítulo.

Dessa forma, o ethos se mostra no discurso de acordo com as escolhas feitas pelo orador. Para Maingueneau, essas escolhas estão ligadas, principalmente, à “maneira de se exprimir” (Maingueneau, 1993, p. 138). Ao se afastar dos estudos retóricos, Maingueneau atribui uma “vocalidade” ao enunciado que pode determinar um corpo para o enunciado, não o corpo físico, mas um respaldo que transmite confiança para o enunciado, agregando mais legitimidade. “Assim a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (Maingueneau, 2016, p. 72). Essa figura do fiador deve ser construída pelo coenunciador a partir dos elementos linguísticos presentes no enunciado. Dessa forma, confere-se ao fiador uma corporalidade, relacionada à compleição física, à forma de se vestir e ao modo de se mover, bem como um caráter, correspondente aos traços psicológicos.

O ethos implica o caráter e a corporalidade do enunciador, o que é essencial nas representações sociais que podem ou não ser valorizadas, isto é, o enunciador recebe uma imagem construída pelo coenunciador a partir da maneira que constrói seu discurso, considerando comportamentos, feições, gestos e escolhas linguísticas. Segundo Maingueneau (2020):

Na elaboração do ethos, interagem ainda elementos de naturezas muito diversas: da escolha do registro linguístico e vocabular ao planejamento textual, passando pelo ritmo e pelo figurino... Não se trata de uma representação estática, mas de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor (Maingueneau, 2020, p. 10).

Assim, o ethos exerce um controle implícito sobre o corpo, compreendido por meio de comportamentos socialmente estabelecidos. A corporalidade e o caráter são atribuídos ao fiador por meio de representações sociais que podem ser valorizadas ou não, ou seja, estereótipos que a enunciação utiliza para fortalecer ou modificar. Falamos sobre a incorporação do coenunciador para definir a maneira como ele se relaciona com o ethos de um fiador de um discurso. Essa incorporação usada para denominar a maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao ethos discursivo pode ser dividida em três registros indivisos: (I) a enunciação do

texto é responsável por dar ao fiador uma corporalidade; (II) o coenunciador incorpora essa corporalidade reconhecendo em seu próprio corpo uma maneira de ser no mundo; (III) essas duas incorporações anteriores constituem um corpo que corresponde a uma comunidade imaginária que compactua com esse mesmo discurso.

Mas também podemos apontar um paradoxo nesse conceito de ethos, pois é por meio do enunciado produzido pelo enunciador que o seu dizer deve ser legitimado. Isso reforça a ideia de que não podemos separar o conteúdo da cena enunciativa. Assim, o coenunciador passa por dois processos de incorporação resultante da ação do ethos sobre ele, que são: o coenunciador atribui um ethos para o fiador; ele incorpora um conjunto de esquemas que definem um determinado sujeito, caracterizando seu jeito de ser no mundo. Por fim, essas duas incorporações permitem a criação de um corpo, o da comunidade imaginária daqueles que adotam a posição de um mesmo discurso.

Não consideramos o enunciador como uma fonte fixa que se “expressa” de uma forma específica. Em uma análise mais profunda, entendemos a instituição discursiva como moldada por questões culturais e sociais, que determinam as representações sociais e momentos que legitimam a enunciação. Assim, o enunciador se manifesta pelas maneiras como o enunciado pode ser formulado, se efetivar como dizer e circular na sociedade.

A cena de enunciação é composta pela cena englobante, cena genérica e a cenografia - como já visto anteriormente -, em alguns casos, o discurso pode ser reduzido apenas à cena englobante ou à cena genérica a que pertence, mas é na cenografia que é possível analisar profundamente a relação dos elementos internos que compõem a cena. Assim, é na cenografia que o discurso possui mais "flexibilidade" para se constituir. De acordo com Maingueneau (2016, p.77), “em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge”. Essa é a relação que a cenografia estabelece com o ethos.

A cenografia é o meio pelo qual o discurso vai sendo construído e, ao mesmo tempo, ela é concretizada pelo próprio discurso. O discurso é legitimado pela cenografia e, também, a cenografia vai sendo reforçada e legitimada pela construção do discurso, a fim de que a cena seja aquela requerida para a constituição de determinado discurso, é o que acontece nos discursos políticos, filosóficos, científicos etc. “São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio ethos, pelos quais esses conteúdos surgem” (Maingueneau, 2016, p.78).

A complexidade de sentidos que um discurso “carrega” é imposta tanto pelo ethos como pela “doutrina”; as “ideias” identificam-se por meio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser. Ainda, o poder da persuasão advém da capacidade de levar o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo constituído por valores historicamente especificados. “Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer” (Maingueneau, 2016, p. 73).

O discurso manifesta-se em um acontecimento registrado em um espaço sócio-histórico. Não se pode separar a organização de seus conteúdos e modo de legitimação de sua cena discursiva. A principal noção de ethos supõe um ethos que poderia ser chamado de escritural em oposição ao tradicional ethos oral. O primeiro exige do leitor a atividade da elaboração imaginária por meio de indícios textuais variados, já o segundo impõe a fala imediata de um enunciador encarnado, portanto esses dois critérios são muito diferentes (Maingueneau, 2016).

Assim, o enunciador leva em consideração, em uma organização discursiva que funciona em um determinado sistema cultural e que implica representações, lugares e momentos de enunciação legítimos, uma base material e um modo de circulação para o enunciado. O ethos tem um papel fundamental na legitimação do discurso, pois é por meio dele que o coenunciador atribui características ao enunciador. Essa análise pode ser feita a partir do entendimento de que o ethos é parte constitutiva da cena de enunciação, ao mesmo tempo em que é construído no interior dessa cena em uma relação de codependência.

É por isso que a constituição do ethos discursivo está relacionada com a cena discursiva. Ele leva em consideração os participantes, o cenário e o objetivo da troca verbal, pois a própria cena discursiva considera a distribuição das funções implicadas pelo gênero de discurso e pela cenografia. O ethos da linha aristotélica considera essa interação verbal de uma forma interna ao discurso, em contrapartida a linha sociológica considera a troca condicionada pelas regras sociais e as posições institucionais exteriores. Essas duas vertentes podem ser complementares para entender a construção do ethos discursivo: a perspectiva aristotélica fornece uma base sólida para os estudos do ethos, enquanto Maingueneau amplia essa compreensão ao incorporar o impacto do contexto social e institucional na formação do ethos.

No próximo tópico, vamos explorar a construção do estereótipo em nossa sociedade, buscando uma compreensão mais profunda de como o ethos é formado.

## **2.4 Estereotípias na construção da imagem de si**

Quando pensamos nas posições institucionais exteriores como influentes na construção do ethos, podemos, automaticamente, pensar também no estabelecimento de uma padronização social, ou seja, os estereótipos. O enunciador constrói a imagem de si durante seu discurso, mas, anterior a isso, existem estereótipos que são construídos para além do discurso. Assim, para que os enunciadores tenham sua imagem reconhecida pelo auditório, é preciso que sejam relacionadas com modelos culturais. Essa estereotipagem é um procedimento que nos leva a relacionar o real com uma representação cultural preexistente como sentidos dominantes. Vale a pena lembrar que sempre há outros sentidos possíveis para os dizeres. Dessa forma, a comunidade pode avaliar e perceber o sujeito por meio de um modelo pré-construído. Segundo Amossy (2016, p. 121), “[...] a eficácia da palavra não depende do que ela enuncia, mas daquele que a enuncia e do poder do qual ele está investido aos olhos do público”.

No interior de uma concepção argumentativa, o estereótipo permite atribuir as maneiras de se mostrar particulares de um grupo e os conteúdos globais da crença comum e da opinião popular que ele integra. Logo, a ideia, certa ou errada, que o enunciador cria de seu auditório é responsável por orientar seu esforço para se adaptar a ele. A construção da imagem do auditório passa necessariamente pela estereotipagem, isto é, o enunciador adequa sua apresentação aos padrões que ele acredita que são valorizados por seu auditório e, para isso, o discurso lhe oferece todos os recursos necessários para compor a imagem do enunciador. Portanto, são as características relacionadas com a pessoa do enunciador e a situação na qual essas características se manifestam que permitem construir sua imagem, entretanto a construção dessa imagem sofre influência dos modelos culturais que facilitam a inserção das informações em uma estrutura preexistente.

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica (Amossy, 2016, p. 125-126).

Socialmente, existem imagens construídas que são cristalizadas, isto é, as formações de padrões sociais se tornam rígidas e amplamente aceitas na sociedade como sentidos dominantes. Essas construções são tidas como “uma referência” ao que devemos atingir e seguir para ter nossa imagem legitimada pela sociedade. Esse padrão estabelecido simplifica e reduz a existência de um grupo de pessoas ou de coisas, podendo ser baseada em generalizações exageradas e preconceituosas. E, ainda, esses conceitos são amplamente difundidos na sociedade e podem influenciar a maneira como vemos e tratamos os outros. Esse processo de

padronização pode ser positivo ou negativo, mas muitas vezes são redutores e não refletem a complexidade e diversidade dos sujeitos ou situações que pretendem representar.

Os estereótipos são avaliados com base nessa ideia de cristalização de uma imagem. Os sentidos são atribuídos ao discurso não apenas por meio do ethos, mas também pelas ideias que o enunciador transmite, essas ideias se manifestam por meio da “maneira de dizer” que caracteriza a “maneira de ser” (Maingueneau, 2004).

A criação de percepções por meio do discurso ocorre de duas maneiras: pelo ethos e pelas ideias que transmitem, ou seja, a criação de uma imagem pelo coenunciador está relacionada àquilo que o enunciador transmite em seu discurso. O poder de persuasão de um discurso, em partes, corresponde a levar o leitor a se identificar com a enunciação repleta de valores. Deste modo, o ethos remete à imagem do fiador que, por meio de sua fala, atribui uma imagem coerente com o universo que construiu no seu enunciado.

Nesse contexto, a construção da imagem do fiador é influenciada pela presença de outras vozes que produzem marcas polêmicas que são carregadas pela enunciação. E o discurso é marcado por uma encenação que pode ser dividida e analisada de acordo com elementos que não se restringem apenas à enunciação, mas que também se importam com o conjunto de elementos que compõem o ambiente em que a enunciação se passa.

Não é difícil encontrar estereótipos e como eles circulam na nossa sociedade, pelo contrário, o tempo todo lidamos com esses “blocos” de informações prontos que recebemos da sociedade que usamos em vários aspectos, sejam eles negativos ou positivos, como a padronização dos corpos femininos ou a diferenciação entre um meio formal e um meio informal. Dessa forma, temos a presença da estereotipia em todos os meios que podemos pensar, como no político, no social, no feminista, no machista ou no meio preconceituoso e violento. Para exemplificar o que discutimos neste tópico, trazemos para uma breve análise o Projeto Cara de Mãe<sup>9</sup>, criado pela fotógrafa Marcelle Cerutti, em 2024. O projeto nasce do incômodo da fotógrafa de não se encaixar nos modelos sociais criados para as mães, ou seja, uma tentativa de recriar a imagem de uma mãe que existe para além da maternidade. Dessa forma, ele vai contra os estereótipos de mãe que existem, tanto com relação ao corpo, às roupas, ao jeito de falar e pensar, quanto à ideia de que uma mulher quando se torna mãe deve ter sua existência reduzida a isso.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/projetocarademaee?igsh=MWFxbndtdXZ4MTRoaA=>>>  
Acesso em: 27/05/2024.

A representação de mãe construída na nossa sociedade é plural e muitas vezes reflete expectativas culturais, sociais e históricas. Ela pode ser relacionada com estereótipos como amorosa, gentil e protetora, sempre colocando as necessidades dos filhos como prioridade, mas também pode estar ligada ao estereótipo de mãe que é percebida como negligente ou desinteressada na criação dos filhos, muitas vezes enfrentando julgamento na sociedade. Porém de maneira geral, o estereótipo que prevalece quando falamos sobre a mulher mãe é aquele de uma mulher que deve fazer tudo certo, desde cuidar dos filhos e da casa até ter sucesso na carreira. Este estereótipo sugere que a mãe deve ser capaz de equilibrar todas as responsabilidades sem cometer erros. Esses são alguns dos estereótipos dentre muitos outros que buscam definir uma mulher e suas escolhas como mãe, eles podem mudar de acordo com a cultura, com a sociedade e com a mídia. Esses estereótipos não apenas simplificam a complexidade da maternidade, mas também impõem expectativas e pressões que podem ser difíceis de atender. É importante reconhecer que cada mãe é única e que suas experiências podem variar amplamente.

Marcelle Cerutti olha para essa situação com certa reflexão, principalmente porque, muitas vezes, relacionamos ser mãe com a história da Virgem Maria da igreja católica, ou seja, uma mulher casta e santa. Ou ao fato de que uma mulher mãe deve estar sempre sobrecarregada, desarrumada e escondendo seu corpo. Assim, seu projeto de fotografia retrata mulheres mães das mais diversas formas, não com o intuito de acabar com os estereótipos que existem sobre as mães, mas sim aprimorá-los e expandi-los. Segundo a fotógrafa, “Ser mãe é político./ Ser mulher é político./ Insistir em não ser só mãe depois que se tem um filho é político./ Eu sigo, e sei que não sigo só” (Cerutti, Projeto Cara de Mãe, 2024).

É fato que convivemos com estereótipos o tempo todo e em todos os aspectos, mas esses estereótipos podem ser construídos socialmente a fim de não reduzir a existência de nenhum sujeito ao que deve ser “correto”. Se nos deparamos com uma multiplicidade de ser dos sujeitos, é condizente que haja estereótipos que acompanhem essa multiplicidade. Para ilustrar, segue abaixo algumas das fotografias da autora retiradas da página do Instagram do projeto<sup>10</sup> (Figura 1):

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/projetocarademae?igsh=MWFxbndtdXZ4MTRoaA=>>>  
Acesso em: 27/05/2024.

Figura 1: Postagens da página “Cara de mãe”



Fonte: Autora (2024).

Ser mulher na nossa sociedade já implica muitos estigmas, estereótipos e preconceitos, tudo isso pode ser acentuado quando a mulher se torna mãe. Nesse projeto, a fotógrafa também conversa com suas modelos sobre os estereótipos de mãe que elas “devem” reforçar e como a sua maternidade é aceita pela sociedade. São relatos que nos mostram como a identidade, os gostos, os comportamentos e as formas de se vestir mudaram desde que elas se tornaram mães, algumas até mudaram de profissão para assumir as responsabilidades da maternidade. A ideia do projeto é nos mostrar que não é necessário se enquadrar em definições construídas pela sociedade para ser considerada uma boa mãe, mas também busca aumentar as possibilidades de estereótipos que podemos enquadrar as mães na nossa sociedade, para ajudar na aceitação social de personalidades e identidades complexas e diferentes que fogem do que fomos ensinados a considerar padrão e correto. Dessa forma, é possível desconstruir a ideia de que a mulher se reduz, como pessoa ou como gênero, à maternidade. O próximo tópico deste capítulo é destinado à relação entre o discurso digital e o capitalismo. Este tópico foi escolhido a fim de

entender como o discurso é construído no meio digital, visto que o corpus deste trabalho é composto por falas da primeira-dama que circularam na mídia social.

## 2.5 Discurso Digital e Capitalismo

A sociedade tem se desenvolvido cada vez mais, aprimorando nossos recursos tecnológicos e digitais com o intuito de conectar diferentes partes do mundo, permitindo a circulação de informações e a interação entre culturas e mercados. O desenvolvimento significativo da internet e das mídias sociais desempenharam um papel central nesse sentido. Esse desenvolvimento tecnológico foi acelerado ainda mais com a pandemia do COVID-19<sup>11</sup>, pois a necessidade de isolamento social contribuiu para o aprimoramento acelerado de plataformas digitais para que o trabalho e o ensino-aprendizagem remotos fossem rapidamente colocados em prática.

Em um contexto pós-pandêmico, a tecnologia continuou a se desenvolver rapidamente e a ocupar todos os aspectos da sociedade<sup>12</sup>. O trabalho remoto se aprimorou ainda mais com a criação de Inteligências Artificiais (IA) para melhorar a produtividade. Isso também expandiu a interação online através das mídias sociais (TikTok, Instagram, Facebook etc), aumentando as relações no meio digital e o consumo de conteúdo, causando impactos positivos e negativos na forma como nos relacionamos. Embora tenham permitido novas formas de interação e comunicação, as redes sociais também modificaram a maneira como nos relacionamos com os outros, criando um conjunto de expectativas e complexidades. Isso mostra como a tecnologia não apenas facilita, mas também redefine a própria experiência de se relacionar na sociedade contemporânea.

Considerando o desenvolvimento acelerado da tecnologia e seus impactos na sociedade e nas relações sociais, Cristiane Dias (2018) formulou o conceito de "discurso digital" para examinar a construção e a circulação das enunciações no ambiente digital. Esse conceito abrange também a forma como as interações e identidades são moldadas nesse meio. Com isso, a autora investiga os significados atribuídos à tecnologia e como ela pode influenciar a percepção da realidade, buscando um olhar materialista sobre os discursos digitais. Segundo a autora:

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>> Acesso em: 12/11/2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>> Acesso em: 12/11/2024.

Em outros termos, sob a forma da universalidade, a tecnologia fornece-impõe uma realidade, com a qual os sujeitos se identificam. Ao contrário do que se parece se difundir, muito em função das possibilidades tecnológicas propiciadas pelo digital, tecnologia é um conceito extremamente opaco (Dias, 2018, p. 35).

Ao afirmar que a tecnologia é opaca, a autora busca pontuar que a tecnologia não é completamente transparente ou evidente, ou seja, essa “opacidade” da tecnologia refere-se aos processos, às lógicas e aos algoritmos subjacentes aos sistemas digitais que não são compreendidos pela maioria das pessoas, assim ela é passível de descobertas de sentidos que são apresentadas em diferentes textos. Existe uma barreira entre o funcionamento das tecnologias e os usuários, limitando a compreensão de como a tecnologia pode moldar as relações digitais e produzir significados no ambiente digital. A opacidade da tecnologia implica que, ao interagir com ela, os usuários podem descobrir significados diversos que estão embutidos nos textos e discursos digitais.

Essa descoberta de sentidos ocorre em diferentes contextos e formatos, sugerindo que o que se encontra na rede é multifacetado e pode ser interpretado de várias maneiras. Pois, assim como os discursos, a tecnologia possui uma natureza complexa e opaca que dificulta a compreensão total de seus significados. A opacidade tecnológica gera um afastamento entre os usuários e a estrutura de poder implícita nas plataformas digitais, pois os mecanismos que fiscalizam o conteúdo visualizado e até as próprias interações no meio digital são controladas por lógicas complexas e implícitas. Dessa forma, a opacidade da tecnologia levanta a necessidade de um olhar materialista para o discurso digital, pois entender como as plataformas digitais operam é fundamental para compreender como elas influenciam a construção de identidade e percepção da realidade (Dias, 2018).

O digital é entendido por meio da discursividade, que se relaciona à forma como os significados são gerados pela linguagem e pelo discurso. Essa discursividade se torna viável por meio da circulação, que ocorre quando o sujeito (usuário) se manifesta na rede, compartilhando suas opiniões, reflexões e identidades. Assim, a participação ativa do sujeito no ambiente digital é essencial para a formação de significados nesse contexto. Segundo a autora, “diríamos que o discurso digital se formula ao circular. E isso faz diferença na produção de sentidos. Essa mudança na ordem não quer estabelecer uma relação de anterioridade de um momento em relação ao outro, mas de perspectiva” (Dias, 2018, p. 29).

O meio digital não é apenas um meio de comunicação, mas também um espaço onde significados, valores e relações sociais são constantemente moldados devido à natureza

interativa do ambiente digital. A “circulação” não apenas cria significados, mas também permite que eles possam mudar ou ser reinterpretados dependendo do contexto social e dos grupos envolvidos. Isto é, o meio digital facilita a circulação de discursos e informações diferentes, permitindo que diferentes vozes e perspectivas sejam ouvidas e disseminadas, o que contribui para um ambiente onde os significados são redefinidos e renegociados constantemente. Além disso, os significados são construídos em conjunto no meio digital, moldando o que é visto e como são organizados esses discursos que circulam, isso acontece porque o meio digital espelha as normas, expectativas, valores e ideologias que já existem fora nas redes sociais.

Assim, os objetos digitais, como os smartphones, para citar um exemplo mais corriqueiro, não significam apenas por aquilo que eles podem fazer empírica e pragmaticamente, como um dispositivo digital, mas pelos discursos que os significam como objetos de inclusão, status (dependendo do smartphone), em processos sociais numa sociedade dividida (Dias, 2018, p. 40).

Os sentidos que são constituídos no meio digital são fruto dos valores e da ideologia que já existem na sociedade para além desse meio. Os valores e significados que circulam no ambiente digital podem reforçar ou subverter ideários que são constituídos na sociedade. Para Dias (2018), o discurso digital funciona como um “lugar” onde as trocas simbólicas acontecem e, ao mesmo tempo, como uma arena de poder que pode reforçar ou questionar normas sociais. O meio digital não é isento de desafios para a construção de significados, pois a opacidade da tecnologia, a manipulação de informações e a polarização política podem complicar a construção e o entendimento de discursos. Por isso, assim como na sociedade, no meio digital também é necessário um olhar crítico para interpretar os discursos que circulam. De acordo com a autora:

O discurso da mobilidade, da avançada tecnológica, do acesso à informação, da comunicação, das relações entre sujeitos, mas também o do poder aquisitivo, significam smartphone e são por ele significados. Portanto, o sentido da tecnologia é efeito do modo como ela é significada politicamente na constituição dos artefatos do mundo numa relação indissociável com a forma das relações sociais, políticas e econômicas, numa determinada formação social (Dias, 2018, p. 40).

Para entender o conceito de discurso digital e a influência da tecnologia na sociedade atual, podemos citar a “Superindústria do Imaginário” estudada por Eugênio Bucci (2021). Esse termo foi criado pelo autor para descrever a transformação dos meios de comunicação em uma indústria que, ao invés de apenas informar ou entreter, gera um ciclo interminável de produção de imagens e símbolos. Essa superindústria não vende apenas produtos, mas também vende estilos de vida e valores, moldando a percepção pública e até o comportamento social. No lugar

de refletir acerca da realidade, cria-se uma realidade ideal, onde tudo passa a funcionar como um espetáculo, sendo transformado em uma imagem que pode ser “vendida”.

Para tanto, o autor relaciona os conceitos de sujeito, ideologia e inconsciente ao explicar como as ideologias modernas e como o ambiente midiático afetam a construção da identidade dos sujeitos e a percepção da realidade. Para Bucci (2021), a ideologia não deve ser confundida com um simples conjunto de ideias, o que ele chama de “ideário”. Ele diferencia os dois termos ao argumentar que o ideário representa as ideias explícitas e visíveis, enquanto a ideologia opera de forma sutil e muitas vezes imperceptível. Segundo ele, o que percebemos facilmente na sociedade são os ideários, enquanto a ideologia permanece em um nível mais profundo e é menos diretamente identificável. Segundo ele, “falar é um ato de ideologia. Palavras transpiram ideologia. Nunca de propósito ou de caso pensado, mas de forma inconsciente.” (Bucci, 2021, p. 204)

Dessa forma, a ideologia é algo que opera de forma inconsciente, moldando a percepção dos sujeitos acerca da realidade. Ela age de forma sutil e invisível, penetrando na mente e moldando crenças e valores sem que os sujeitos percebam. Esse processo, segundo o autor, é tão profundo que atinge o inconsciente dos sujeitos. O sujeito pode acreditar que suas escolhas refletem sua própria vontade e verdade, no entanto, para Bucci (2021), estamos constantemente condicionados por uma ideologia internalizada em nosso inconsciente, que nos leva a reproduzir valores e crenças estabelecidos. Dessa forma, o indivíduo se torna, em grande parte, um produto da ideologia dominante, o que molda sua identidade, visão de mundo e até seu comportamento. Segundo Bucci (2021, p. 220), “ideologia e inconsciente desaparecem aos olhos do sujeito, que se reconhece coeso porque se desconhece. A primeira sonega seu caráter de classe porque o segundo, na outra ponta, sonega sua natureza de incompletude. Uma não age sem o outro”.

O poder a ideologia reside no fato de ela agir por “baixo da superfície”, tornando possível que os sujeitos interiorizem crenças, valores e normas sem questioná-los. Como exemplo de ideologia, podemos citar a valorização do consumo para alcançar a felicidade e a realização. Essa ideologia é reforçada diariamente por comerciais, publicidades e redes sociais que relacionam a compra de produtos de qualquer tipo à felicidade, sucesso e realização pessoal. Sutilmente, os sujeitos são levados a crer que não podem viver sem determinado produto, roupa, aparelho eletrônico, acessório ou até mesmo automóveis, dificultando a percepção de que esse desejo é impulsionado por uma ideologia consumista que beneficia o sistema econômico. Como exemplo de ideário, podemos citar a famosa frase “trabalhe enquanto eles dormem”, que valoriza a hiper produtividade de sujeitos para alcançar o sucesso profissional e pessoal. Esse

ideário é facilmente identificável em redes sociais, livros de autoajuda e discursos motivacionais que priorizam rotinas intensas de trabalhos para alcançar a prosperidade, sem considerar a saúde mental e física, as complexidades da vida moderna e raramente obtém sucesso.

Bucci (2021, p.224) afirma que “a tecnologia é nova, mas sua ideologia não é”. Isso significa que, embora a tecnologia tenha evoluído, as ideologias internalizadas no inconsciente do sujeito continuam as mesmas, baseadas em uma lógica capitalista. A novidade está apenas na maneira como essas ideologias são agora difundidas e reforçadas pelo meio tecnológico em que vivemos. Ainda segundo ele, “para ela (ideologia), não importa *o que* se diz, mas *como* se diz. O *como* é a certeza” (Bucci, 2021, p. 229). A ideologia se apropria do vazio como conteúdo, e oferece ao sujeito um lugar desprovido de sentido ao qual ele possa pertencer. Esse "vazio" acaba sendo preenchido pela própria ideologia, que constrói um espaço de aparente significado para o sujeito, mas que na verdade não contém um conteúdo genuíno (Bucci, 2021). Portanto, a ideologia opera no inconsciente do sujeito para criar uma imagem de realidade que parece natural e inquestionável. Assim, ela “aprisiona” o sujeito, transformando-o em um agente que perpetua e reforça o sistema ideológico, mesmo sem estar consciente disso.

Ainda, a materialidade da linguagem é fundamental para transmitir e perpetuar as ideologias, é por meio dela que as ideologias dominantes podem ser reforçadas, muitas vezes de forma sutil e imperceptível, agindo no nível material das interações cotidianas. Para Bucci (2021, p. 229), “a materialidade não está nas intenções, nas declarações, nas teses manifestas, nem mesmos nos interesses de classe: está nos signos”, isto é, a ideologia é propagada por meio de signos, que, por sua vez, carregam e reforçam essas ideologias. Isso acontece porque os signos não são neutros, mas sim carregados de ideias que influenciam como eles são compreendidos. Para Bucci, “é por aí que a televisão e as redes sociais, que são usinas de signos fervilhantes (não de conteúdos dotados de coerência), dão suporte material à ideologia” (Bucci, 2021, p. 230).

Como exemplo, podemos pensar na palavra “beleza” e nos significados que ela carrega. Em uma sociedade capitalista, essa palavra é constantemente relacionada com padrões estéticos específicos que favorecem determinadas características físicas, como a magreza, juventude etc. O signo “beleza” carrega uma ideologia que relaciona a aparência física com o sucesso profissional e pessoal. A mídia utiliza-se desse signo para reafirmar o consumo e estabelecer normas sociais sobre a aparência física.

A Superindústria do Imaginário atua no sujeito dividido, “ela consegue prestar serviços tanto para o inconsciente do sujeito como para o ‘eu’. Ao mesmo tempo que entrega ao

inconsciente o que o inconsciente deseja secretamente, mantém para o ‘eu’ a ilusão de que presta contas somente a ele, que se sente o chefe de tudo [...]” (Bucci, 2021, p. 295). A materialidade de ideologias dominantes em signos oferece ao inconsciente do sujeito algo pelo o que ele pode se preencher e se sentir completo, mas também oferece ao “eu” a noção falsa de que está no controle total de suas decisões e escolhas, sempre em busca de oprimir a sensação de incompletude. Ainda, “a Superindústria produz seu valor a partir do sujeito dividido, mas recebe seu pagamento do sujeito que se imagina sempre no comando, livre de qualquer vazio. A Superindústria interpela o inconsciente, mas seu freguês é o ‘eu’” (Bucci, 2021, p. 295).

É dessa forma que o capitalismo influencia os indivíduos: ele se apropria de significados que parecem preencher o vazio inconsciente, fazendo com que o "eu" acredite estar no controle de suas escolhas. Um exemplo é o consumismo desenfreado, sustentado pela lógica capitalista, que opera no inconsciente, levando as pessoas a acreditarem que sua sensação de incompletude pode ser aliviada com compras excessivas. Isso cria um ciclo interminável, pois esse vazio nunca é realmente preenchido, mas a ideia continua sendo alimentada pelo sistema. Assim, o indivíduo, buscando constantemente se preencher, acaba preso no ato de consumir.

Segundo o autor, “[...] os significados não são os corpos das coisas propriamente ditas, não são elementos físicos externos a linguagem: os significados são as ideias que fazemos desses objetos, que passam a ser identificáveis e nomeáveis graças à linguagem” (Bucci, 2021, p. 298). O capitalismo não vende apenas objetos físicos, mas sim as ideias do que esses objetos podem representar para os sujeitos, como a possibilidade de melhorar a vida, alcançar padrões de beleza, atingir a realização pessoal e pertencer a uma sociedade em que todos os sujeitos estão comprando essas ideias. Ele comercializa a ilusão de que adquirir produtos é o caminho para satisfazer essas necessidades e se conectar a um ideal coletivo de sucesso e pertencimento.

Para a Ciência da Comunicação, o capitalismo opera dessa forma “invisível”, como um fantasma (Bucci, 2021). Para a linguagem, o sujeito dividido - “aquele que fala e aquele a quem falta” (Bucci, 2021, p.309) - pode ser preenchido por significados, e é isso que o capitalismo torna como seu maior produto. Bucci afirma que:

Disso resulta que o sujeito se relaciona com os outros sujeitos não como aquele sujeito que porventura ele pense ser, não como aquele que declara ser, nem mesmo como o sujeito que os outros sujeitos dizem que ele é ou pensam que ele é, mas como significante (Bucci, 2021, p. 309).

Assim, o capitalismo transforma o Imaginário em produto, o fantasma do capitalismo entrega ao sujeito dividido uma completude imaginária que o faz esquecer da sua falta incurável. Então, “a Superindústria do Imaginário é, em síntese, o nome que damos ao

monopólio do capital sobre o Imaginário, nada menos que isso” (Bucci, 2021, p. 310). O corpo do capitalismo atua como um dispositivo destinado a oferecer ao sujeito uma sensação ilusória de preenchimento completo, em vez de se limitar a produtos físicos que podemos manipular diretamente. Ainda segundo o autor, “tudo que o capitalismo promove - roupas, automóveis, o jeito de se vestir, um discurso sobre o ser amado - será tomado pelo sujeito dividido como o objeto que lhe falta e que supre o que lhe falta” (Bucci, 2021, p. 311-312).

É por meio da linguagem que tudo isso se concretiza e que os significantes atuam no inconsciente, e, com o avanço da tecnologia, a Superindústria do Imaginário opera no âmbito do discurso digital. As redes sociais, por exemplo, representam o palco ideal para essa superindústria, pois possibilitam a disseminação e o consumo em massa de imagens e discursos. O discurso digital está intrinsecamente ligado à superindústria, pois ambos refletem como a sociedade moderna se define por meio de narrativas e imagens digitais.

Isso fica claro nas redes sociais que são espaços onde as interações se tornam parte de um mercado de “likes”, “views” e “shares”, transformando os usuários em “produtos” consumidos por outros usuários e pela própria plataforma. As redes sociais e as plataformas digitais como o Instagram, Facebook e TikTok capitalizam em cima da produção e consumo de imagens, criando um ciclo em que usuários produzem conteúdo enquanto consomem conteúdo de outros. Esse ciclo alimenta a ideia de uma sociedade baseada em imagens, na qual a visibilidade pública se torna um valor central.

A superindústria que acontece por meio do discurso digital também pode ser percebida na política brasileira, uma vez que políticos e campanhas são “vendidos” nas redes sociais como produtos que devem atrair “seguidores” e “likes”, conseqüentemente, eleitores. O discurso digital político é um produto midiático, pois a maneira como a ideia ou a pessoa é percebida se torna quase tão importante quanto a essência desse discurso. Atualmente, a manifestação linguística ganha mais força nas redes sociais através de hashtags, vídeos curtos e virais e memes, que contribuem para engajar e polarizar o público. Dessa forma, a política é parte do meio digital, onde as redes sociais não só informam, mas atuam ativamente para formar opiniões. Segundo Dias (2018):

o digital produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social, uma nova relação das práticas políticas e discursivas que não são da ordem da banalidade. É preciso compreendê-las para além do utilitário dos sistemas aplicativos que facilitam a vida, a circulação dos dizeres e o armazenamento das memórias. Essa compreensão passa pela sobredeterminação do político ao econômico, ao consumo, ao mercado de dados (Dias, 2018, p. 170).

A política se apropriou do discurso digital para ser consumida e distribuída como entretenimento, muitas vezes moldada pelas expectativas do público. Este trabalho, como já mencionado, analisa a construção do ethos da primeira-dama Janja, utilizando vídeos postados em seu perfil no Instagram. Compreender como a Superindústria do Imaginário opera por meio do discurso digital nos ajuda a entender por que figuras políticas precisam continuamente alimentar suas redes sociais. Esses vídeos têm o objetivo de alcançar o maior número possível de pessoas, trazendo visibilidade às ideologias de determinados partidos, bem como aos projetos e pautas sociais que defendem. O próximo capítulo será destinado para refletir a constituição do gênero na nossa sociedade.

### 3 QUESTÕES DE GÊNERO

O debate acerca do feminismo e do conceito de gênero tem se ampliado cada vez mais em diversos espaços sociais, desde os públicos e amplos até os familiares. A sociedade tem passado por mudanças e transformações constantes e, muitas vezes, o progresso do feminismo pode estar mascarado pelo desenvolvimento desenfreado da sociedade, que é, sem dúvida, de extrema importância para nós e para nosso crescimento, mas é essencial ressaltar o papel do movimento feminista nesse avanço social. Em outras palavras, “o feminismo é um elemento crucial na mudança de comportamentos que se observam hoje, em diferentes níveis: sexualidade, casamento, filhos, trabalho, política... na verdade, em todos os níveis da vida de cada homem e mulher deste país” (Goldenberg e Toscano, 1992, p. 13).

Entender e estudar como o gênero foi, e ainda é construído em nossa sociedade é fundamental para entender a origem de muitos papéis e muitas atitudes preestabelecidas com as quais nos deparamos hoje em dia, especialmente as mulheres. Oficialmente, marcamos na história o começo do debate sobre gênero a partir da primeira onda do feminismo, o Sufragismo. “O feminismo, enquanto movimento organizado, aparece, entre nós, na segunda década do século XX e se expressa, no primeiro momento, na reivindicação pelo direito ao voto”. (Goldenberg; Toscano, 1992, p. 25). Isto é, na segunda metade do século XX no Brasil, a discussão sobre questões de gênero ganhou força e espaço no movimento político das mulheres com a luta pelo sufrágio. Nos dias de hoje, é frequente ouvirmos discussões a respeito da igualdade de gênero e do contínuo combate das mulheres contra o preconceito e a dominação patriarcal.

O feminismo ainda teve uma segunda onda, que foi marcada pelo debate sobre os “papéis” sexuais e pelo debate mais aprofundado sobre os conceitos de gênero. Essa segunda onda, que teve início no Brasil na década de 70 (Goldenberg e Toscano, 1992), suscitou um debate mais reflexivo acerca da dominação masculina e das formas de poder que regem a sociedade. Ou seja, o patriarcado e a opressão contra as mulheres começaram a ser muito questionado. Nesse momento em específico, as reflexões eram mais embasadas na mulher no espaço da vida privada, ou seja, as desigualdades existentes entre marido e esposa no casamento. Apesar das conquistas na esfera pública da sociedade, a mulher ainda enfrentava e enfrenta muita desigualdade dentro de casa com os papéis e funções atribuídos para cada gênero. Segundo as autoras Goldenberg e Toscano (1992, p. 47), “não se quer apenas uma inversão de ou uma igualdade entre homens e mulheres, mas o respeito às diferenças existentes, sem que essas diferenças sejam convertidas em desigualdades”.

Dessa forma, a luta pela igualdade de gênero contribui para que possamos entender como os gêneros são construções sociais, culturais e psicológicas que moldam as identidades, papéis e expectativas associados aos sujeitos com base em seu sexo. Para Simone de Beauvoir (1949), o gênero não é uma simples distinção biológica entre masculino e feminino. Pelo contrário, o conceito de gênero reconhece que as características, comportamentos e funções atribuídos a homens e mulheres são influenciados por normas, valores e convenções sociais. Compreender como a manutenção da construção de gênero é feita socialmente contribui para entendermos o movimento feminista que luta pela igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres, desafiando as desigualdades e discriminações baseadas no gênero. Segundo a autora:

[...] quando um indivíduo ou um grupo de sujeitos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra ser que precisamos entender-nos; a má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar (Beauvoir, 2009, p. 25).

Esse movimento reconhece que as normas de gênero são socialmente construídas e que muitas vezes perpetuam a desigualdade e a opressão das mulheres. Portanto, as ideologias feministas buscam desconstruir essas normas de gênero, promover a igualdade de oportunidades e direitos para todas as pessoas, independentemente do seu gênero, e reconhecer a diversidade de identidades de gênero para garantir que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Segundo Beauvoir, 2009, p. 362, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado, que qualificam de feminino”. Desde que nasce até o fim da vida, a mulher passa por inúmeros obstáculos, preconceitos e violências apenas por ser mulher. É ao questionar e negar a submissão enraizada na cultura que entendemos o que significa ser mulher. Portanto, o movimento feminista busca justificar e apoiar toda essa trajetória das mulheres. A autora não trata da mulher trans diretamente, mas a leitura nos permite dizer que a construção da identidade da mulher é fruto do meio social. É o modo como ela se constrói como ser no mundo em uma sociedade multifacetada.

Os estudos de Beauvoir nos ajudam a entender como a relação entre feminino e masculino foi sendo estabelecida na nossa sociedade, mas os estudos de gênero são mais complexos, dessa forma este trabalho também utiliza as teorias desenvolvidas por Judith Butler. Neste capítulo, serão abordadas as teorias de gênero e de identidade como performance e

construção social, desenvolvidas por ela, com o objetivo de entender toda a opressão que a mulher sofre, independentemente do lugar social que ela ocupe. O intuito é entender como é construída a imagem da primeira-dama e de que forma os estereótipos de gênero influenciam todas as mulheres, mesmo aquelas que ocupam posições de maior prestígio na sociedade.

### **3.1 Gênero como Construção Social e Performática segundo Judith Butler**

Para a filósofa Judith Butler,<sup>13</sup> a identidade de gênero não é inerente à biologia ou à natureza humana, mas sim uma performance social que repetimos e internalizamos ao longo do tempo. Butler questiona a ideia de que existem categorias de gênero fixas, afirmando que o gênero é uma construção performativa, ou seja, algo que fazemos em vez de algo que somos. Segundo ela, “se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira” (Butler, 2020, p. 26).

Para entender como a construção do gênero ocorre na sociedade, é possível retomar teorias de linguagem, como a relação entre significado e significante de Saussure. A compreensão dessa teoria é fundamental para percebermos que gênero não é uma questão individual, pois está intrinsecamente ligado a significados opostos. Podemos abordar o gênero de uma perspectiva discursiva, uma vez que a subjetividade se realiza na materialidade da linguagem, ou seja, ela se realiza por meio da linguagem. Portanto, a maneira como nossa subjetividade se manifesta na linguagem é influenciada por um discurso cultural dominante que se baseia em um pensamento binário e universal.

É possível perceber isso na normatividade de gênero que existe na sociedade e como isso controla o que é considerado “normal” em relação ao gênero, excluindo e marginalizando aqueles que não se encaixam nessas normas. Para Beauvoir, o sujeito analisado a partir da misoginia é sempre já masculino, em oposição a um “Outro” feminino, que “caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro” (Beauvoir, 2009, p. 20). O gênero também é definido por meio de relações, uma vez que só existe dentro de um contexto de significados opostos; não é algo individual. Nesse aspecto, a normatividade de gênero é opressiva e a subversão de gênero pode ser uma forma de resistência política. Assim, a ideia de que é possível existir uma “verdade”

---

<sup>13</sup> Judith Butler é uma filósofa e escritora estadunidense que tem como principal linha de pesquisa as questões de gênero e o movimento feminista. Sua principal obra é “Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, publicado em 1990, a qual se tornou uma das teorias fundamentais para analisar a construção social e cultural do gênero.

quando se trata do sexo é produzida pelas práticas sociais limitadoras e pragmáticas que estabelecem a necessidade de existir uma identidade coerente como uma definição de gênero que também seja coerente.

Essa relação binária entre feminino e masculino se manifesta na fala, pois é na linguagem que percebemos a concretização do acontecimento histórico, ou seja, é na interação social que é possível descobrir quem somos e construir nossa identidade a partir do reconhecimento do diferente. Nesse processo, a interpelação se torna fundamental para abranger discussões sobre o poder, a ideologia e as estruturas sociais que são responsáveis por moldar a subjetividade dos sujeitos para que eles se encaixem ou não nas normas e expectativas da sociedade em que vivem. Isso tem implicações profundas para a compreensão de como as identidades e os comportamentos são construídos socialmente, pois é por meio dessas interações que é possível construir o gênero e nos reconhecer como sujeitos na sociedade (Butler 2020).

Ainda segundo Butler (2020), as formações discursivas desempenham papéis importantes na concepção de gênero. Essas formações são usadas para discutir como as representações e imagens na cultura popular, na mídia e na sociedade em geral moldam as percepções individuais e coletivas. Essa ideia está ligada à construção de imagens mentais, narrativas e representações que influenciam a maneira como os sujeitos percebem a si mesmos, aos outros e ao mundo ao seu redor. Assim, as formações discursivas são fundamentais na construção de identidade e de gênero, é por meio delas que podemos notar como carregamos marcas sócio-históricas do que é ou não “aceitável” na constituição de identidades e de gênero.

As marcas ideológicas que todo discurso carrega são definidas pela luta de classes que articula a relação de poder na sociedade. Dessa forma, o que conhecemos como gênero é constituído na relação entre as diferentes formações ideológicas, representadas discursivamente e que, como discursos, circulam no meio social. As formações discursivas não envolvem apenas o que poderíamos de superficial chamar de conteúdo dos discursos, mas também as teorias de ideologia que são as práticas de produção de saberes e as práticas de intervenção política nas relações sociais e humanas, esses aspectos são responsáveis por determinar como os discursos serão construídos e reproduzidos na sociedade. Segundo Pêcheux, “os sujeitos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (Pêcheux, 1995, p. 161).

Essas formações circulam na sociedade e são modificadas com o tempo, influenciando a forma como os sujeitos interpretam a realidade. Assim, as formações discursivas são

responsáveis por originar os conceitos de gênero, pois elas contribuem para a formação de estereótipos que afeta como os sujeitos entendem a construção de gênero para eles mesmos e para os outros. As formações discursivas sobre gênero podem influenciar a perpetuação de paradigmas e preconceitos, mas também permitem estimular a reflexão e aumentar o debate sobre os conceitos de gênero e contribuir com a subversão da dicotomia de gênero.

Usamos a linguagem para expressar, comunicar e interagir socialmente. Apesar de seu sistema não ser preconceituoso, as construções possíveis e feitas pelos falantes podem perpetuar com os estereótipos de gênero. O que entendemos sobre gênero está intrinsecamente ligado aos discursos que circulam na sociedade, isso pode ser percebido tanto no uso dos pronomes e das formas de tratamento, quanto na reprodução de normas de gênero. É possível notar os estereótipos de gênero refletidos nos usos da linguagem ao associar certas palavras ou características com o masculino ou com o feminino, que podem perpetuar o preconceito de gênero.

Para aprofundar a reflexão acerca da relação da linguagem com o gênero, Butler cita Monique Witting (1983), que trata essa relação como “ficção linguística do ‘sexo’ [...], uma categoria produzida e disseminada pelo sistema da heterossexualidade compulsória, num esforço para restringir a produção de identidades em conformidade com o eixo do desejo heterossexual” (Witting, 1983 *apud* Butler, 2020). Podemos compreender que a linguagem não carrega preconceitos intrinsecamente, mas sim que a sociedade estabelece normas de comportamento que não apenas são criadas para o sexo masculino, mas também são orientadas a ele, o que se reflete na linguagem.

A ideia de que é preciso uma “linguagem para mulheres” estimula essa divisão binária, mas a origem dessa dicotomia é muito mais profunda do que as marcas de gênero manifestadas na linguagem. A sociedade possui uma origem e um desenvolvimento no e para o masculino, dessa forma tudo aquilo que se afasta ou difere do gênero “primeiro” não se encaixa facilmente e não tem um pertencimento reconhecido. E, por isso, podemos analisar como o gênero “feminino é a significação da falta, significada pelo Simbólico, um conjunto de regras linguísticas diferenciais que efetivamente cria a diferença sexual.” (Butler, 2020, p. 61)

Nossa sociedade tem o masculino como um parâmetro cristalizado que é tomado como base para construir outras identidades, assim os estudos de gênero analisam como a identidade pode ser construída de forma complexa, multifacetada e plural. Entender a identidade da mulher é preciso, primeiro, que haja uma subversão da construção fixada social e culturalmente. A subversão refere-se à ação de desafiar, questionar e contestar as normas sociais, culturais e políticas que moldam as identidades de gênero. Para Judith Butler, as categorias de gênero são

performativas, ou seja, são construídas e mantidas por meio de práticas repetidas e rituais sociais. No processo de identificação de gênero, é possível que os sujeitos possam desafiar todas as normas sociais que estabelecem estereótipo de gênero, subvertendo todas as categorias tradicionais e questionando esses padrões estabelecidos culturalmente.

É assim que o gênero feminino e outros são estruturados por meio da subversão das regras. Isso pode ser manifestado das formas mais simples às mais complexas, como nas escolhas de roupas até nos papéis de gênero. Esse processo busca ir contra as normas que são construídas socialmente e que devem ser seguidas de acordo com o gênero, mas também é uma ferramenta política no movimento feminista e em outros movimentos que buscam desafiar as hierarquias de poder existentes. Ao questionar as normas de gênero, as pessoas podem contribuir para a transformação social e para a criação de espaços mais inclusivos e igualitários (Butler, 2020).

A subversão questiona a dicotomia relacionada ao gênero justamente porque busca tirar o masculino como “parâmetro” e questionar a heterossexualidade compulsória. Segundo a autora, “o gay é para o hétero não o que uma cópia é para o original, mas em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia” (Butler, 2020, p. 67). Isso é, mesmo que tomemos o masculino e heterossexual como ideia central que deve ser seguida de alguma forma, o que resulta disso são apenas outras cópias, pois a ideia de “original” nada mais é do que a cópia do que é tido como natural e original.

Esses conceitos reforçam a ideia de que o gênero é performativo, isto é, o gênero não é uma característica inata ou essencial, mas sim uma construção social que é repetidamente realizada e reforçada por meio de práticas cotidianas. Para Butler, o gênero não é algo que a pessoa é, mas uma forma de fazer e de movimentar. Ele é construído por meio de atos performativos, que são ações que não apenas expressam uma identidade, mas também a constituem. Como os gestos, as roupas, a linguagem e outras práticas sociais que reforçam ou não as normas de gênero. Dessa forma, o gênero não é algo natural ou inato de características biológicas, mas sim construído social e culturalmente por meio de performances.

Sendo assim, os estudos feministas que analisam o que é ser mulher na sociedade são tão importantes. O gênero feminino é a forma mais clara de subversão às regras que são construídas na nossa sociedade misógina, justamente porque não consideramos o masculino como gênero, mas sim como o geral, o padrão e o certo. O feminino está situado do outro lado na relação binária, por isso é a manifestação mais clara de subversão. Lidamos constantemente com normas e expectativas estabelecidas pela sociedade sobre o que é apropriado para “ser mulher”, assim internalizamos essas normas e reproduzimos o que consideramos “normal” e

isso é o maior exemplo de performatividade, reproduzimos essas normas de acordo com o que somos. Será que ser mulher é apenas corresponder às regras estabelecidas, muito provavelmente por homens, sobre como devemos ser e como devemos nos comportar? Quais os parâmetros usados para a criação dessas normas? Para Butler:

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim torna-se mulher decorre que mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações (Butler, 2020, p. 69).

Estudar e analisar o gênero como performatividade não apenas vai contra os paradigmas na construção de gênero, como também abre espaço para a subversão e desconstrução dessas normas. Por meio da desconstrução, os sujeitos são capazes de questionar e transformar as expectativas com relação ao gênero. Dessa forma, podemos começar a refletir sobre a construção da identidade feminina ou das identidades femininas, em sua heterogeneidade, na sociedade, isto é, quais normas existem para definir uma mulher e por que ou como ela deve segui-las segundo normas que os feminismos lutam para serem quebradas. O gênero feminino é moldado e criado culturalmente, podendo diferir entre culturas e mudar com o progresso da sociedade. Em outras palavras, a definição do que é ser mulher e o controle que uma sociedade patriarcal exerce sobre essa definição precisam ser constantemente reafirmados para perpetuar a subjugação das mulheres. Os significados relacionados ao gênero são assimilados em um processo de percepção e significação social, ninguém nasce com gênero, mas sim adquire um ao longo da vida.

Também é possível relacionar essa construção de gênero com o sexo, pois o sexo não é uma base biológica fixa que influencia no gênero, ainda que os sentidos dominantes sobre gêneros os tenham identificado ao sexo biológico definido pela divisão entre pênis e vagina como partes do corpo. Como já explicado neste trabalho, o gênero é performativo, portanto, não é determinado pela anatomia biológica dos sujeitos, mas sim pelas práticas sociais.

O sexo biológico é uma construção cultural. A dicotomia que temos entre “feminino” e “masculino” é definida por normas culturais e linguísticas. As expectativas acerca de como os corpos devem se comportar de acordo com as categorias de gênero reafirmam a performatividade, pois não existe uma correspondência natural que não deva ser questionada entre o corpo biológico e o gênero. Segundo Butler, “se o sexo não limita o gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo” (Butler, 2020, p. 195).

Essa relação é muito complexa, o sexo é uma interpretação política e cultural do corpo, não há o questionamento da necessidade de separar sexo de gênero. Tradicionalmente, o gênero está interligado com o sexo e o sexo é considerado como o gênero. No entanto, é importante estudar a separação entre esses dois aspectos. O corpo biológico do sujeito não é o único fator determinante na construção do gênero. A falta de distinção entre esses conceitos pode contribuir para a perpetuação da heterossexualidade compulsória e violenta. Em outras palavras, é preciso se adequar às regras criadas para a configuração social dos corpos. Nesse sentido, o funcionamento da sociedade é baseado na heterossexualidade (Butler, 2020).

O sistema sexo/gênero inicialmente posiciona a natureza como primária, argumentando que é a partir desse contexto que as relações de gênero são construídas. No entanto, os estudos sobre gênero argumentam que a ordem é inversa. Isto é, sugerem que é do domínio social que emerge a concepção de natureza. Assim, o gênero, entendido como substância, ou o sexo, considerado como um dado biológico, são produtos de discussões sociais. Em outras palavras, é o gênero que se manifesta primeiro, desempenhando a representação de produtor e construtor da ideia de natureza como verdade e substância (Butler, 2020).

Para concluir sua discussão sobre os estudos de gênero, Judith Butler (2020) cita a genealogia da sexualidade desenvolvida por Foucault. Isso contribui para entender a produção de gênero que se torna a ontologia do ser, já que esses estudos têm sido aplicados para analisar as formas como as noções de gênero, sexualidade e poder foram historicamente construídas e mantidas. Esses estudos são relevantes para entender como as categorias de gênero foram estabelecidas ao longo da história. Isso inclui uma análise de como as normas de gênero foram moldadas, contestadas e reconfiguradas ao longo do tempo, revelando a contingência e a construção social dessas categorias.

Foucault, em sua análise da genealogia da sexualidade, destacou como as práticas e discursos em torno da sexualidade estão relacionadas com as dinâmicas de poder. Nos estudos de gênero, a genealogia é frequentemente usada para investigar as histórias das sexualidades, incluindo como certas identidades e práticas sexuais foram construídas e regulamentadas. Ao explorar as genealogias de gênero, os estudos de gênero podem destacar resistências históricas e alternativas à normatividade de gênero. Isso envolve a identificação de momentos em que as pessoas desafiaram as normas existentes e buscaram formas alternativas de expressão de gênero, sexualidade e identidade. A partir da genealogia, é possível produzir um distanciamento de gênero como identidade. As teorias de gênero emergem de forma teórica e política, assim o gênero passa a ser entendido como uma ontologia.

Todas essas teorias e esses conceitos apresentados neste tópico contribuem para entender a problemática em torno do tratamento social dado ao gênero. É preciso estudar o gênero como performance, pois é construído social e culturalmente, além disso ele também é um produto da linguagem e a manifestação da nossa subjetividade. Em suma, precisamos entender como nossa identidade é construída de diferentes maneiras e como a cultura e as relações de poder fazem parte desse processo. Com esse entendimento, podemos questionar e combater as formas de preconceitos.

Para darmos continuidade à discussão proposta, no tópico a seguir, apresentamos uma reflexão sobre o mito da beleza a partir dos estudos de Naomi Wolf. Depois de compreender como se estrutura o conceito de gênero na sociedade atual, é necessário entender de que forma isso contribui para o controle dos corpos de mulheres e como a beleza e a aparência física se tornaram pesos para a legitimação da mulher em diferentes meios da sociedade.

### **3.2 A Beleza como mecanismo de controle**

A posição da mulher na sociedade atual varia significativamente de acordo com o país, cultura, contexto histórico e outros fatores. No entanto, em muitas partes do mundo, tem havido avanços significativos nas últimas décadas em direção a uma maior igualdade de gênero e na ampliação da representação social das mulheres na sociedade. Com esse avanço, tanto o Capitalismo como a Religião e os ideários machistas articularam meios diferentes para continuar controlando as mulheres e, principalmente, seus corpos. Dessa forma, ocorreu um acentuado fortalecimento do mito da beleza e da indústria cultural, visando, definir padrões de beleza e de comportamento para as mulheres, a fim de que elas possam efetivamente ser legitimadas em toda e qualquer posição social que ocupem. Assim, reconhecer como o gênero feminino é construído na nossa sociedade contribui para a compreensão de como as normas de beleza são moldadas e como podem afetar a vida das pessoas, especialmente das mulheres, de maneira complexa e, por vezes, prejudicial (Wolf, 1992).

O mito da beleza e a indústria da beleza não têm uma data de criação específica, pois se desenvolveram ao longo de séculos e são influenciados por diversos fatores culturais, históricos e sociais (Wolf, 1992). Na Religião, a relação com a beleza é complexa, e pode variar ao longo do tempo e em diferentes correntes de pensamento dentro da igreja. O desenvolvimento da beleza, para a igreja, parte do conceito de que as almas podem ser elevadas para Deus a partir da estética, isto é, a beleza está diretamente relacionada com a espiritualidade. Mas também, ideologias religiosas promovem a modéstia e a castidade, que podem estar relacionados à visão

da beleza como algo interior, moral e espiritual. Esses ideais frequentemente envolvem o controle da sexualidade e a contenção das aparências físicas em favor da pureza e da virtude, principalmente para mulheres. Segundo Wolf (1992):

Ela (a beleza feminina) ainda é descrita - na verdade mais do que nunca antes - como se não fosse determinada por seres mortais, moldada pela política, pela história e pelo mercado, mas, sim, como se houvesse uma autoridade divina lá em cima que emitisse um mandamento imortal sobre o que faz uma mulher ser agradável de se ver (Wolf, 1992, p. 100-101).

Ao estudar o mito da beleza, principalmente a partir dos estudos de Naomi Wolf (1992), é possível apontar que a religião exerce um papel muito mais complexo nas mulheres modernas, isto é, vai muito além dos cuidados só com a alma do indivíduo. A religião passa a exercer um controle também sobre outros aspectos da nossa sociedade, como na filosofia, na política e na sexualidade. Isso recai com um peso maior sobre as mulheres, visto que a religião cria uma ideologia em que o padrão de beleza é destinado às eleitas, enquanto o restante é considerado amaldiçoado. Tal ideologia se manifesta na sutileza de muitas atitudes, que frequentemente acatamos sem entender a origem, desde vestimentas e comportamentos até o controle do corpo e da sexualidade. Ainda segundo Wolf (1992):

As mulheres tendem a se preocupar com a perfeição física de uma forma raramente encontrada entre os homens. Essa atitude se deve ao fato de o Gênesis declarar que todos os homens são criados perfeitos, enquanto a mulher começou como um pedaço de carne inanimada: maleável, amorfa, desautorizada, crua; enfim, imperfeita (Wolf, 1992, p. 107).

Dessa forma, algumas correntes do feminismo, atualmente, têm questionado a visão tradicional da mulher promovida pela Igreja e a necessidade de validação da aparência física na religião. Não é objetivo desta pesquisa aprofundar sobre esse debate, buscamos apenas demonstrar de forma objetiva como o campo religioso contribui com a indústria da beleza, assim como outros campos também desempenham influência direta para a perpetuação do mito da beleza e que também serão citados aqui de forma sucinta.

Por outro lado, o capitalismo moderno, muitas vezes, se aproveita do mito da beleza para criar mercados lucrativos na indústria da moda, cosméticos, cirurgias plásticas e produtos de cuidados pessoais. A publicidade frequentemente utiliza imagens de beleza idealizada para vender produtos, além de promover a ideia de que a melhoria da aparência pessoal pode levar ao sucesso social e profissional, o que incentiva as pessoas a gastarem dinheiro em produtos e serviços de beleza. A relação entre o capitalismo e a beleza reflete as interações entre o sistema econômico, as normas culturais de beleza e as lutas das mulheres por igualdade de gênero (Wolf, 1992).

Para Wolf (1992), o mercado consumidor, ao enfatizar a competição e o sucesso pessoal, pode criar pressões para que as pessoas, especialmente as mulheres, se conformem aos padrões de beleza estabelecidos. Isso pode levar a inseguranças em relação à aparência e ao gasto excessivo em produtos de beleza e cirurgias plásticas. No mercado de trabalho, também é perceptível uma grande influência da indústria da beleza, pois em muitas profissões a aparência física é considerada importante e as mulheres podem sentir a pressão de se encaixarem em normas de beleza para avançar em suas carreiras. A estética feminina, os cuidados pessoais dedicados ao corpo, às vestimentas e à busca pela juventude tornaram-se aspectos que podem influenciar significativamente a legitimidade da mulher no mercado de trabalho e na busca por sucesso e poder. Segundo Wolf (1992):

Na década de 1980, ficou evidente que, à medida que as mulheres foram se tornando mais importantes, também a beleza foi adquirindo maior importância. Quanto mais perto do poder as mulheres chegam, maiores são as exigências de sacrifício e preocupação com o físico. A “beleza” passa a ser a condição para que a mulher dê o próximo passo. Vocês agora estão ricas demais. Logo, nunca chegarão a estar magras o bastante (Wolf, 1992, p. 42).

Diante de toda essa questão relacionada à aparência da mulher, o movimento feminista busca a igualdade de gênero nos direitos às condições de existência em nossa sociedade, incluindo o mercado de trabalho, com salários e oportunidades equiparados. Para tanto, é preciso questionar a ênfase na aparência em detrimento das habilidades e competências. A ideologia capitalista desempenha um papel significativo na promoção de padrões de beleza e na criação de uma indústria da beleza altamente lucrativa, o que pode criar desafios para as mulheres em termos de pressão sobre a aparência e o consumo excessivo.

O patriarcado e o machismo presentes na nossa sociedade também se relacionam com o mito da beleza, frequentemente marcados por divergências, desafios e violência. A ideologia machista muitas vezes está relacionada à promoção de padrões de beleza idealizados que objetivam e sexualizam as mulheres. Esses padrões podem ser perpetuados pela sociedade e pela cultura, o que coloca pressão sobre as mulheres para se conformarem com esses estigmas. A cultura da objetificação está frequentemente ligada à exploração da beleza das mulheres em publicidade, na mídia e na indústria da moda. As mulheres são ensinadas a atingir esse padrão de beleza a qualquer custo, mesmo que isso signifique achar imperfeições em um corpo saudável. De acordo com Wolf:

E o que dizer da pressão social para que uma mulher destrua a “deformidade” existente num corpo saudável ou elimine a idade de si mesma? Isso não diz nada sobre a saúde moral da sociedade? Como pode aquilo que é errado na

nação ser considerado não só certo como necessário no corpo da mulher? Será que não acontece nada de político ali? (Wolf, 1992, p. 251).

Todos os pontos apresentados neste trabalho carregam marcas políticas, principalmente na necessidade de controle das mulheres. É por isso que o feminismo também é um movimento político, pois busca que as mulheres tenham autonomia sobre suas escolhas, seus corpos e suas vidas, além de estimular a autoaceitação e a rejeição de padrões de beleza que comprometem a saúde mental e física de muitas mulheres. No entanto, “uma cultura misógina conseguiu fazer com que as mulheres odeiem o que os misóginos odeiam” (Wolf, 1992, p. 164). Romper com padrões criados por homens em uma sociedade patriarcal é uma tarefa árdua e complexa, considerando que fomos ensinadas a também odiar as características que fogem do padrão. A mulher não teve tempo e espaço para explorar quem ela é e quem ela pode ser, justamente por estar submetida aos padrões e ideologias criados pela sociedade machista.

O mito da beleza perpassa diversos campos da sociedade, muitas vezes de forma sutil. Ao longo dos tempos e da evolução, foi a forma que a misoginia e o patriarcado encontraram de continuar a restringir a verdadeira revolução da mulher na sociedade. A partir dessas reflexões, torna-se mais fácil identificar onde se estabelecem as relações de controle sobre as mulheres, independentemente da posição social que elas ocupem. Precisamos ser capazes de identificar como o mito da beleza e a indústria da beleza influenciam no nosso dia a dia, para entender todas as invalidações que enfrentamos.

O controle da beleza é feito a fim de segregar as mulheres de acordo com o seu corpo e a sua aparência, determinando padrões que são impossíveis de alcançar. Esse controle é possível, principalmente, porque as definições de beleza não são feitas pelas mulheres e muito menos de uma forma justa e inclusiva, elas são feitas de forma violenta e com o objetivo de colocar as mulheres contra as próprias mulheres. Wolf (1992, p. 192), propõe “abandonar essa esperança de que o código da beleza venha a nos incluir totalmente. Ele não o fará, porque se o fizer, terá perdido sua função. Enquanto a definição de ‘beleza’ vier de fora das mulheres, nós continuaremos a ser manipuladas por ela”.

A compreensão de como a aparência das mulheres é utilizada como um meio de controle em nossa sociedade nos permite desafiar as normas de gênero que as restringem a papéis tradicionais. Destacar a importância de reconhecê-las por suas habilidades, inteligência e personalidade, em vez de defini-las pela sua aparência. O movimento político das mulheres hoje luta, entre outras demandas, contra o assédio sexual e a violência de gênero que muitas vezes estão relacionados à objetificação e à suposição de que as mulheres existem para agradar

aos outros. Assim, os estudos sobre gênero buscam analisar como o pensamento dicotômico da separação entre homens e mulheres pode perpetuar preconceitos e violências de várias formas, sejam eles físicos, psicológicos ou emocionais. O feminismo representa um movimento importante na busca pela autonomia, respeito e igualdade das mulheres em relação à sua aparência e à sua identidade de gênero, uma vez que o problema central da desigualdade de gênero reside na ausência de opções disponíveis (Wolf, 1992).

Podemos destacar que a mulher é atravessada por violência em todos os âmbitos sociais, por isso se torna válido ressaltar que essa desigualdade de gênero também é propagada e estimulada pela mídia. A mídia desempenha um papel significativo na promoção de padrões de beleza ideais e na sua disseminação para a sociedade em geral. Os conteúdos aos quais temos acesso diariamente não apresentam uma variedade de representações de classe, gênero e etnia, o que também contribui para a perpetuação de todos os estereótipos socialmente construídos sobre as mulheres. A mídia estimula padrões de beleza por meio de revistas, programas de TV, filmes, publicidade e mídias sociais, que são representações de um ideal inatingível de beleza.

Esses padrões de beleza são reafirmados e propagados pela mídia com o intuito de fazer as mulheres acreditarem que estão cada vez mais longe deles e, assim, acreditar que não podem ocupar determinados lugares por não corresponderem ao quesito da beleza padronizada. As mulheres são levadas a acreditar que a beleza é um fator crucial para conseguir destaque na mídia, até mais que a inteligência ou a competência. Isto é:

Infelizmente, como a mídia costuma descrever a aparência das mulheres de uma forma que trivializa ou deprecia o que elas estejam dizendo, as mulheres que estão lendo ou assistindo à televisão costumam ser dissuadidas de se identificar com outras mulheres no contexto público - o objetivo antifeminista máximo do mito da beleza (Wolf, 1992, p. 289).

Dessa forma, a mídia cria uma pressão social para que as pessoas, especialmente as mulheres, se conformem aos padrões de beleza retratados e perpetuados pelos meios de comunicação. Isso pode levar a inseguranças em relação à aparência e a uma busca constante para atingir esses padrões. E isso contribui para a influência de corpos específicos e a rejeição de corpos que não seguem esse padrão ideal. Com o uso cada vez mais crescente de mídias digitais, isso se agravou ainda mais, com a divulgação e a comercialização não apenas de um corpo ideal, mas de produtos ideais para alcançar esse padrão e estilos de vida que podem ser nada saudáveis para atingir essa meta criada pelo mito da beleza (Wolf, 1992).

No entanto, a mídia também é uma plataforma que pode ser usada para questionar esses padrões, promovendo uma visão mais inclusiva e igualitária da beleza. Todos esses

procedimentos aos quais as mulheres são submetidas durante a construção de sua imagem e de seus corpos podem impactar negativamente sua subjetividade. A construção da nossa identidade é feita através das nossas experiências que moldam quem podemos ser e quem gostamos de ser. Porém, como a mulher pode ter liberdade para construir sua identidade se está constantemente condicionada à padrões que ditam como ser uma mulher “ideal”? A mulher não tem espaço para descobrir com o que realmente se identifica, visto que deve se identificar com aquilo que já vem pronto e moldado pela sociedade.

Ademais, o mito da beleza tem uma influência significativa na subjetividade das mulheres, afetando sua percepção pessoal de autoestima e identidade. A exposição contínua a padrões de beleza na mídia pode distorcer a autoimagem das mulheres. Elas podem começar a ver suas próprias características físicas como inadequadas ou imperfeitas em comparação com as imagens retocadas e idealizadas que veem na mídia. Também, a obsessão com a aparência física pode limitar a liberdade individual das mulheres, pois elas podem sentir que precisam gastar tempo e recursos significativos em cuidados com a aparência para se sentirem aceitas e valorizadas pela sociedade, o que pode limitar o processo de identificação pessoal com outros interesses e objetivos. Para Boris:

No processo de construção da subjetividade, são incorporados, a partir da influência da cultura, modos de linguagem, hábitos, costumes e padrões de comportamento e de valores, inclusive modelos de apreciação estética, isto é, de que é belo ou feio, principalmente com relação ao corpo (Boris, 2007, p. 463).

Muitas vezes, a mulher não tem noção de quais são suas características ou quais são seus gostos, pois sua subjetividade foi moldada com base naquilo que a mídia e a sociedade pregam ser o “certo”. Essa é uma das dificuldades que as mulheres enfrentam para tentar se sentirem autênticas e aceitas por serem quem são, independentemente de sua aparência. Há uma busca constante por aprovação externa e a repressão de sua verdadeira identidade. Portanto, a beleza é intrínseca à constituição da mulher na nossa sociedade, moldando sua maneira de existir no mundo (Boris, 2007).

Esses aspectos contribuem para a reafirmação do que podemos chamar de papéis de gênero, que definem as expectativas sociais, culturais e comportamentais para a dicotomia de gênero da nossa sociedade. Os papéis de gênero geralmente influenciam o comportamento, as responsabilidades, as oportunidades e as interações sociais entre homens e mulheres. É a partir dessa construção ideológica que as funções e os comportamentos são divididos e atribuídos para homens e mulheres, como por exemplo, as tarefas domésticas e a necessidade de se

comportar com etiqueta e com educação em todos os lugares que são atribuídos para as mulheres. Segundo Louro<sup>14</sup>, “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...” (Louro, 1997, p. 24).

As normas de beleza e moda estão frequentemente ligadas aos papéis de gênero. Espera-se que homens e mulheres adotem certas aparências físicas e estilos de vestimenta de acordo com as normas culturais predominantes. Porém, a pressão é muito maior para que as mulheres correspondam a esses padrões e confirmem nas suas atitudes, suas roupas e suas aparências esse padrão que “deve” ser seguido para que uma mulher tenha reconhecimento e legitimidade na sociedade. Os papéis de gênero também moldam a sexualidade de homens e mulheres, são criadas expectativas com relação ao modo como a sexualidade e as relações interpessoais devem ser e isso inclui normas com relação à orientação sexual, namoro, casamento e criação de filhos (Louro, 1997).

Entender como é feita a manutenção dos papéis de gênero e como a violência circula na subversão do gênero é importante para compreender um conceito que também é essencial, o conceito de identidade dos sujeitos. Todo esse debate e estudo mostra que os sujeitos são construídos de forma múltipla e complexa. As características que constituem os sujeitos não podem se sobrepor uma à outra, isto é, não é possível que determinado aspecto anule outro na definição de identidade, pois todos eles juntos são responsáveis por construir o sujeito com a sua identidade única. De acordo com Louro:

Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias (Louro, 1997, p. 24).

Assim, o gênero é essencial para a construção da identidade dos sujeitos. Podemos afirmar que todos os aspectos da nossa sociedade são definidos e interpelados pelo conceito de gênero. Isso vai além das representações sociais<sup>15</sup> pré-estabelecidas. Percebemos o gênero como componente da identidade que interfere diretamente em nossas escolhas e ações. Todos os campos da sociedade, como a igreja, a justiça, a política etc. sofrem influência do gênero em suas constituições. Segundo Louro, “o sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos

---

<sup>14</sup> Embora a autora utilize a terminologia “papéis”, neste trabalho utiliza-se a terminologia “representações” por ser mais adequado à Análise do Discurso.

<sup>15</sup> Alguns autores citados neste trabalho usam o termo “papéis sociais”, mas, por esta pesquisa se situar no campo da Análise do Discurso, empregaremos o termo “representações sociais”.

gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos” (Louro, 1997, p. 25).

Esses estudos acerca das questões de gênero e da luta das mulheres é fundamental para entender como o machismo, a misoginia e a violência circulam em nossa sociedade. Além disso, nos ajuda a entender como a presença e a participação das mulheres são legitimadas na nossa sociedade e, portanto, entender como o patriarcado afeta as mulheres que ocupam posições de poder, como a posição de primeira-dama. O próximo tópico deste capítulo é destinado ao estudo histórico de como surgiu a posição de primeira-dama e entender como as representações sociais são determinadas e atribuídas para cada um na sociedade.

### **3.3 A história do primeiro-damismo e as representações sociais**

Primeiro-damismo é o termo utilizado para se referir às responsabilidades da primeira-dama de um país ou de um estado, isto é, refere-se ao tratamento dado à esposa do presidente, do governador ou do prefeito de uma cidade e às funções por elas desempenhadas, principalmente em questões sociais e culturais. Essa é uma definição bem genérica atribuída à esposa do homem que rege um país<sup>16</sup>.

O objetivo desse tópico é entender como a posição social da primeira-dama foi construída e como ela ainda se mantém nos dias de hoje. Para tanto, optamos por utilizar o termo “posição” para nos referir à primeira-dama, visto que o primeiro-damismo não é um cargo político formal, mas sim um conjunto de atividades, responsabilidades e influências destinadas à esposa do presidente da República. Essa posição é uma função social e cultural e não possui poderes institucionais, geralmente as mulheres nessa posição desempenham uma função não remunerada, mas muito significativa para as questões sociais e as atividades públicas. Portanto, é uma posição assumida pela esposa do presidente do país, que apesar de não possuir nenhum poder institucional, é uma posição política fundamental para contribuir com as ideologias vigentes no governo de seu marido.

Ao iniciar os estudos sobre o primeiro-damismo, percebemos uma limitação em pesquisas sobre o tema. A maioria dos trabalhos que encontramos foram feitos dentro da área das ciências sociais, justamente por causa da ligação das primeiras-damas com os serviços

---

<sup>16</sup> Embora o termo 'primeira-dama' se refira à esposa de qualquer homem que ocupe um cargo de governo, como presidente, governador ou prefeito, neste trabalho optamos por analisar especificamente a esposa do presidente do país. Nosso foco é compreender como o ethos da primeira-dama Janja é constituído nesse contexto particular.

sociais e culturais. Buscamos na história do Brasil a linhagem de sucessão dos presidentes com o intuito de identificar momentos em que suas esposas tivessem sido mencionadas em momentos importantes, a fim de entender como o primeiro-damismo foi se constituindo ao longo da nossa história.

São poucos os registros de mulheres que se destacaram na história do Brasil, principalmente as mulheres que ocuparam a posição de esposa do presidente do país. Apenas algumas mulheres que passaram pela posição de primeira-dama tiveram destaques na história, como Ruth Cardoso, esposa de Fernando Cardoso, e Mariza, ex-esposa de Lula. A história do Brasil marca diversos acontecimentos realizados pelos presidentes que permitiram o desenvolvimento do nosso país em diversos aspectos, porém são poucas as primeiras-damas que possuem marcos relevantes na história do nosso país. Neste trabalho, selecionamos aquelas que mais se destacaram na posição de primeira-dama, para entender como a representação da primeira-dama foi construída, sendo elas: Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas e Ruth Cardoso, esposa de Fernando Henrique Cardoso.

A independência do Brasil, que ocorreu no dia 7 de setembro de 1822, foi o marco final de um processo influenciado por uma série de acontecimentos e movimentos ao longo do século XIX no nosso país. A colonização do Brasil pelos portugueses trouxe para a nossa cultura elementos que faziam parte da cultura portuguesa, como a crença de que mulheres deveriam assumir apenas os papéis de esposa, mãe e dona de casa. No entanto, registros históricos apontam para a participação significativa da Imperatriz Leopoldina no processo de independência política do Brasil, rompendo com esse imaginário da época de que as mulheres eram submissas aos homens (Torres, 2002).

Após a volta da família real para Portugal, a agitação pela independência do Brasil e separação da colônia portuguesa cresceu ainda mais. Muitos movimentos e manifestações já estavam sendo feitas no país com o objetivo de conseguir a independência, mas marcamos na história a decisão de Dom Pedro I de ficar no Brasil que permitiu realmente esse processo de separação começar. Porém a sequência de ações que buscavam o rompimento entre colônia e colonizador sofreu muitas tentativas da coroa portuguesa para impedir a independência e obrigar Dom Pedro I a regressar para Portugal. Uma dessas tentativas que culminou o famoso grito de independência às margens do Rio Ipiranga foi percebida pela Imperatriz Leopoldina, que alertou seu marido e ainda deixou claro que poderia ser uma das últimas chances para declarar independência. Segundo Torres (2002):

Nesse processo de luta pela emancipação política do Brasil, a presença marcante da imperatriz Leopoldina foi fundamental. Nota-se que, quando

Dom Pedro I foi intimado a voltar para Portugal sob pretexto de que deveria completar os estudos na Europa, a imperatriz impede-o de cometer tal desatino (Torres, 2002, p. 80).

Foi assim que a Imperatriz Leopoldina assumiu sua representação política ao lado de Dom Pedro I e, conseqüentemente, surgiu o primeiro-damismo no Brasil, em um momento tão instável de construção da nação brasileira. Nesse contexto, a representação da primeira-dama nasce da capacidade racional de tomar decisões e da capacidade de reafirmar e apoiar seu marido na carreira pública. Porém, com o passar do tempo, as primeiras-damas passam a ser marcadas apenas pela participação no assistencialismo e no paternalismo, afastando essa representação da sua origem.

É necessário buscar na história como essa representação social destinada às mulheres se constituiu para entender como chegamos ao estereótipo da primeira-dama atual, isto é, entender como a primeira-dama deixou de ser ativa e importante nas narrativas sobre a história do país e passou a ocupar apenas a responsabilidade com serviços sociais. Não há um momento histórico ou algum acontecimento decisivo que justifique a mudança de valor atribuído a essa posição, o que nos faz pensar que as questões de gênero são tão intrínsecas em nossa sociedade que, mesmo uma mulher que exerceu uma função importante para nossa história, foi, aos poucos, tendo sua função menos reconhecida e menos valorizada.

Logo, “as relações de gênero são permeadas pela relação de poder” (Torres, 2002, p. 83). As relações de poder são os arranjos sociais que são responsáveis por atribuir e negociar o poder na sociedade, a partir disso são estabelecidas representações sociais que devem ser seguidas por cada grupo de sujeitos. Por exemplo, podemos citar as mulheres que devem seguir com os papéis de responsáveis por cuidar da casa e da família e não ocuparem lugares de poder e nem tomar decisões importantes. Dessa forma, podemos apontar que os homens possuem uma relação de poder com as mulheres. Se apenas eles podem ocupar espaços importantes, conseqüentemente, eles têm maior poder.

Em resumo, se a relação de poder define quem ocupa espaços importantes e toma as decisões relevantes no nosso país, e se nenhuma dessas posições é ocupada por mulheres, mas apenas por homens, isso contribui para perpetuar a relação de gênero do patriarcado, colocando as mulheres sempre como inferiores e incapacitadas. Segundo Torres (2002):

As representações dos papéis ditos “masculinos” e “femininos” derivam da formação de estereótipos reforçados pela divisão sexual do trabalho, que atribui a homens e mulheres papéis diferenciados a partir da dinâmica da construção ideológica das relações capitalistas (Torres, 2002, p. 103).

Como já abordado no tópico anterior deste capítulo, muitos são os aspectos que contribuem para a desvalorização da mulher no mercado de trabalho, mas isso não ocorre apenas no meio profissional, é uma ideologia mantida pelas relações de poder e pela atribuição de papéis na nossa sociedade. Segundo Torres, “as representações de papéis são estabelecidas a partir de variados contextos históricos, sociais, econômicos e ideológicos. As concepções ditas “naturais” são, na verdade, socialmente naturalizadas” (Torres, 2002, p. 102).

Para entender melhor como as representações sociais são estabelecidas na nossa sociedade, podemos citar o autor Erving Goffman<sup>17</sup> (2009) que discute sobre a importância dessas representações na interação humana. Para entender as diferentes formas de manifestação do “eu” na sociedade, o autor usa metáforas teatrais para nos representar como “atores” em cenários sociais. Dessa forma, podemos analisar como as identidades dos sujeitos são construídas. Segundo o autor, “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles” (Goffman, 2009, p. 25). Logo, não basta apenas que a mulher desempenhe a representação social de primeira-dama, mas também que os outros sujeitos integrantes da sociedade respeitem essa representação.

Além disso, para determinada representação social, o sujeito precisa usar uma fachada, ou seja, um “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”<sup>18</sup> (Goffman, 2009, p. 29). As representações são influenciadas pelas normas sociais e escolhidas a partir de como os sujeitos querem controlar as impressões que desejam passar, a fim de atingir determinados objetivos ou manter uma imagem desejada perante os outros. A mulher que passa a assumir a representação de primeira-dama, assim que seu marido assume a posição de chefe de estado, precisa entender de que maneira deve se comportar ao ocupar essa função, que é novo para ela.

Como analisado brevemente neste capítulo, a primeira-dama começa marcando a história como uma mulher que soube tomar decisões importantes e auxiliar seu marido a gerir o país, mas ao longo do tempo, essa representação sofre alterações e as expectativas da sociedade com a função de primeira-dama passa a ser voltado para o assistencialismo. A história das primeiras-damas no Brasil é marcada pela participação efetiva de mulheres como a Imperatriz Leopoldina e Darcy Vargas, mulheres que souberam tomar decisões importantes e

---

<sup>17</sup> O autor também utiliza o termo “papéis”, mas para adequar à área deste trabalho utilizamos “representações”.

<sup>18</sup> Maingueneau não trabalha com o inconsciente, mas utilizamos Goffman para entender como as representações sociais foram sendo estabelecidas.

auxiliar seus maridos. As outras primeiras-damas não tiveram tantos destaques durante o período que assumiram essa posição.

Ainda pensando na representação social da primeira-dama, vale a pena ressaltar a importância da “fachada pessoal” como categoria fundamental na construção dessa representação social. Esse tipo de fachada deve ser seguido pela primeira-dama onde quer que vá e pode incluir “vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (Goffman, 2009, p. 31). Faz-se importante destacar esses aspectos principalmente quando falamos sobre as representações sociais das mulheres - é evidente que esses aspectos também são relevantes ao se tratar dos homens, porém enfatizamos a importância de observar detalhes específicos para as mulheres devido à pressão social mais intensa em relação às aparências femininas, especialmente daquelas que ocupam cargos de poder ou posições mais altas - visto que a aparência e o corpo da mulher são mais vigiados e controlados na nossa sociedade.

É muito comum que uma determinada representação carregue uma percepção idealizada, assim “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (Goffman, 2009, p. 41). Especialmente quando analisamos representações sociais públicas, isto é, representações que são necessárias se apresentar e se comportar de um modo específico em contextos e situações que envolvam interação com o público em geral, como cargos e posições políticas, vemos marcas nítidas de idealização. Nessas ocasiões, a forma como a pessoa se comunica, sua postura, gestos, expressões faciais, vestimentas e, principalmente, ideologias defendidas em seus discursos já são idealizadas pelo público.

Ademais, essas representações podem ser influenciadas por normas sociais, expectativas culturais e objetivos específicos das pessoas ao se posicionar em uma representação pública. Cumprir ou não essas idealizações e expectativas pode ajudar, mas também atrapalhar no alcance de determinados objetivos. Portanto, “uma condição, uma posição ou um lugar social não são coisas materiais que são possuídas e, em seguida, exibidas; são um modelo de conduta apropriada, coerente, adequada e bem articulada” (Goffman, 2009, p. 74).

Dando continuidade à história das primeiras-damas, depois da Imperatriz Leopoldina, não há na história nenhuma realização marcante feita por outra primeira-dama até o Estado Novo quando Getúlio Vargas assumiu a presidência em 1937 e ficou até 1945. Esse período ficou conhecido como Era Vargas e foi caracterizado pela centralização do poder, repressão

política, censura e controle das liberdades. Apesar disso, Getúlio Vargas ficou conhecido por apoiar o movimento feminista que crescia na época, além de apoiar sua esposa, Darcy Vargas, a trabalhar junto com ele em seu governo. A figura da primeira-dama ressurgiu no Brasil quando Darcy Vargas tomou a frente das políticas sociais com muita competência (Guedes, 2019).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), o Brasil se aliou, em 1942, com os países Aliados (Estados Unidos, Reino Unido, União Soviética, China e outros) e a partir de então começou a mandar soldados brasileiros para lutarem na guerra. Esse conflito trouxe graves consequências econômicas para o país e gerou discussões sobre questões sociais, além de exigir um posicionamento do Estado, e foi assim que surgiu uma nova função para as primeiras-damas, o assistencialismo (Guedes, 2019). Dessa forma, Darcy Vargas fundou em 1942 a Legião Brasileira de Assistência (LBA), a princípio, com o intuito de ajudar as famílias dos soldados que foram para a guerra, mas com o tempo essa organização expandiu suas ações chegando aos mais necessitados do país.

Durante todos os anos da Era Vargas, a fundação da LBA foi a ação mais importante de Darcy Vargas, justamente porque “o Estado não considerava as questões sociais como um problema público, mas algo ligado exclusivamente à Igreja e às associações particulares” (Guedes, 2019, p.102). Mas a iniciativa da primeira-dama, apesar dos costumes da época, foi capaz de introduzir o assistencialismo pela primeira vez na nossa sociedade. Todas as atividades desenvolvidas pela LBA buscavam diminuir os impactos da guerra. Consequentemente, essas atividades reforçavam os estereótipos de que a mulher deve cuidar da casa, dos filhos e dos bens.

As ações desenvolvidas pelas primeiras-damas foram criadas enraizadas na ideia de que a mulher deve ser responsável pelos cuidados da casa (o país) e dos membros da família (cidadãos), assim os homens (o governante/o Estado) poderiam focar nas atividades “importantes”, como cuidar da economia e da política do país ou até mesmo lutar na guerra para defender nossos interesses como nação. Na década de 1940, o presidente Vargas era conhecido como o “presidente feminista” por apoiar o movimento feminista e o voto para mulheres, porém, na esfera política, ele apenas permitiu que sua esposa se ocupasse com tarefas análogas às tarefas domésticas, destinadas às mulheres (Guedes, 2019).

Quanto mais a mulher luta para quebrar paradigmas, preconceitos e violência, de uma forma ou de outra, ela se depara com situações parecidas com as que busca fugir, independentemente da posição social que ocupe. É muito difícil abandonar as crenças construídas e perpetuadas pela nossa cultura e as consequências que elas podem gerar em todos os âmbitos da nossa sociedade. Portanto, apenas com a fraternidade entre os sujeitos será

possível combater os estereótipos e os padrões de gênero que são criados. Esses objetivos só podem ser alcançados se formos capazes de enxergar uns aos outros como sujeitos únicos e capazes (Butler, 2020).

Ao pensar na questão da fraternidade como um meio para combater a violência de gênero, é possível citar a autora Bell Hooks, que defende o amor como a forma mais eficaz para combater qualquer forma de violência. Segundo ela “quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma ameaça” (Hooks, 2021, p.129). Ou seja, as diferenças que existem entre os sujeitos, sejam elas físicas ou psicológicas, contribuem para a perpetuação da violência como saída para preservar as semelhanças. Ainda segundo Hooks (2021, p. 129) “a escolha por amar é uma escolha por conectar - por nos encontrarmos um no outro” e, assim, combater com a violência, especialmente a de gênero.

Dessa forma, desde a marcante atuação de Darcy Vargas na história do país, é possível entender a função de primeira-dama a partir de duas vertentes, (i) uma questão de representatividade, mostrar que a mulher pode sim ocupar posições sociais de maior prestígio e importância, incentivar as mulheres a serem ativas politicamente, e por fim, continuar enfatizando a importância do assistencialismo; (ii) uma posição de prestígio social ocupada por uma mulher pode ter suas funções reduzidas ao cuidado, além disso ela pode sofrer uma pressão bem maior com relação a sua aparência e a sua beleza (como já mencionado no tópico “A Beleza como mecanismo de controle” deste capítulo), ter suas funções reduzidas a reafirmação da imagem e da ideologia defendida por seu marido e, ainda, reforçar os papéis do gênero feminino. Portanto, devemos refletir sobre como a figura da primeira-dama é agenciada na nossa sociedade, pois mesmo a subversão dessa função social pode contribuir para a perpetuação dos estereótipos e paradigmas relacionados à mulher e à sua função (Torres, 2002).

Com o fim da Era Vargas em 1945 e o começo da Ditadura Militar em 1964, que se estendeu até 1985, quase nenhuma primeira-dama teve marcos na história, por conta do período do regime totalitário e opressor, mas também porque esse período reforçou ideologias machistas de que as mulheres deveriam ser submissas aos seus maridos. A LBA continuou sendo gerida pelas primeiras-damas até que o assistencialismo realmente foi implementado na Constituição de 1988 e, mesmo depois disso, as primeiras-damas continuaram a ter sua participação na política voltada, predominantemente, para causas sociais (Guedes, 2019).

A história do Brasil tomou outros rumos com o fim da Ditadura Militar e com o começo da Nova República. O país passou por um período conturbado durante o governo de Fernando Collor de Mello, período no qual a LBA foi extinta após denúncias e polêmicas relacionadas à corrupção durante a breve presidência da ex-primeira-dama, Rosane Collor (Guedes, 2019).

Após o impeachment de Fernando Collor de Mello em 1992, a presidência do Brasil foi assumida por Fernando Henrique Cardoso e sua esposa, Ruth Cardoso, que também teve uma passagem marcante pela posição de primeira-dama.

A primeira-dama Ruth Cardoso, então, tinha algo que a diferenciava de todas as outras primeiras-damas que a antecederam e, por um tempo, também das que a sucederam. Ela construiu uma sólida carreira como professora e pesquisadora, quando assumiu a posição de primeira-dama já havia concluído seu pós-doutorado há alguns anos pela Columbia University, em Nova York. Segundo Guedes (2019):

Rompeu vários padrões do cargo de primeira-dama até então estabelecidos: sua formação educacional superava inclusive a de homens que presidiram o país até então; era uma feminista atuante, com ideias que moldaram a área social do governo, e suas ações repercutem até hoje. Iniciativas dela ou influenciadas por ela foram responsáveis pelo movimento que levou à efetiva diminuição da desigualdade social no país (Guedes, 2019, p. 232).

Ruth Cardoso publicou diversos estudos relevantes na área de ciências sociais e foi uma das principais referências no Brasil em antropologia urbana. “Nas pesquisas que fez e orientou, os temas predominantes eram movimentos sociais, classes populares, participação popular e democracia, migração, trabalho, família e mobilidade social” (Guedes, 2019, p. 233). Compreender a influência das primeiras-damas na história do Brasil exige ir além do clichê de serem apenas “a mulher por trás de um grande homem”.

É fundamental investigar as trajetórias dos presidentes com um olhar mais atento, identificando as contribuições e os traços deixados por essas mulheres. No caso de Ruth Cardoso, no entanto, sua relevância é evidente desde o início (Guedes, 2019). Com a extinção da LBA após os níveis inéditos de corrupção, Ruth Cardoso criou o Programa Comunidade Solidária, um novo modelo de atuação social do governo, que buscava integrar ações governamentais e iniciativas da sociedade civil para combater a pobreza e promover a inclusão social. Seu enfoque era mais no empoderamento comunitário do que no assistencialismo. Como primeira-dama, Ruth transformou a assistência social como prioridade do governo. Ela transformou a imagem tradicional da primeira-dama ao adotar uma função ativa e técnica, destacando-se pela seriedade e independência em suas ações. Foi uma crítica à ideia de que as ações sociais deveriam ser meramente caritativas. Suas ações nas áreas de educação, saúde, trabalho e saneamento são reconhecidas até hoje para o combate à pobreza (Guedes, 2019).

Alguns anos depois, com a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a política brasileira teve uma abertura para discussões sobre questões sociais e a promoção de políticas

públicas voltadas para a inclusão e justiça social. Mas foi com a posse da ex-presidenta Dilma Rousseff (2011 - 2016) que as questões sobre a mulher, os espaços que ela ocupa e sua legitimação por meio do casamento e da aparência tomaram espaço na nossa sociedade. Inclusive, destaca-se a sanção da Lei do Feminicídio, ocorrida em 9 de março de 2015, pela então presidenta Dilma Rousseff. A ex-presidenta foi a única mulher, até os dias de hoje, a assumir a presidência do Brasil, em 2011.

Quando foi eleita, Dilma Rousseff já havia se divorciado de dois casamentos, era mãe e avó. Seu último ex-marido, Carlos Franklin Paixão Araújo, foi quem chegou mais perto de um primeiro-cavalheiro, pois, apesar de separados, os dois ainda mantinham contato e trocavam conselhos políticos (Guedes, 2019). Porém, esse termo nunca foi utilizado efetivamente e Dilma sofria ataques constantes sobre sua sexualidade, além de ter sofrido inúmeros ataques violentos e misóginos, pois a sociedade machista brasileira nunca aceitou ser governada por uma mulher<sup>19</sup>.

Em 2016, quando o impeachment da presidenta Dilma já havia sido aprovado e Michel Temer se preparava para assumir a presidência do Brasil, a revista Veja lançou a polêmica capa sobre a “segunda-dama” Marcela Temer intitulada como “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”<sup>20</sup>. Essa notícia repercutiu na sociedade brasileira de forma intensa. O texto questionava a luta feminista por exaltar a submissão da mulher ao homem e a dedicação ao cuidado da família e do lar, e claro, com comportamentos e vestimentas que reforçam o estereótipo de mulher de família, correta e com valor. Após quase seis anos de governo Dilma, a figura da primeira-dama foi recuperada com a presença totalmente estereotipada de Marcela Temer, reforçando o imaginário de comportamentos e vestimenta idealizados socialmente para mulheres.

Em contrapartida, a presidenta Dilma passou os anos de seu governo recebendo críticas, como na reportagem intitulada “Presidente pavio curto: Broncas frequentes de Dilma introduzem tensão na relação com ministros colaboradores”<sup>21</sup>, divulgada pela Folha de São Paulo em 2011. Essa reportagem cita vários exemplos pelos quais a presidente é considerada explosiva para lidar com os ministros de seu governo. Isto marca como a sociedade busca diferentes formas de desmoralizar uma mulher que ocupa um cargo de poder, como no caso da

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/17/5-anos-do-impeachment-entenda-o-papel-do-machismo-no-processo-contradilma-rousseff>> Acesso em: 22/01/2025.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 04/04/2024.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/5387-dilma-pavio-curto>> Acesso em: 04/04/2024.

ex-presidenta Dilma Rousseff. Ela foi eleita democraticamente, mas sofria ataques relacionados com a sua aparência, sua vestimenta, sua personalidade e também com o fato de não ser casada.

Não distante disso, temos a figura da primeira-dama que deve corresponder às expectativas sobre sua posição política, como o braço direito do marido (presidente), o assistencialismo e ainda seguir com uma conduta de comportamentos e vestimenta previstos para a mulher do presidente da república. A ex-presidenta Dilma Rousseff realmente ocupou o maior cargo político no Brasil, mas isso não a isentou de carregar e lidar com os paradigmas destinados ao seu gênero e nem de lidar com críticas sexistas e machistas com relação ao seu trabalho.

As mulheres são ensinadas a serem bonitas para serem consideradas inteligentes o suficiente e poderem ocupar cargos de poder sem questionamentos, porém é questionável que a beleza e a simpatia sejam fatores determinantes na carreira profissional das mulheres. Isso é uma forma de criar ainda mais barreiras para a luta feminista dentro da sociedade. A mulher conquistou seu direito ao voto, aos estudos e à formação superior, conseguindo ocupar espaços para além da casa e da família. Agora é preciso ser bonita e “recatada” o suficiente para permanecer nesses lugares. A constituição da função de primeira-dama tem suas raízes no desenvolvimento velado dos papéis de gênero e do sexismo. Mesmo que em posições de prestígio, ainda existem expectativas comportamentais sutis que devem ser seguidas pelas mulheres.

Depois da breve passagem de Marcela Temer na função de primeira-dama, o Brasil elegeu o ex-presidente Jair Bolsonaro em 2018. Ele defendia uma ideologia cristã, neoliberal, militar e defendia, também, a “família tradicional brasileira”. Seu governo trouxe à tona muitos discursos violentos, machistas e preconceituosos defendidos pela extrema direita do Brasil. Sua esposa, Michelle Bolsonaro, defendeu todas essas ideologias durante o governo, principalmente os princípios cristãos, mas sua passagem na função de primeira-dama foi bem menos marcante que todas as polêmicas levantadas pelo governo do marido. Logo na posse, em 2019, Michelle surpreendeu toda a nação ao discursar, em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), antes do marido. Segundo Guedes:

[...] a iniciativa da primeira-dama (discursar na posse) contribuiu para a imagem do presidente mais do que mil tuítes do enteado Carlos, o “02”, responsável pela campanha do pai nas redes sociais. Afinal, Bolsonaro construiu sua trajetória política ancorada em posições polêmicas, como o apoio a torturadores, declarações racistas, machistas e homofóbicas. E foram inúmeras (Guedes, 2019, p. 255).

Dito isso, a atuação de Michelle Bolsonaro como primeira-dama foi marcada pela influência dos valores cristãos e da mulher como defensora da família tradicional. Suas ações eram voltadas para a comunidade surda, grupo pelo qual a ex-primeira-dama nutria muito carinho e atenção, e para as mulheres - ações feitas carregadas sempre da ideologia cristã defendida por ela. Além disso, na maioria das vezes, Michelle sempre se mostrou, por meio de suas redes sociais, uma mulher mais reservada. Sua vida pública era meticulosamente programada e suas postagens raramente permitiam comentários. Apesar disso, se envolveu em algumas polêmicas de corrupção junto com o marido, mas foram deixadas de lado quando o mandato de Jair Bolsonaro finalmente acabou em 2022. Porém, com a inelegibilidade do ex-presidente Bolsonaro, há uma construção de Michelle Bolsonaro como presidenta do Brasil em 2026<sup>22</sup>.

Atualmente, a primeira-dama do Brasil é Rosângela Lula da Silva, popularmente conhecida como Janja. Ela ocupa a função de primeira-dama desde 2023 quando o ex-presidente Lula da Silva foi reeleito. Ela é formada pela Universidade Federal do Paraná em Ciências Sociais, pós-graduada em História e foi a única companheira de Lula desde a morte da sua ex-esposa. Janja assumiu a posição de primeira-dama em um momento de completa polarização política no Brasil, isto é, a vitória do Lula marcou o fim de um governo de extrema direita e o começo de um governo centro-esquerda. Essa transição foi significativa e trouxe desafios para a primeira-dama, pois anteriormente a posição era ocupada por Michelle Bolsonaro, defensora dos valores cristãos e da família tradicional. No entanto, Janja, apesar de incorporar elementos de religiosidade em seus discursos, não se limita a uma única verdade para exercer suas responsabilidades como primeira-dama.

Essa disputa das eleições por polos tão extremos teve reflexos até para Janja e Michelle, visto que a função da primeira-dama como apoiadora e representante do candidato durante uma campanha eleitoral é muito importante, com participações em eventos públicos, discursos e atividades de caridade e campanhas sociais. Além disso, a primeira-dama pode ser responsável por “humanizar” o candidato, mostrando seu lado mais pessoal e familiar para conquistar a simpatia e confiança do eleitorado, contribuindo para a imagem e mensagem da campanha eleitoral de seu marido. Sem contar que a identificação do eleitorado feminino com a primeira-dama contribui muito para aumentar os eleitores de seu marido (Guedes, 2019). Pensando nisso, a revista *Azmina* publicou em outubro de 2022 (ano de eleição para presidência) uma matéria

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/01/23/bolsonaro-cogita-michelle-como-candidata-a-presidencia-desde-que-seja-nomeado-para-a-casa-civil.ghtml>> Acesso em: 29/01/2025.

sobre como a violência na corrida presidencial também afeta as esposas dos candidatos. Na reportagem intitulada “Macumbeira e Micheque: nas redes sociais, violência da corrida presidencial sobra também para Janja e Michelle”<sup>23</sup>, é dito que:

[...] as mulheres que buscam o título de primeira-dama do Brasil são figuras centrais para corroborar os discursos de seus maridos nas candidaturas e atrair apoio das eleitoras mulheres. A participação ativa nas campanhas, contudo, também faz com que estejam mais expostas à hostilidade do pleito. E os ataques às duas são bem diferentes: enquanto a maioria dos ataques à atual primeira-dama são ofensas morais, relacionadas à corrupção, Janja é mais alvo de intolerância religiosa, mesmo sem declarar sua religião publicamente (Berlin, 2022).

Portanto, a ideologia política defendida por cada candidato à presidência acaba se tornando um meio pelo qual os opositores usam para atacar a esposa do presidente, além dos comentários sobre roupa, aparência, religião, sexualidade e caráter. A representação da primeira-dama reflete todas as lutas e dificuldades enfrentadas pelas mulheres, pois mesmo que em um lugar de privilégio, elas ainda se deparam com ataques e violências que todas as mulheres enfrentam. Como a pressão para se encaixarem em estereótipos de gênero, a exposição constante à mídia e à opinião pública, o equilíbrio entre vida pessoal e pública, a necessidade de representar o país ou estado de forma adequada e a crítica sobre suas ações e posicionamentos, elas ainda precisam lidar com a violência de gênero e com o preconceito. Ainda, elas precisam lidar com a expectativa de serem líderes em causas sociais e humanitárias, o que pode ser muito desafiador com tantas demandas e responsabilidades.

Até aqui, trilhamos um caminho essencial para entender como se constitui a representação de primeira-dama, atravessado por toda a luta das mulheres, pelos preconceitos, pelas relações de gênero e pelas violências. No próximo tópico, trataremos da metodologia utilizada para a constituição deste trabalho. E em seguida, um capítulo destinado à análise de algumas postagens da primeira-dama Janja, a fim de analisar a construção do ethos dela e a interferência da construção histórica da representação social de primeira-dama no Brasil.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/monitora-primeira-dama-ataques-janja-michelle/>> Acesso em: 11/04/2024.

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho se enquadra como uma pesquisa qualitativa que considera o contexto social, cultural e histórico do objeto que analisamos com participação ativa dos pesquisadores. A pesquisa descreve e interpreta os dados de maneira aprofundada e detalhada com valorização das perspectivas e experiências subjetivas. De acordo com Paiva (2019), a pesquisa qualitativa tem como objetivo explorar a complexidade dos fenômenos sociais, compreender as nuances das interações humanas e as diversas dimensões da realidade social, descrever os contextos e as situações e, também, entender os significados atribuídos às experiências e ações.

Para concretizar esta pesquisa qualitativa, primeiro fizemos a delimitação do problema, buscando identificar o que nos causava estranhamento a ponto de estudar e entender como esse fenômeno se estruturava. Neste caso, trouxemos como problema a ser debatido a violência e as desigualdades de gênero que nos deparamos diariamente. Para tanto, buscamos fontes, visando a construção de uma base teórica que atendesse aos propósitos da pesquisa e operamos com conceitos relevantes para lidarmos com o modo como as mulheres são tratadas socialmente e sobre a representação social de uma primeira-dama. Essa busca por fontes e teorias foi aprofundada com o desenvolvimento da pesquisa, a fim de entender a relação entre todas as informações que encontramos. A partir da leitura de autores e teóricos da área dos estudos do discurso e dos estudos de gênero, este trabalho pôde ser estruturado e redigido (Paiva, 2019).

Essa etapa é essencial para esta pesquisa qualitativa, pois envolve a análise e a síntese de literatura existente sobre um determinado tema ou área de estudo. A composição do aparato teórico que fundamenta o olhar lançado sobre o objeto de estudo tem como objetivo fornecer uma compreensão abrangente e atualizada sobre o tópico de interesse, identificando tendências, debates, lacunas e pontos de convergência na literatura. Trata-se um processo que nos permite situar a pesquisa dentro de estudos existentes, mostrando que ela contribui para o campo, além de destacar áreas que ainda não foram suficientemente exploradas, buscando garantir uma base teórica mais sólida para a pesquisa e buscando, também, garantir que a pesquisa não fique repetitiva.

Para esta pesquisa, buscamos analisar como o ethos da primeira-dama Rosângela da Silva (Janja Lula da Silva) é construído no meio político em que ela atua. Visamos analisar como a violência, os estereótipos e as desigualdades de gênero circulam e afetam uma mulher que ocupa uma posição de prestígio social, sendo esposa do presidente da república do Brasil. A participação das mulheres na política é uma porcentagem bem pequena, pois é um espaço social no qual a mulher ainda encontra muitas barreiras para adentrar e realmente atuar com

igualdade e segurança. Dessa forma, utilizamos a pesquisa qualitativa em conjunto com as teorias aqui citadas para explorar como a linguagem é usada para construir significados e realidades sociais.

Assim, desde a posse do presidente Lula da Silva no dia 01/01/2023, começamos a acompanhar a atuação da primeira-dama Janja por meio da sua página no Instagram<sup>24</sup>. Com frequência, Janja divulga vídeos no seu perfil para falar sobre alguma coisa que está acontecendo no país, divulga sua opinião e causa grande visibilidade para os projetos e ações dos quais participa. Devido à grande quantidade de vídeos que ela publica, foi necessário estabelecer critérios para definir quais seriam utilizados na análise. Como o objetivo específico deste trabalho é compreender como a desigualdade de gênero circula na sociedade, optamos por selecionar vídeos em que Janja fala sobre as mulheres, seus direitos, ou a importância de debater a participação mais ativa das mulheres em todos os aspectos, especialmente na política. No perfil de Janja, há muitos vídeos com essas características, visto que ela é muito ativa na luta das mulheres no Brasil. Dessa forma, cerca de dez vídeos foram selecionados em seu perfil, em um primeiro momento, para, assim, em um segundo momento, serem selecionados apenas três vídeos para a análise.

Nesses dez vídeos selecionados, Janja trata dos projetos em que atuava e ainda atua, voltados especificamente para a luta das mulheres ou para ações sociais direcionadas à população mais carente. E, para chegar aos três vídeos que compõem o presente estudo, consideramos: o contexto de construção e circulação do vídeo, isto é, o momento histórico pelo qual o Brasil passava quando o vídeo foi gravado e publicado; as falas escolhidas por Janja para abordar determinado assunto; a visibilidade de seu rosto, suas expressões e suas roupas; e, por fim, o lugar em que o vídeo foi gravado. Os vídeos que circulam no Instagram são vídeos com duração de, no máximo, um minuto - pois é o que a plataforma permite - e, na própria postagem, podemos ver a data de publicação e entender o que estava acontecendo no país quando ele foi postado. Isso nos permite compreender o discurso da primeira-dama e como seu ethos é construído a partir de suas falas, suas feições e seus gestos. Os vídeos que são postados em seu perfil do Instagram são legendados, as análises de suas falas serão feitas a partir da transcrição exata dessas legendas.

Assim, o próximo capítulo desta pesquisa será destinado à análise de dados e será estruturado a partir da seleção de três vídeos divulgados por Janja em sua conta no Instagram.

---

<sup>24</sup>Disponível em:

<[https://www.instagram.com/janjalula?utm\\_source=ig\\_web\\_button\\_share\\_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzIxNw=>](https://www.instagram.com/janjalula?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzIxNw=>)> Acesso em: 17/07/2024.

A análise leva em consideração o contexto histórico e político do momento em que o vídeo foi postado, para que seja possível examinar a construção da cenografia e identificar elementos como os gestos, a vestimenta e as escolhas linguísticas de Janja. Dessa forma, poderemos analisar como seu ethos é construído por meio do seu discurso.

## 5 ENTRE DESAFIOS E PADRÕES: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DE JANJA NO CENÁRIO SOCIAL BRASILEIRO

A construção do ethos de uma figura pública está diretamente ligada às representações sociais e aos estereótipos que a cercam, especialmente quando se trata de uma mulher em uma posição de destaque no espaço político. No caso de Janja, primeira-dama do Brasil, sua presença ativa nas mídias digitais e sua participação em pautas sociais evidenciam um ethos que desafia e, ao mesmo tempo, dialoga com os estereótipos historicamente atribuídos às mulheres nesse espaço. Este capítulo é destinado à análise da construção da imagem da primeira-dama, Janja, a partir dos discursos disseminados por meio de suas mídias sociais, considerando a influência das concepções de gênero, dos padrões de beleza e das expectativas sociais sobre a função que ocupa. Além disso, investiga-se de que forma essa construção discursiva contribui para a reafirmação ou a desconstrução de padrões tradicionais e como sua atuação reflete e influencia o cenário político brasileiro atual.

### 1. Mulher na política

O primeiro vídeo que vamos analisar foi postado no dia 19/03/2024<sup>25</sup>. Nele, Janja participa de uma reunião para falar sobre a participação das mulheres na política. Esse vídeo é um recorte da Plenária Nacional das Mulheres do Partido dos Trabalhadores (PT)<sup>26</sup>, que é um encontro promovido pela Secretaria Nacional de Mulheres do PT, visando fortalecer a representação feminina na política e consolidar a luta por igualdade de gênero dentro e fora do partido. Essas plenárias são espaços de articulação, formação e debate, em que são discutidas estratégias para ampliar a representatividade das mulheres nos processos eleitorais e nas instâncias de decisão política. Busca-se, nesses espaços de debate, incentivar e preparar mulheres para assumirem cargos eletivos, promovendo a equidade de gênero na política brasileira. Também busca discutir e elaborar propostas que visem à promoção dos direitos das mulheres, ao combate à violência de gênero e à implementação de políticas públicas inclusivas.

---

<sup>25</sup>Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/C4twctWM7ut/?igsh=MXg0aHp5bHgzcHJ5MA>> Acesso em: 18/07/2024.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://pt.org.br/petistas-participam-de-plenaria-nacional-das-mulheres-do-pt-nesta-terca-feira-19/>> Acesso em: 15/01/2025.

E, por fim, a plenária busca promover a organização das mulheres dentro do PT, garantindo que suas pautas sejam incorporadas a diretrizes e a plataformas eleitorais.

As plenárias reúnem diversas mulheres ligadas ao PT, como as pré-candidatas ou candidatas que pretendem ou já estão concorrendo a cargos eletivos, como vereadoras, prefeitas, deputadas, entre outras, além de parlamentares e gestoras públicas que já ocupam posições políticas e representam o partido em diferentes esferas de governo. Ainda, estão presentes nas plenárias integrantes das direções municipais, estaduais e nacional do PT, envolvidas na formulação e execução de estratégias políticas e, por fim, ativistas e militantes que atuam em coletivos feministas e movimentos sociais alinhados com as causas defendidas pelo PT.

No dia 19 de março de 2024, foi realizada uma plenária virtual que contou com a participação da presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann, da primeira-dama, Janja Silva, da secretária nacional de Mulheres do PT, Anne Moura, e da ministra das Mulheres, Cida Gonçalves. Esses encontros têm a função de debater e definir pautas relacionadas às demandas das mulheres, além de promover a participação feminina nos processos decisórios e na organização política. A participação das mulheres na política brasileira, com ênfase no papel mais ativo de Janja, será o tema central da análise desse vídeo. Exploraremos, ainda, a influência da polarização política no Brasil atual e a maneira como o discurso digital se articula com as campanhas políticas.

Segue a transcrição do vídeo da fala de Janja durante a plenária:

Quadro 1. Transcrição do vídeo da fala de Janja durante a plenária

(Continua)

*“Boa noite, boa noite a todas, Anne. Obrigada. Primeiro, eu queria te dar parabéns por todo esse formato do Elas por Elas. Eu acho que é, além de ser uma questão afirmativa no PT da participação das mulheres, é uma grande rede de apoio que as mulheres têm para se inserir na política. O caminho de entrada no Partido dos Trabalhadores, ela já se sente acolhida. Eu e a Cida falamos bastante na CSW, foi da questão da participação política das mulheres. E a Cida fez um comentário que, assim, às vezes, é até vergonhoso a gente falar da participação das mulheres nos parlamentos brasileiros. É muito pouco. A gente ainda tem muito para caminhar. Eu acho que essa plenária é fundamental pra gente entender e conseguir alcançar com que mais mulheres estejam presentes na política. Conversar e trocar experiências e se fortalecer. Acho que esse é o objetivo. Em todo o Brasil, a gente tem 16% de vereadoras, né. Então, é um número ainda muito baixo. O compromisso que a gente tem de tentar mudar nesse cenário. E a gente já vai mudar esse cenário quando a gente conseguir com que a gente mude a legislação eleitoral e que a gente tenha número de cadeiras nos parlamentos, seja no Parlamento Municipal, Estadual, ou aqui no Congresso Nacional. Não é possível mais que nós trabalharmos com cotas. Nenhum país praticamente mais usa essa regra de cota nos partidos*

(Conclusão)

*para eleger mulheres. A gente sabe a dificuldade que é alcançar. Primeiro entrar nessa cota e segundo eleger as mulheres. A gente sabe todas as dificuldades. A gente fala da jornada tripla das mulheres, imagina de uma mulher que é candidata. Então, a gente precisa falar sobre isso. E eu, junto com a Ministra Cida e com a Gleisi, a gente está comprometida a levar essa discussão. Conversar com quem tiver que conversar pra gente, enfim, talvez em 2026, a gente ter uma nova legislação eleitoral que permita uma equidade e uma paridade nas cadeiras do congresso. Quero dizer do meu compromisso de tá com vocês, companheiras esse ano. A gente tá montando uma agenda, Anne, pra gente tá visitando alguns territórios, algumas grandes cidades, alguns grandes municípios pra tá levando a eleição das mulheres. Precisamos efetivamente de mais mulheres nos parlamentos municipais. E eu falo isso porque se a gente não tiver mulheres nos parlamentos, a gente efetivamente não consegue aprovar políticas que atinjam a vida das mulheres. Eu quero tá com vocês, eu quero fortalecer a campanha das mulheres, né, por uma sociedade um pouco mais justa e igualitária. A gente não pode mais conviver com o mundo sem a presença das mulheres. Nós, mulheres, precisamos estar em todos os espaços de decisão e poder e passa pelos parlamentos, esse espaço passa também pelos parlamentos. Então, eu queria deixar um beijo bem grande. Podem contar comigo na campanha desse ano, vamos caminhar aí, conversar com as mulheres e fortalecer a candidatura das mulheres!”*

Fonte: Autora (2024).

Durante o evento, um vídeo foi gravado por uma câmera ou celular enquanto Janja fazia sua participação na reunião. O trecho registrado corresponde a uma das falas da primeira-dama e foi selecionado, editado e posteriormente publicado em seu perfil no Instagram, com o objetivo de ampliar a divulgação e engajamento nas mídias sociais.

No começo de sua fala, Janja cita o “Elas por Elas”<sup>27</sup>, que é um projeto desenvolvido pela Secretaria Nacional de Mulheres do Partido dos Trabalhadores (PT) desde 2018, com o objetivo de impulsionar a participação feminina na política brasileira e construir uma plataforma feminista para o país. Esse projeto busca aumentar o número de mulheres em cargos eletivos e de liderança, promovendo a equidade de gênero nas esferas de poder. Por meio de cursos, workshops e materiais educativos, o “Elas por Elas” capacita mulheres para atuarem de forma eficaz no cenário político, fornecendo ferramentas para a compreensão das estruturas de poder e estratégias de atuação. Além disso, o projeto busca modificar a realidade marcada pela desigualdade de gênero, oferecendo suporte para que a conscientização das mulheres se transforme em engajamento político na construção de uma sociedade mais equitativa e democrática.

As atividades desenvolvidas pelo projeto contam com uma série de vídeos e aulas que abordam temas relacionados à participação política das mulheres, feminismo, políticas públicas

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://pt.org.br/conheca-o-projeto-elas-por-elas/>> Acesso em: 15/01/2025.

e outros assuntos relevantes, disponível no YouTube<sup>28</sup>. Também oferece cursos e materiais didáticos para preparar mulheres para a atuação política, incluindo estratégias de campanha, comunicação política e elaboração de políticas públicas. E promove encontros, plenárias e debates para fortalecer a rede de mulheres no PT e ampliar a participação feminina nos espaços de decisão. O projeto conta com o apoio de lideranças femininas do PT, como a presidenta nacional do partido, Gleisi Hoffmann, e a ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, que destacam a importância da iniciativa para garantir que um contingente maior de mulheres possa se expressar e atuar politicamente.

Esses projetos assumem um papel essencial na política brasileira contemporânea, especialmente diante dos dados das eleições de 2024, segundo dados do TSE Mulheres<sup>29</sup>, que revelam que as mulheres representam 53% do eleitorado, 34% das candidaturas, mas apenas 17% das eleitas. No Brasil, 64% dos municípios (5.569 ao todo) não possuem candidaturas femininas. Entre as mulheres candidatas, 46,9% são brancas, 12,2% são pretas e apenas 0,6% são indígenas. A faixa etária predominante entre as candidatas está entre 40 e 44 anos, representando 16,5% do total. Quanto aos cargos disputados, a grande maioria das mulheres concorre ao cargo de vereadora (96,2%), enquanto 2,3% são candidatas a vice-prefeita e apenas 1,5% disputam o cargo de prefeita. Em relação ao eleitorado feminino, 57% das eleitoras se declaram solteiras e 33% casadas. Assim como entre as candidatas, a faixa etária predominante é de 40 a 44 anos, representando 10,2% das eleitoras. Apesar desses números, o Brasil ocupa a posição 135 no ranking global de representação feminina nos parlamentos, com apenas 17,5% de mulheres ocupando esses espaços em 2024.

De acordo com a proposta teórica de Maingueneau (2008), podemos atribuir ao vídeo em análise a cena genérica uma reunião de caráter institucional e representativo, típico de eventos de mobilização social, com foco em engajamento político e luta por igualdade de gênero. Janja fala como uma figura pública, articulando valores feministas e sociais vinculados à agenda do Partido dos Trabalhadores. Já a cena englobante abrange um contexto mais amplo, incluindo fatores históricos, sociais e ideológicos que moldam o discurso.

---

<sup>28</sup>Disponível em:

<<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIuQo1Wc9jsXoE9k9cpu81KKXLrLt7rDi>>. Acesso em: 15/01/2025.

<sup>29</sup> Disponível em:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMmRkYTYyNmQtYmM5OS00MTVmLTlIMGMtYjY4ZDY5MzFjZTJjIiwidCI6ImFiNzcyYzYzLWVhMzgtNGIxZS1iZWY3LTdiNjBIZDhhY2RmMSJ9>> Acesso em: 15/01/2025.

Assim, podemos dizer que a cena englobante é construída pelo discurso político e social brasileiro atual, marcado por um esforço para reconstruir políticas públicas voltadas à igualdade de gênero após um período de retrocessos ocorridos no período de 2019 a 2022. Esse momento se articula com a ascensão de mulheres à centralidade do debate político, com um discurso que visa reafirmar o compromisso do governo Lula com a luta feminista e os direitos das mulheres.

A cena genérica é representada pela plenária virtual, pois se caracteriza como a abertura formal e engajada que contém uma saudação inicial, uma contextualização e o propósito da reunião. Sua fala é breve, simbólica e carrega um tom de liderança política e solidariedade. A gravação e a divulgação nas mídias sociais ampliam o alcance, situando Janja como uma liderança feminina atuante no ambiente digital e político. Essas duas cenas juntas formam o quadro cênico em que o enunciado adquire sentido (Maingueneau, 2004), porém é com a cenografia transmitida que o coenunciador se depara de imediato. Isso ocorre porque a cenografia não é apenas um cenário fixo e pré-estabelecido, como se o discurso se desenrolasse em um ambiente já completamente definido e separado dele. Pelo contrário, a cenografia é criada durante a própria enunciação, desenvolvendo-se como parte integrante e constitutiva do dispositivo de fala.

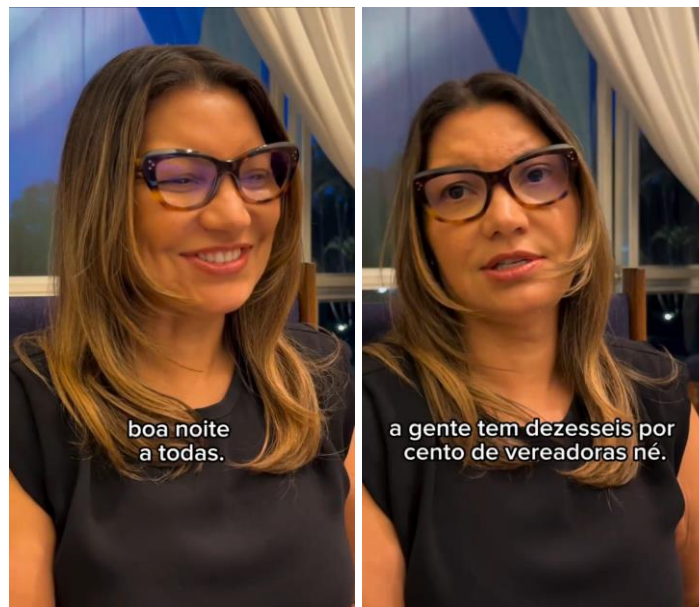
Assim, a cenografia do discurso de Janja na Plenária Nacional das Mulheres do PT considera aspectos como o espaço discurso virtual, uma vez que a plenária foi realizada remotamente. Ainda, a cenografia evoca um ambiente coletivo, engajado e representativo das mulheres ligadas ao PT. O uso da tecnologia cria uma ponte entre a formalidade do evento e a acessibilidade do meio digital, reforçando a ideia de união e inclusão. Embora o vídeo tenha sido gravado por uma câmera externa, isso contribui para uma cenografia mais informal e autêntica. Essa característica pode reforçar a ideia de proximidade com as participantes e o público das mídias sociais, criando uma sensação de diálogo direto.

A temática central – a luta feminista e a mobilização política das mulheres – é um componente essencial da cenografia. Os valores de igualdade, inclusão e enfrentamento ao machismo são projetados no discurso, alinhando-se com a agenda ideológica do PT e das mulheres que participam do evento. A cenografia construída no discurso de Janja é de um evento político comprometido com a mobilização das mulheres para ações concretas em prol da igualdade de gênero e da justiça social. Ao mesmo tempo, reforça sua imagem como uma liderança que une empatia, sensibilidade e pragmatismo político. Além disso, seu discurso busca atingir dois públicos: as mulheres militantes do PT que participam diretamente da plenária e os usuários das mídias sociais que assistem ao vídeo posteriormente.

A partir da constituição da cenografia, podemos identificar e analisar o ethos da primeira-dama Janja. Seu ethos vai sendo construído conforme seu discurso vai sendo formulado e é possível identificar que Janja constrói para si a imagem de uma primeira-dama comprometida com a luta feminista, empática e solidária com as causas sociais. Ela constrói uma representação de si de liderança comprometida com a transformação social, reconhecendo as desigualdades de gênero enfrentadas pelas mulheres e promovendo a mobilização e o engajamento político como ferramentas para a mudança.

Muitos aspectos do vídeo e do discurso contribuem para a construção desse ethos. Primeiro, podemos citar as feições da primeira-dama que mudam conforme a seriedade do que fala. Ao desejar boa noite para as presentes na reunião, Janja está muito sorridente e animada com a ocasião da plenária, mas ao tratar de assuntos mais sérios, como no trecho “*a gente tem 16% de vereadoras né*”, sua feição já demonstra maior preocupação e até mesmo indignação. Conforme ilustram as imagens a seguir:

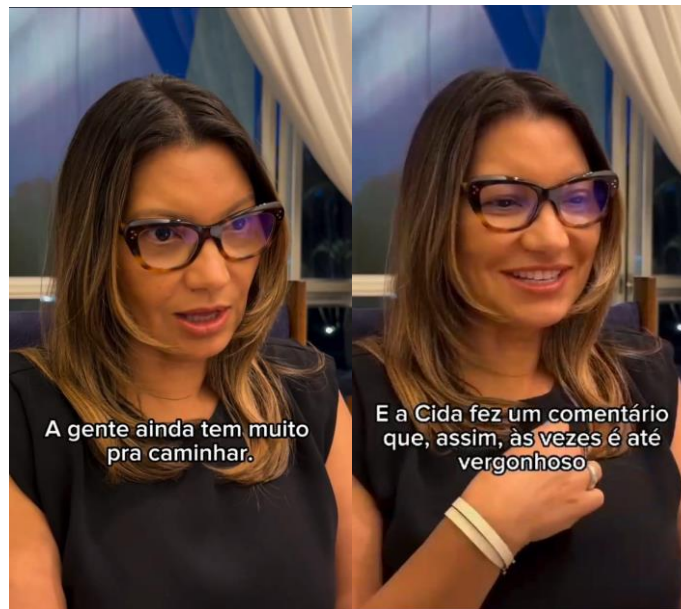
Figura 2: Print do vídeo “Mulher na Política”



Fonte: Autora (2024).

Já no trecho “*A gente ainda tem muito para caminhar*”, sua expressão é de determinação e vontade de fazer com que as estatísticas de mulheres na política mudem. De forma geral, ao longo do vídeo, Janja se sente feliz e à vontade no plenário para falar com as participantes, demonstrando preocupação e seriedade em momentos específicos de sua fala. Como nas imagens:

Figura 3: Print do vídeo “Mulher na Política”



Fonte: Autora (2024).

Apesar de o vídeo ser um recorte de uma plenária, que é considerado um momento que confere oficialidade e seriedade com objetivo formal, tema relevante, o discurso de Janja é descontraído e informal, mas isso transmite proximidade e simpatia e não falta de comprometimento com a função de primeira-dama.

Não fica claro o lugar em que Janja está, mas suas roupas são formais o suficiente para a reunião da qual ela participa. E como na maioria das aparições públicas da primeira-dama, ela não está muito maquiada e nem muito produzida, justamente para a construção de um ethos de uma figura pública que é mais acessível e de “mulher do povo”, para que as pessoas possam realmente se identificar com ela. Esse ethos de uma mulher que é mais acessível para todos é confirmado em falas como *“Eu quero tá com vocês, eu quero fortalecer a campanha das mulheres né por uma sociedade um pouco mais justa e igualitária”*, e por sempre usar a locução pronominal “a gente”, sempre se incluindo nas atitudes que devem ser tomadas e assumindo a sua parte e a sua responsabilidade na luta por maior inclusão das mulheres na política brasileira.

Ademais, nas falas *“Eu quero tá com vocês, eu quero fortalecer a campanha das mulheres né por uma sociedade um pouco mais justa e igualitária”*, *“Eu acho que essa plenária é fundamental pra gente entender e conseguir alcançar com que mais mulheres estejam presentes na política”*, *“E a gente já vai mudar esse cenário quando a gente conseguir com que a gente mude a legislação eleitoral e que a gente tenha número de cadeiras nos parlamentos, seja no Parlamento Municipal, Estadual ou aqui no Congresso Nacional”* e *“Conversar com*

*quem tiver que conversar pra gente, enfim, talvez em 2026 a gente ter uma nova legislação eleitoral que permita uma equidade e uma paridade nas cadeiras do congresso”* confirmam seu compromisso com a luta das mulheres por mais igualdade e participação política. Janja constrói um ethos de uma figura que compreende e apoia as lutas feministas, especialmente no que diz respeito à igualdade de gênero e à participação das mulheres na política. Sua participação na plenária aponta para um ethos de compromisso com a mobilização de mulheres e com a importância do protagonismo feminino no cenário político.

Janja reconhece a dificuldade da vida das mulheres com jornadas duplas, ou até mesmo triplas, para trabalhar, cuidar da casa e cuidar dos filhos e da família. Essa jornada pode ser ainda maior para mulheres que fazem parte da política. Como no trecho *“A gente fala da jornada tripla das mulheres, imagina de uma mulher que é candidata. Então a gente precisa falar sobre isso”*, a necessidade de falar e expor as situações mais desafiadoras que as mulheres enfrentam para ocupar os mesmos espaços que os homens são os primeiros passos para propor mudanças e melhoras. Assim, Janja reafirma o ethos de primeira-dama aplicada nas causas sociais com determinação para propor meios para ver mudanças, como na fala *“conversar com quem tiver que conversar pra gente, enfim, talvez em 2026 a gente ter uma nova legislação eleitoral que permita uma equidade e uma paridade nas cadeiras do congresso”*.

Como primeira-dama, Janja projeta uma figura de autoridade moral e política, utilizando seu espaço para reafirmar o compromisso do governo com pautas sociais e feministas. O seu ethos é complementado por sua atuação como uma ponte entre o governo e a sociedade civil, enfatizando a importância de ações concretas e efetivas. No trecho *“a gente não pode mais conviver com o mundo sem a presença das mulheres”*, a primeira-dama reconhece a importância da maior participação das mulheres para tomar decisões que possam contribuir para sua inclusão na sociedade para que seja possível mudanças que garantam a liberdade e uma efetiva luta contra a violência de gênero.

Esses aspectos contribuem para que seja possível conferir a Janja um ethos de uma pessoa sensível com as questões que afetam as mulheres, conectando-a emocionalmente com o público e com as mulheres presentes na plenária, dando esperança para lutar por um futuro mais promissor, com mais igualdade social. O maior engajamento desse vídeo, alcançando muitas outras mulheres, é possível devido à gravação desse recorte da plenária a fim de postar nas mídias sociais. Para Bucci (2021), a ideologia opera de forma inconsciente nos sujeitos. O capitalismo viu nas mídias sociais uma forma eficaz de se apropriar do conteúdo que é publicado e que contribui na formação de identidades dos sujeitos. As mídias operam com mecanismos que podem moldar a forma como é possível perceber a realidade. Atualmente,

políticos e partidos políticos usam as mídias sociais para divulgar vídeos curtos e muitas vezes recortados a fim de difundir informações falsas - fake News - e causar engajamento para que alcance o maior número de usuários possíveis. Os vídeos de Janja que são analisados neste estudo possuem o objetivo de divulgar uma ideologia que é defendida por ela e pelo atual governo do PT e aumentar o número de eleitores e usuários que possam aderir a essa ideologia.

Como já visto neste trabalho, foram muitas as primeiras-damas que tiveram grande influência na política brasileira. Porém, de forma geral, o primeiro-damismo se constitui como uma função social ligada diretamente ao assistencialismo e aos movimentos sociais. O estereótipo da primeira-dama na sociedade atual ainda carrega uma série de expectativas tradicionais, mas também está mudando de postura à medida que as mulheres assumem representações sociais mais ativas na política, especialmente nas últimas décadas. No entanto, muitos aspectos continuam a ser associados a essa função, refletindo tanto normas sociais históricas quanto as mudanças nos papéis das mulheres no poder.

Tradicionalmente, espera-se que a primeira-dama seja uma figura de apoio ao presidente, representando a estabilidade da família e o lado humano do poder. Ela é vista como a "mãe" da nação, sempre discreta e apoiando as políticas de seu marido, com o foco em causas sociais, como educação, saúde, direitos das mulheres, pobreza e infância. Essa imagem de "mulher caridosa" está profundamente enraizada na tradição de mulheres em posições de apoio e caridade. Por vezes, ela é estigmatizada como uma figura "assistencialista".

De acordo com Goffman (2009), as representações sociais são influenciadas pelas normas sociais e escolhidas a partir de como os sujeitos querem controlar as impressões que desejam passar. Dessa forma, quando analisamos a representação social de Janja, é possível dizer que, ao mesmo tempo que ela corresponde à expectativa da sociedade de estar ligada às causas sociais, ela também rompe com a limitação dos estereótipos de primeira-dama ao atuar de forma mais ativa na política, estando presente em eventos importantes, pronunciando-se e representando o presidente e o país em momentos oficiais, como a abertura dos Jogos Olímpicos de 2024.

Quando tratamos das representações sociais, aspectos como “vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (Goffman, 2009, p. 31) são importantes e devem ser considerados. No entanto, quando falamos do corpo, da beleza e da aparência das mulheres, precisamos considerar aspectos sócio-históricos culturais que buscam controlar e padronizar corpos e belezas femininas. Nesse quesito, Janja sempre se mostrou confiante de sua aparência, apesar dos muitos ataques que ela sofre ao buscar simplicidade e produções mais básicas. Suas

aparições públicas com a aparência mais natural estimulam a quebra de um padrão estético inalcançável.

Pensar em uma figura pública que tenta quebrar paradigmas e estereótipos na sociedade atual, especialmente no que diz respeito às questões de gênero e violência, é um processo complexo. Embora as últimas décadas tenham testemunhado a consolidação significativa das lutas feministas e a conscientização sobre desigualdades sociais, as dificuldades permanecem evidentes. Os estereótipos de gênero ainda exercem grande influência em muitas esferas da vida social, política e familiar. Desde a infância, as pessoas são socializadas para acreditar em determinados papéis baseados em seu sexo, como a expectativa de que mulheres sejam cuidadoras, delicadas e submissas, enquanto os homens devem ser fortes, exercerem lideranças e se mostrarem independentes. Um exemplo de como os papéis de gênero são enraizados na nossa cultura são os “chás revelação” para revelar o sexo de um bebê. Nessas ocasiões tudo é dividido em rosa ou azul e a expectativa para relevar o sexo também vem junto com a expectativa da vida da criança, por exemplo, se for menina a mãe que comemora porque ela pode colocar no balé, colocar laço no cabelo etc., mas se for menino o pai comemora porque ganhou um amigo para levar no futebol.

A violência de gênero é um reflexo das desigualdades estruturais que permeiam a sociedade. Essa violência é enraizada na nossa cultura que é cristalizada na ideia de que os homens ocupam um lugar de dominação. Isso torna que o processo de erradicar essas práticas seja complexo, assim, uma primeira-dama que constrói para si a imagem de uma mulher que entende toda essa estrutura pode estimular, pelo menos, o questionamento dessa estrutura patriarcal.

Portanto, quebrar os paradigmas e estereótipos de gênero e combater a violência de gênero na sociedade atual exigem um esforço conjunto entre educação, políticas públicas eficazes, empoderamento das mulheres e transformação cultural. Embora as dificuldades sejam grandes, a luta por igualdade de gênero e pelo fim da violência deve continuar a ser uma prioridade. É possível pensar isso em relação com o conceito de gênero desenvolvido por Judith Butler (2020), para essa autora as relações de gênero não são uma essência fixa, mas sim algo que é construído socialmente por meio de performances reiteradas no discurso. Assim, o ethos de Janja como primeira-dama é uma construção discursiva que pode tanto reproduzir normas tradicionais de feminilidade quanto desafiá-las.

Ao se posicionar publicamente, Janja performa um ethos de mulher que dialoga com expectativas sociais sobre o que significa ser mulher na política e no espaço público. Isto é, quando nos reconhecemos como pertencentes a um determinado gênero, performamos de

acordo com as expectativas destinadas para aquele gênero, como por exemplo, Janja que performa o gênero feminino e corresponde a expectativas na forma como se veste, na forma como gesticula, na sua aparência e no seu comportamento. A imagem que Janja constrói de si busca romper com os estereótipos passivos historicamente destinados às primeiras-damas, desafiando padrões de gênero cristalizados. No entanto, essa performance de Janja também está sujeita a reações conservadoras que tentam reafirmar estereótipos e limitar sua atuação, o que reforça a noção de Butler (2020) de que as relações de gênero são um campo de disputa e contestação constantes. A análise do ethos de Janja pode ser enriquecida pelo pensamento de Butler, ao demonstrar como sua identidade política é construída em meio a normas e residências, evidenciando a dimensão performativa da sua função na política brasileira.

Ao construir uma imagem para si de uma mulher que compreender os obstáculos da violência de gênero, Janja contribui para desafiar a ideia de que a primeira-dama deve se limitar à representação de "dama de companhia" e se posiciona como uma defensora de políticas públicas voltadas para o combate à violência e para a promoção da igualdade de gênero. Além disso, Janja tem utilizado sua posição de primeira-dama para levantar mais discussões sobre as pautas das mulheres na política. Como no trecho do vídeo, "*Precisamos efetivamente de mais mulheres nos parlamentos municipais*", Janja deixa claro que é essencial que as mulheres ocupem mais cargos na política brasileira como uma forma de abranger a luta por igualdade de gênero para os espaços mais importante da nossa sociedade, espaços de decisão e de poder.

Em sua declaração de que "*Nós, mulheres, precisamos estar em todos os espaços de decisão e poder e passa pelos parlamentos, esse espaço passa também pelos parlamentos*", Janja constrói uma imagem para si de uma mulher que compreende a luta feminista como responsável por estimular as mulheres a ocuparem todos e quaisquer lugares na nossa sociedade. Esse ethos rompe com os papéis tradicionais impostos pela violência de gênero, que perpetua na sociedade a divisão rígida de funções entre homens e mulheres. O ethos de uma mulher engajada construído por Janja promove o empoderamento feminino e a valorização das mulheres no contexto político. Sua presença ativa e a forma como utiliza suas mídias sociais para discutir questões de gênero têm o objetivo de inspirar outras mulheres a se engajarem na política e a lutar contra as opressões que enfrentam.

No trecho "*E eu falo isso porque se a gente não tiver mulheres nos parlamentos, a gente efetivamente não consegue aprovar políticas que atinjam a vida das mulheres*", Janja constrói uma representação de si de uma figura representativa que busca ajudar outras mulheres a ocupar lugares na sociedade para mobilizar leis e ações que possam atingir as mulheres que ainda estão marginalizadas e silenciadas dentro da sociedade. O ethos de uma primeira-dama com uma

atuação política ativa e incentivadora reflete a importância de se transformar o discurso em ações concretas para a construção de um futuro mais justo para as mulheres no Brasil.

O sujeito é responsável pelo discurso, mas também por moldá-lo para corresponder aos objetivos que ele tem e para contribuir ou não com a adesão do coenunciador (Maingueneau, 2015). Apesar do objetivo de Janja de construir esse ethos de uma mulher mais engajada na política e que compreende a necessidade das lutas sociais por igualdade, ela ainda sofre muito ataque daqueles que não aderem a seu discurso, pois a grande polarização política que o Brasil enfrenta hoje em dia faz com as figuras associadas a um determinado governo ou ideologia sejam vistas com desconfiança ou até hostilidade por aqueles que não compartilham das mesmas crenças. Maingueneau (2008) explica que o discurso é resultado da polêmica, em partes.

A relação entre discurso e polêmica é marcada pela constituição de um discurso a partir da incompatibilidade, isto é, “cada um entende os enunciados do Outro na sua própria língua, embora no interior do mesmo idioma” (Maingueneau, 2008, p.100). Dessa forma, podemos entender a polarização política no Brasil, os apoiadores de determinada ideologia política só compreendem a ideologia contrária através das suas próprias lentes e valores, enxergando-as apenas como contrárias a suas crenças e como as “erradas”. Essa “tradução” interna, feita a partir de uma memória interna e muitas vezes impermeável a perspectivas diferentes, impede um diálogo genuíno e a busca por pontos em comum, reforçando a radicalização das posições.

Para muitos, os discursos de Janja, como esposa do presidente e primeira-dama, podem ser interpretados com um viés ideológico oposto, sendo considerados tentativas de manipulação política para fortalecer uma agenda governamental, independentemente do conteúdo das propostas. Há ainda uma visão crítica sobre a representação da primeira-dama, visto por alguns como um cargo simbólico, sem poder real de transformação política. Para alguns, a figura de Janja pode ser vista como uma reprodução do assistencialismo, sem um real impacto nas políticas públicas que afetam as mulheres e a sociedade em geral. Esse estereótipo limita a crença de que seus discursos podem ser genuínos ou ter a intenção de estimular mudanças no país.

Isso pode ser explicado pela vontade de saber, desenvolvida por Foucault (1971). Esse conceito define que nossos discursos são organizados com base naquilo que sabemos e que consideramos verdadeiro. Ou seja, a adesão completa aos discursos de Janja também é resultado de crenças e opiniões que precedem sua fala. Considerando o momento de polarização política que o Brasil enfrenta, os discursos de Janja podem ser aceitos ou rejeitados de acordo com as ideologias que cada sujeito defende.

No Brasil, as mulheres enfrentam uma ampla gama de realidades e desafios. O discurso de Janja e o ethos que é construído por meio dele pode não ser aderido por todas as mulheres, principalmente aquelas que enfrentam realidades muito difíceis, como as mulheres negras, indígenas ou periféricas. As abordagens de políticas públicas que ela defende podem ser vistas como insuficientes ou desconectadas das necessidades específicas de diferentes grupos, o que pode levar à desconfiança sobre a efetividade de suas propostas. Isto é, a efetividade da atuação política da primeira-dama depende da capacidade de dialogar com as diversas realidades que as mulheres enfrentam no país.

No tópico a seguir, analisaremos outro vídeo de Janja divulgado em seu perfil. Neste vídeo, a primeira-dama faz um breve pronunciamento no dia que a Lei da Sala Lilás foi sancionada.

## 2. Combate à violência contra a mulher

No dia 25 de abril de 2024, o presidente Lula da Silva, sancionou a Lei nº 2.221/2023<sup>30</sup> que visa garantir atendimento adequado e privativo a mulheres vítimas de violência doméstica nos serviços de saúde vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS). Ela estabelece a criação de "Salas Lilás", espaços de acolhimento individualizado que asseguram a privacidade e proteção à integridade física e emocional das vítimas. Esses locais devem estar situados em áreas com menor fluxo de pessoas, garantindo que apenas profissionais capacitados e autorizados realizem o atendimento, com acompanhamento psicológico e outros serviços especializados. A lei também reforça que o acesso ao espaço onde a mulher estiver deve ser restrito, especialmente, ao agressor.

A medida altera a Lei Orgânica da Saúde, ampliando os direitos das vítimas de violência de gênero e integrando-se às políticas públicas já existentes, como a Lei Maria da Penha e a Lei do Minuto Seguinte. Essa iniciativa busca combater a violência contra mulheres de forma humanizada, oferecendo suporte adequado logo após a ocorrência da agressão. O projeto dessa lei foi proposto pela deputada Iza Arruda (MDB-PE), com o intuito de combater mais eficientemente a violência contra a mulher e especializar e preparar o SUS para receber e atender as vítimas com mais eficiência, garantindo suporte físico e psicológico.

---

<sup>30</sup> Disponível em:

<<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/04/presidente-sanciona-lei-que-garante-espacos-exclusivos-no-sus-a-mulheres-vitimas-de-violencia>> Acesso em: 13/12/2024.

No dia em que essa lei foi sancionada, estavam presentes ao lado do presidente Lula apenas mulheres líderes que desempenharam papéis importantes nessa iniciativa, como, Nísia Trindade, Ministra da Saúde, reforçando o compromisso do governo em cumprir a lei e a ampliação das Salas Lilás nas unidades de atendimento do SUS em todo o país. Também estava presente, Cida Gonçalves, Ministra das Mulheres, que reforçou a importância dessa lei para o combate à violência doméstica e o apoio às vítimas. Além disso, a deputada Iza Arruda, responsável por apresentar o Projeto de Lei, também estava presente. Ela defende essa lei como uma medida essencial para o combate à violência doméstica, assim como a segurança das vítimas pelo sistema de saúde.

Além de outras mulheres em cargos políticos que estavam presentes, a primeira-dama Janja também participou do evento e fez um breve pronunciamento<sup>31</sup>, que será analisado neste trabalho. O foco central da análise desse vídeo será a apresentação dos dados preocupantes de violência doméstica no Brasil e o entendimento de como o movimento feminista promove a conscientização sobre a violência de gênero. Abordaremos também a conexão entre a cultura do estupro, os ideais de beleza e a violência doméstica. Em última análise, buscamos entender de que forma a sanção dessa lei sinaliza o combate à violência doméstica pelo governo.

Segue a transcrição do pronunciamento de Janja:

Quadro 2. Transcrição do pronunciamento de Janja em relação a Lei nº 2.221/2023.

*“É uma lei superimportante, mas o que a gente quer mesmo é violência zero, né? Então é que essa lei, ela seja cumprida, tenhamos os espaços de acolhimento, mas por favor, homens, parem de nos agredir, parem de nos matar. É isso que a gente quer no final de contas, é que as equipes de saúde não sejam direcionadas para atender às mulheres vítimas de violência, mas que sejam direcionadas para atender a saúde da mulher efetivamente, né? A saúde da família. Então era só isso que eu queria falar, obrigada.”*

Fonte: Autora (2024).

O Instituto DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV), realizou em 2023 a décima edição da “Pesquisa Nacional de Violência contra a mulher”<sup>32</sup> com dados que mostram que 30% das mulheres do Brasil já sofreram algum tipo de

<sup>31</sup> Disponível em:

<<https://www.instagram.com/reel/C6MHROELYVC/?igsh=MXBmdzg0bDBzN2VzYg>> Acesso em: 18/07/2024.

<sup>32</sup> Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>> Acesso em: 17/12/2024.

violência doméstica ou familiar provocada por um homem. A pesquisa ainda aponta que quanto menor a renda, maior a chance de a mulher sofrer violência doméstica. São dados preocupantes que confirmam a violência estrutural contra a mulher, evidenciando que o problema está enraizado em fatores socioeconômicos, culturais e de gênero.

A violência doméstica é um reflexo da violência de gênero estruturada em nossa sociedade e que sustenta as desigualdades entre homens e mulheres. A ideologia patriarcal organiza as relações sociais de forma a centralizar o poder nos homens, impondo normas que colocam as mulheres em posições de inferioridade e submissão. Essas normas acabam naturalizando comportamentos abusivos, como controle, dominação e até a violência em ambientes domésticos. Historicamente, as mulheres foram ensinadas a desempenhar papéis restritos ao lar, cuidando da família e das tarefas domésticas, enquanto os homens assumiam o papel de provedores. Essa divisão criou uma dinâmica em que o homem, como responsável pelo sustento financeiro, detinha o poder, e a mulher era vista como uma "propriedade" por realizar atividades não remuneradas.

Apesar das mudanças significativas trazidas pelo feminismo, que ressignificam papéis e relações de gênero, a estrutura patriarcal ainda persiste. Essa estrutura reforça a ideia de posse e controle por parte dos homens sobre suas esposas, perpetuando a violência doméstica. A violência doméstica é influenciada por estereótipos de gênero, ideias de posse sobre o corpo e a vida da mulher e pela tolerância social a comportamentos abusivos, elementos reforçados por uma cultura patriarcal. Nossa sociedade se constituiu a partir de princípios excludentes e desiguais do patriarcado, formando sujeitos que são ensinados a acreditar que certas características definem os gêneros de maneira hierárquica. Essa ideologia sustenta a ideia de que os homens são superiores às mulheres, reforçando a diferenciação entre o "gênero forte" e o "gênero fraco". Simone de Beauvoir (2009, p. 25) destacou essa realidade ao afirmar que “as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar”.

A subjugação da mulher tem sido uma constante, estruturando relações de poder e submissão. No entanto, com o avanço da modernidade e o desenvolvimento da sociedade, as teorias feministas de desigualdade de gênero emergiram como ferramentas indispensáveis para questionar e desconstruir essas ideologias opressoras. Essas teorias não apenas expõem as raízes da desigualdade de gênero, mas também oferecem caminhos para combater a violência estrutural contra as mulheres e promover a igualdade.

A violência de gênero é o resultado da influência patriarcal abrangente na sociedade, que molda estruturas e comportamentos que perpetuam desigualdades. Esses sistemas estão diretamente ligados à cultura do estupro, que regula os corpos e as aparências femininas por meio da indústria da beleza, ditando padrões de estética e comportamento. Para Naomi Wolf (1992), quanto mais as mulheres foram ocupando cada vez mais lugares diversos na sociedade, mais a beleza foi se tornando importante para a validação dessas mulheres. Padrões de beleza cada vez mais inatingíveis foram sendo estabelecidos como uma “condição” para que as mulheres pudessem ser valorizadas e legitimadas na sociedade. Isso reflete diretamente na desigualdade no mercado de trabalho, onde mulheres enfrentam barreiras para ingressar em áreas tradicionalmente consideradas "masculinas".

Para Judith Butler (2020), o poder, a ideologia e as estruturas sociais desempenham um papel crucial na formação da subjetividade dos indivíduos, determinando se eles se conformam ou não com as normas e estereótipos de sua sociedade. Essas dinâmicas têm profundas implicações na construção de identidades e comportamento. O patriarcado, difundido e reforçado ao longo dos séculos, molda identidades que sustentam desigualdades e violência, criando um ciclo vicioso. Esse ciclo limita possibilidades de construções identitárias que se afastem dessas normas, mantendo a sociedade presa a uma lógica que perpetua a violência de gênero e inviabiliza mudanças significativas.

Como já explicado neste trabalho, o gênero é construído a partir da repetição estilizada de performances, ou seja, as categorias de gênero são mantidas por meio de práticas repetidas e rituais sociais, sendo possível subverter ou reafirmar os estereótipos tradicionais de gênero (Butler, 2020). Assim, os papéis de gênero são solidificados em uma sociedade patriarcal de forma que as mulheres sejam sempre colocadas em posições de submissão e vulnerabilidade, legitimando a dominação masculina e, conseqüentemente, a violência doméstica.

Ao compreender o gênero como uma construção performativa e não uma essência fixa, é possível desconstruir as normas que perpetuam desigualdades e a violência de gênero. Isso implica questionar e transformar as expectativas sociais que mantêm o controle masculino sobre as mulheres, promovendo uma cultura mais igualitária que reconheça diferentes formas de existir e de se relacionar. Portanto, aplicar essa perspectiva na luta contra a violência doméstica envolve reavaliar as estruturas culturais e sociais que sustentam a opressão de gênero, visando romper com ciclos de violência e discriminação. É nesse contexto que se insere o vídeo da primeira-dama, e o discurso disseminado por meio dele, que será analisado a seguir.

No momento em que a lei foi sancionada, Janja foi convidada a fazer um breve pronunciamento que foi gravado e publicado em sua página do Instagram. Embora o vídeo

apresente limitações técnicas, como a qualidade da gravação e a necessidade de um zoom para melhor visualização, ele foi escolhido pela relevância simbólica da sanção dessa lei no combate à violência contra a mulher. A fala de Janja, além de destacar a importância dessa conquista, carrega um tom emblemático que fortalece a luta feminista e ecoa o papel das políticas públicas na promoção de direitos e na proteção das mulheres em situação de vulnerabilidade.

Durante o ano de 2020, no auge da pandemia de COVID-19, o Brasil registrou um aumento alarmante nos índices de violência doméstica<sup>33</sup>. O isolamento social, necessário para conter a propagação do vírus, contribuiu para a intensificação dessa violência ao obrigar as vítimas a conviver constantemente com seus agressores. Além disso, fatores como o aumento do estresse, devido à instabilidade econômica, ao medo da doença e à sobrecarga de tarefas domésticas, criaram um ambiente ainda mais propício para o agravamento dessas situações. A partir da posse do presidente Lula em 2023, o debate sobre a segurança da mulher aumentou, principalmente com o apoio da primeira-dama Janja, que atua ativamente na luta por igualdade de gênero.

No breve pronunciamento de Janja, podemos retomar questões de um contexto mais específico sobre a luta histórica pelos direitos das mulheres, especialmente no que diz respeito ao enfrentamento da violência de gênero, como políticas públicas, campanhas de conscientização e iniciativas para acolher vítimas e punir agressores. A sanção da Lei da Sala Lilás é um passo na luta do enfrentamento da violência de gênero, no avanço para a proteção das mulheres e no enfrentamento do patriarcado e do machismo.

Dessa forma, ao analisar a fala da primeira-dama podemos entender qual a cenografia construída por ela para analisar a construção do ethos. Seu ethos é construído como uma figura pública que atua em prol das pautas femininas, combinando sua função como primeira-dama – de apoio às políticas do governo – com um compromisso ético e político de contribuir para a transformação social no enfrentamento à violência de gênero. Além disso, o local em que o vídeo foi gravado, uma sala oficial do senado, contribui para comprovar a seriedade do pronunciamento.

Esses elementos são importantes para compreender seu ethos que é construído pelo discurso e é responsável por permitir que o coenunciador confira um caráter de credibilidade para Janja. Como primeira-dama, Janja representa uma figura pública de destaque que carrega a autoridade simbólica de uma posição política e social, ou seja, a representação de primeira-

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19>> Acesso em: 09/01/2025.

dama. Nesse caso, seu ethos se apoia na credibilidade institucional, evocando a percepção de que ela está engajada nas pautas sociais relevantes e alinhada a políticas públicas.

Quando analisamos a construção da imagem de si, outros elementos são importantes como o tom e a corporalidade. O tom refere-se à maneira como o sujeito se expressa verbalmente, incluindo o ritmo e a entonação. Ele influencia a percepção de autoridade, proximidade e até mesmo emoção. Já a corporalidade remete à presença física e aos gestos, expressões faciais, postura e movimentos corporais. No caso de Janja, seu tom e sua corporalidade desempenham uma função importante na forma como sua imagem é percebida nas mídias sociais. A utilização de um tom mais sério, mas ao mesmo tempo calmo, confere a Janja uma imagem de uma figura importante, que entende a gravidade do assunto. E seus gestos e suas feições conformam esse ethos de seriedade e compromisso com o combate a violência.

Para a construção do ethos, o tom, a corporalidade e o caráter são essenciais para que as representações sociais sejam ou não valorizadas. Assim, o coenunciador constrói uma imagem do enunciador a partir da maneira como o discurso é feito, considerando comportamentos, feições, gestos e escolhas linguísticas. Esses elementos permitem o surgimento de “uma origem enunciativa” (Maingueneau, 2016, p. 72) que exerce a função de fiador, isto é, o coenunciador não se relaciona de forma direta com o sujeito empírico, mas sim com o sujeito estabelecido em um momento e em um lugar onde o discurso surge (Maingueneau, 2016). Assim, Janja é fiadora de um discurso que vai sendo construído a partir de uma cenografia que abrange aspectos como a luta das mulheres, o patriarcado e a violência de gênero. Esses aspectos influenciam diretamente a maneira como sua imagem é construída e interpretada pelo coenunciador, que participa ativamente da legitimação de seu ethos.

A parcela da população que apoia não apenas Janja, mas também o governo Lula, espera que ambos se posicionem firmemente em defesa de causas sociais relevantes, como o combate à violência doméstica. Esse tema, cada vez mais urgente e amplamente debatido, especialmente com os avanços proporcionados pela luta feminista, reflete uma demanda crescente por ações concretas e políticas públicas eficazes que promovam a segurança e os direitos das mulheres.

Esse debate se tornou ainda mais relevante ao se considerar que, durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, sob a liderança de Damares Alves, foi amplamente acusado de priorizar pautas conservadoras e religiosas. Essas prioridades foram frequentemente vistas como prejudiciais à implementação de políticas efetivas para a promoção da igualdade de gênero. Logo no início de sua gestão, a ex-ministra fez uma declaração que repercutiu fortemente na sociedade. Ela afirmou que uma

"nova era" estava começando no Brasil, marcada pela ideia de que "meninos vestem azul e meninas vestem rosa"<sup>34</sup>. Esse comentário, assim como muitas outras declarações da ministra, foi interpretado como uma tentativa de reforçar estereótipos de gênero, alimentando debates que trouxeram à tona questões como o preconceito e a violência estrutural contra mulheres e minorias.

Além disso, a ex-ministra declarou ser “terrivelmente cristã”, uma afirmação que refletiu a centralidade de pautas religiosas no discurso e nas ações de sua gestão. As ideologias defendidas por ela frequentemente divergiam das lutas por igualdade de gênero, promovendo valores que reforçavam estereótipos e desigualdades estruturais. Durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, a ênfase em ideologias cristãs<sup>35</sup> influenciou significativamente a formulação de políticas públicas para o combate da desigualdade de gênero, muitas vezes em detrimento de abordagens laicas e inclusivas. Essa postura contribuiu para perpetuar e, em alguns casos, acentuar a violência de gênero, a violência doméstica, o preconceito e o machismo, dificultando avanços em prol da igualdade entre homens e mulheres.

Houve diversas ocasiões em que o ex-presidente Jair Bolsonaro proferiu declarações consideradas preconceituosas, violentas e machistas. Um exemplo emblemático ocorreu em 18 de fevereiro de 2020, quando Bolsonaro fez uma declaração ofensiva contra a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S. Paulo<sup>36</sup>. Na ocasião, o ex-presidente utilizou a expressão jornalística "dar um furo" — que significa publicar uma notícia inédita antes de outros veículos — de maneira vulgar, para desferir um ataque de cunho sexual à profissional, afirmando: "Queria dar o furo a qualquer preço contra mim". Essas atitudes não foram isoladas; ao longo de seu governo, episódios semelhantes se tornaram recorrentes, causando forte impacto na sociedade. Comentários desse tipo, vindos de uma autoridade máxima do país, não apenas naturalizaram discursos violentos, mas também influenciaram comportamentos sociais, perpetuando o machismo e a violência contra as mulheres. Como consequência, houve um aumento significativo na banalização da violência de gênero, que se tornou ainda mais explícita e tolerada durante o período de seu mandato.

---

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>> Acesso em: 15/01/2025.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/cristianismo-e-poder-de-constantino-a-bolsonaro/>> Acesso em: 15/01/2025.

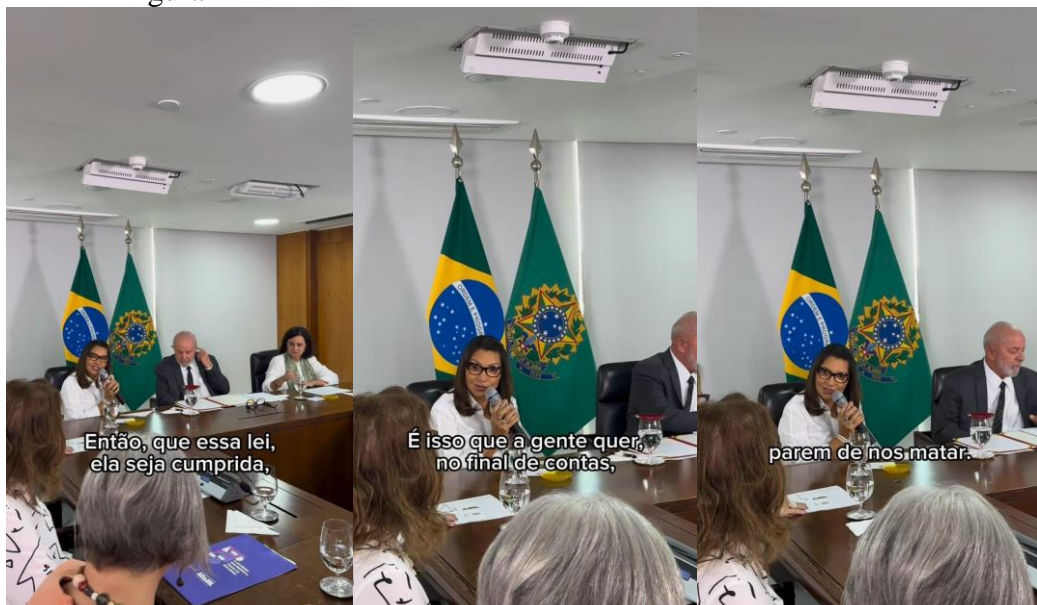
<sup>36</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-faz-insinuacao-sexual-a-reporter-jornal-acusa-quebra-de-decoro>> Acesso em: 15/01/2025.

Com o término do governo Bolsonaro, parte da população alimentou a esperança de que episódios como esses não fossem mais tolerados e que seus autores fossem devidamente responsabilizados. Essa expectativa reflete o desejo por um ambiente político e social mais comprometido com o respeito, a igualdade de gênero e a responsabilização de atitudes que promovam preconceito, machismo e violência. Além disso, aponta para a necessidade de uma governança que valorize políticas públicas efetivas no combate à violência contra as mulheres e que promova uma cultura de respeito e inclusão. Dentro desse contexto, é possível compreender a relevância da Lei da Sala Lilás, sancionada pelo atual presidente Lula, como um avanço significativo no enfrentamento à violência de gênero.

A presença da primeira-dama Janja durante a cerimônia de sanção, acompanhada de seu breve pronunciamento, contribui para consolidar o ethos de uma mulher consciente da gravidade da violência de gênero, especialmente da violência doméstica. Sua postura evidencia não apenas sensibilidade diante do tema, mas também um comprometimento com a necessidade de políticas públicas eficazes e integradas para combater essas formas de violência e promover a proteção das mulheres.

Ao dizer *“Então é que essa lei, ela seja cumprida, tenhamos os espaços de acolhimento, mas por favor, homens, parem de nos agredir, parem de nos matar.”*, Janja possibilita que o coenunciador construa para ela uma imagem de empatia e cuidado que busca estabelecer uma conexão emocional com o público, especialmente com as mulheres que enfrentam ou temem situações de violência. Como exemplificado nas imagens:

Figura 4: Print do vídeo “combate à violência contra a mulher”



Fonte: Autora (2024).

Ainda, Janja propõe que os homens sejam ensinados a evitar comportamentos violentos para que assim seja possível cuidar efetivamente da saúde da mulher e da família, isto é, ela reconhece a importância da lei para combater a violência doméstica, porém acredita que a violência deve ser combatida na raiz, educando os homens para acreditarem que a violência não é a solução e, muito menos, uma opção. Dessa maneira, a primeira-dama constrói para si o ethos de uma mulher plenamente ciente de como o machismo e a violência de gênero estão profundamente enraizados em nossa cultura. Sua compreensão dos impactos concretos e devastadores que esses fenômenos exercem na vida cotidiana das mulheres reafirma seu compromisso com a luta feminista contra a violência de gênero, destacando seu apoio a ações e políticas que visem combater essas injustiças de forma eficaz e estruturada.

Como já explicado neste trabalho, as marcas de outras vozes podem ser identificadas na construção do ethos discursivo, podendo reforçar ou rejeitar estereótipos com base nas marcas que o ethos carrega. Por meio de seu discurso, Janja constrói o ethos de primeira-dama engajada nas causas sociais, de uma figura pública compassiva e crítica, que busca inspirar confiança e mobilização coletiva para enfrentar um problema social profundo. Esse ethos, por um lado, reforça alguns estereótipos tradicionais de primeira-dama, associados ao assistencialismo e ao engajamento em causas sociais, particularmente na luta pelos direitos das mulheres. No entanto, ao mesmo tempo, ele desafia o estereótipo amplamente promovido no último governo, que retratava a mulher como submissa ao marido, obedecendo passivamente às suas decisões.

A postura de Janja se distancia dessa visão antiquada ao adotar uma representação ativa na promoção da igualdade de gênero e no enfrentamento da violência contra as mulheres, reafirmando o direito de autonomia e respeito para todas. A construção dessa imagem de Janja é possível, pois seu discurso não é apenas um conjunto de signos linguísticos, mas também sustenta uma ideologia intrínseca ao seu meio social. Além disso, outros elementos devem ser considerados para a construção do ethos, como o lugar, as vestimentas, os gestos, as feições e o tom de sua fala, assim a incorporação do seu ethos é feita pelo discurso, mas também durante o discurso, a partir da maneira como a cenografia é construída pelo enunciador e recebida pelo coenunciador. Por esses motivos, a cenografia desempenha um papel crucial na construção do ethos, especialmente ao considerar a ideologia de combate à violência de gênero presente no discurso de Janja. Suas roupas formais, adequadas ao momento sério da sanção de uma lei, juntamente com seu modo de dizer e a forma como o coenunciador recebe essa cenografia, permitem a construção de seu ethos de maneira eficaz.

A afirmação de Janja de que as políticas públicas precisam ser mais eficazes reforça a construção discursiva de um ethos crítico e comprometido com mudanças estruturais. Isso projeta sua imagem como uma figura ativa na luta por justiça social, indo além da mera condenação da violência para propor medidas concretas. Quando menciona que os homens também devem ser educados para não serem violentos, Janja demonstra uma abordagem que não apenas responsabiliza os agressores, mas busca uma mudança cultural ampla. Esse ethos inclusivo reforça sua posição como mediadora de diálogo e promotora de transformação social. Portanto, Janja constrói um ethos de uma primeira-dama comprometida com as causas sociais e com a luta feminista, além de projetar a imagem de uma mulher que compreende as dificuldades da sociedade e busca ativamente superá-las. Seu ethos também reflete compaixão e empatia, demonstrando uma conexão com as necessidades e sofrimentos do povo.

Todos os discursos de Janja analisados neste trabalho foram publicados em seu perfil no Instagram, e o vídeo da sanção da Lei da Sala Lilás foi gravado à distância por outra pessoa, com a intenção de ser compartilhado nas redes sociais. Embora seja um pouco difícil identificar claramente as feições e os gestos da primeira-dama durante seu discurso, conforme dito anteriormente, esse vídeo foi escolhido para análise devido à relevância do tema abordado. A fala de Janja é breve e objetivo, mas tem como principal propósito transmitir ao público que a lei sancionada conta com o apoio das mulheres. Por meio de seu pronunciamento, fica evidente que a medida pode gerar resultados positivos no combate à violência doméstica. Esse gesto se reveste de grande simbolismo, alinhando-se ao fato de que o trecho do evento, com o fala de Janja, foi gravado e editado para ser publicado nas redes sociais, com o objetivo de gerar engajamento e fortalecer a discussão sobre a lei.

Com o crescente uso das redes sociais, os políticos de diferentes filiações partidárias passaram a se valer do meio digital para difundir e, muitas vezes, viralizar discursos que favorecem uma ideologia ou um governo específico. Isso ajuda na compreensão de como a realidade é construída e percebida nesse contexto virtual, em que as informações são manipuladas e compartilhadas de maneiras que podem influenciar a percepção pública de forma significativa.

O vídeo a seguir também foi retirado do perfil de Janja no Instagram e, diferente dos dois vídeos analisados, é uma gravação feita pela própria primeira-dama para prestar seu apoio e solidariedade com o desastre ocorrido no sul do país no ano de 2024.

### 3. Dia das Mães

No final do mês de abril e começo de maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou uma catástrofe ambiental. Essa crise ambiental foi causada por chuvas intensas que resultaram em inundações severas. As enchentes desalojaram milhares de pessoas, inundaram residências e áreas urbanas, e causaram destruição generalizada. A infraestrutura das cidades e as políticas públicas preparadas para lidar com essas situações, mostraram-se insuficientes para lidar com a magnitude das chuvas, exacerbando os danos e dificultando os esforços de recuperação. Assim, grande parte do Brasil reuniu forças, doações e compaixão para ajudar o estado, inclusive a primeira-dama Janja (Rosângela da Silva).

Essa tragédia marcou a participação da primeira-dama nas mobilizações para ajudar o Rio Grande do Sul, principalmente considerando que a sua função tem como foco principal o engajamento nas causas sociais e no assistencialismo. As ações de Janja foram marcadas pela presença ativa em atividades de solidariedade e apoio às vítimas das enchentes. Ela tem se envolvido diretamente na coordenação de esforços de ajuda humanitária e na mobilização de recursos para socorrer as comunidades afetadas. Seu envolvimento ativo não só proporciona apoio imediato às vítimas, mas também ajuda a construir uma resposta mais organizada e eficaz por parte das autoridades e da sociedade como um todo.

É importante comentar sobre esse fato, pois a primeira-dama usou suas redes sociais para dar visibilidade e reunir ainda mais ajuda. Ela utilizou sua posição e engajamento social para manter o foco da mídia e da opinião pública sobre a situação das vítimas das enchentes. Ao visitar as áreas afetadas e se reunir com as comunidades locais, ela ajuda a manter a atenção nas necessidades urgentes e nas medidas de recuperação a longo prazo. Nesse vídeo que será analisado, Janja comenta sobre a tragédia no sul do país, sobre a importância de prestar ajuda e sobre a importância do suporte psicológico e emocional para as vítimas, reconhecendo que a recuperação de um desastre dessa magnitude envolve não apenas a reconstrução física, mas também o apoio às pessoas para lidar com traumas e perdas.

No meio da tragédia enfrentada pelo país, muitas datas comemorativas foram vividas em meio a perda de entes queridos e a falta de um lar, por isso esse vídeo da primeira-dama Janja sobre o dia das mães é uma publicação em que ela se mostra mais vulnerável e íntima de seu público (seguidores)<sup>37</sup>. É possível perceber que é um vídeo que ela mesma grava e que

---

<sup>37</sup> Disponível em:

<[https://www.instagram.com/reel/C6300UQr\\_LY/?igsh=MW40cm1mbHZweHNkOA](https://www.instagram.com/reel/C6300UQr_LY/?igsh=MW40cm1mbHZweHNkOA)⇒ Acesso em: 18/07/2024.

talvez esteja na sua própria casa por ser um domingo de dia das mães e pelas roupas casuais que ela usa. Nele, Janja se emociona ao falar da própria mãe que faleceu alguns anos atrás por causa do Covid-19 e deixa claro que conhece a dor de não poder mais abraçar sua mãe.

Por meio desse vídeo, Janja demonstra sua solidariedade com todas as mães do país, principalmente com aquelas que estavam passando por imensas dificuldades causadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul. Além de estar presente nos abrigos e ajudar com a arrecadação de roupas e alimentos para o sul do país, esse vídeo que Janja postou também é uma marca do assistencialismo social prestado pela primeira-dama, deixando claro que a função exercida por ela também está relacionada com o cuidado físico, mental e emocional. O vídeo foi uma forma de acolher as pessoas, principalmente as mães que estavam, e ainda estão passando por um momento de muita dificuldade. A análise desse vídeo consiste em entender os estereótipos de primeira-dama que são construídos no imaginário social e a forma como essa função se vincula essencialmente ao assistencialismo. Ademais, buscaremos compreender como a beleza se apresenta como um aspecto decisivo para a legitimação da primeira-dama.

Segue a transcrição da fala de Janja:

### Quadro 3. Transcrição da fala de Janja sobre o dia das mães

*“Bom dia. Hoje é domingo, dia das mães, e eu... hoje eu não posso dar um abraço na minha mãe, a covid levou ela há quatro anos e, infelizmente, hoje eu não posso abraçá-la. Mas eu queria, por meio de todas as mães do Brasil, dar esse abraço na minha mãe. Esse dia é sempre muito difícil pra mim, mas eu queria por meio de vocês, mães do Brasil, que esse abraço chegasse até a minha mãe. E eu queria também deixar um abraço mais que especial, um abraço com muito carinho, com muito afeto, a todas as mães do Rio Grande do Sul. Eu estive nos abrigos essa semana e eu sei o quanto tá sendo difícil esse momento pra vocês, mães. Mas com muito carinho, com muito amor, a gente vai conseguir fazer com que a vida das famílias volte à normalidade no Rio Grande do Sul. Então eu queria deixar pra vocês todo meu carinho, todo meu afeto e que a gente sabe que todo povo brasileiro está solidário com as famílias do Rio Grande do Sul. Fiquem bem no dia de hoje, sintam todo nosso carinho”.*

Fonte: Autora (2024).

Diversos aspectos do vídeo contribuem para que seja possível analisar o ethos construído por meio de seu discurso. Visando prestar apoio à população e às mães do país, Janja adota um discurso mais informal e acessível. Isso se reflete em sua aparência e no ambiente em que grava, pois ela evita usar roupas formais, maquiagem e penteados elaborados. Além disso, o lugar em que o vídeo foi gravado é mais acolhedor e pessoal, diferente do escritório ou das salas oficiais do Planalto, onde costuma estar em outras publicações. Em comparação com os outros vídeos analisados, o enquadramento deste reforça um tom mais pessoal. Janja aparece

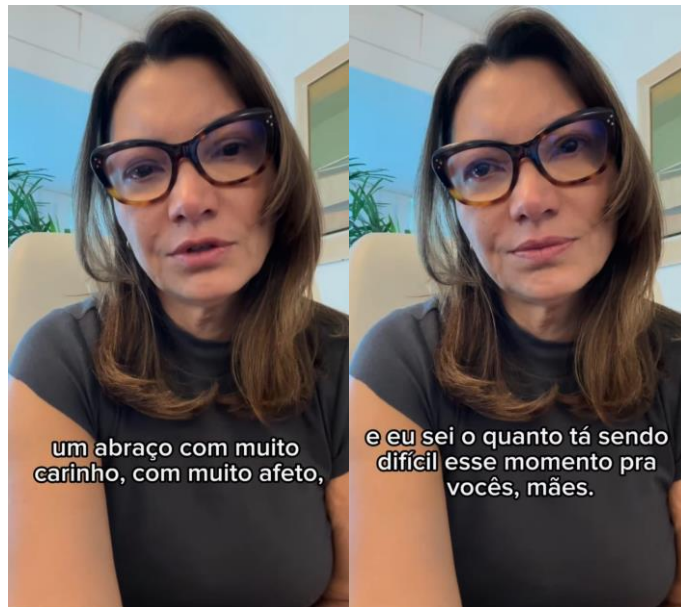
com o rosto mais próximo da câmera e mantém contato visual direto, criando a sensação de que está falando diretamente com o espectador.

O discurso de Janja é caracterizado pelo uso da primeira pessoa ("eu") e pela ausência de formalidades. Essas escolhas lexicais ajudam a construir uma cenografia de proximidade e compreensão. Além disso, o tom de voz, as expressões faciais e o enquadramento reforçam a empatia e a solidariedade, criando uma atmosfera que inspira confiança e conexão emocional. Em determinado momento, Janja se emociona ao recordar a mãe e a dor que ainda sente por sua ausência e suas expressões faciais refletem esses sentimentos, tornando-os mais genuínos. Esses elementos, por sua vez, permitem que os seguidores se conectem emocionalmente com a primeira-dama, sintam-se acolhidos e tenham suas dificuldades reconhecidas.

Essas características contribuem para a construção de uma imagem de si de solidariedade, empatia e compaixão. O ethos de Janja está diretamente ligado à enunciação e à sua presença corporal, o que significa que sua subjetividade se manifesta tanto por meio do discurso quanto pela maneira como se apresenta como um "corpo enunciante" historicamente situado. Segundo Maingueneau (2016), a enunciação valida progressivamente o discurso, reforçando a credibilidade da fala. Assim, além das escolhas linguísticas, seu ethos é construído pela "voz" de uma primeira-dama inserida em um contexto de tragédia social, que busca demonstrar apoio e proximidade com as vítimas. A incorporação do ethos é realizada pelo discurso, mas também durante o discurso, a partir da articulação da cenografia de prestar apoio e de se solidarizar com a população pelo enunciador e recebida pelo coenunciador.

Ao dizer *"mas eu queria, por meio de todas as mães do Brasil, dar esse abraço na minha mãe"*, ela afirma que prestar seu apoio e carinho para as mães do Brasil é uma forma de estar em contato com a sua própria mãe. Ainda, na parte em que fala *"e eu queria também deixar um abraço mais que especial, um abraço com muito carinho, com muito afeto, a todas as mães do Rio Grande do Sul"*, Janja se direciona especificamente para as mães do sul do país que enfrentaram dias muito difíceis com a tragédia climática, e, por causa disso, acaba sendo difícil encontrar motivos para comemorar. De certa forma, Janja tenta alcançar essas mulheres com uma mensagem de esperança e de conforto, construindo um ethos de empatia por essas mulheres e de compreensão das dificuldades enfrentadas por elas. Como ilustram as imagens:

Figura 5: Print do vídeo “Dia das mães”



Fonte: Autora (2024)

Apesar de não ter filhos, Janja constrói o ethos de uma mulher que entende como é difícil perder um ente querido e ter que passar por datas comemorativas sem eles ao falar sobre a morte da mãe. Esse fato ainda a abala, mesmo após alguns anos, o que fica evidente quando seus olhos se enchem de lágrimas ao falar sobre sua mãe e sobre a dificuldade de passar o Dia das Mães sem ela. Normalmente sorridente e carismática, mesmo ao abordar temas sérios, Janja, neste vídeo, demonstra grande emoção e tristeza, reforçando um ethos de empatia com a dor alheia. Isso fica claro no trecho “*Hoje é domingo, dia das mães, e eu... hoje eu não posso dar um abraço na minha mãe, a covid levou ela há quatro anos e, infelizmente, hoje eu não posso abraçá-la*”.

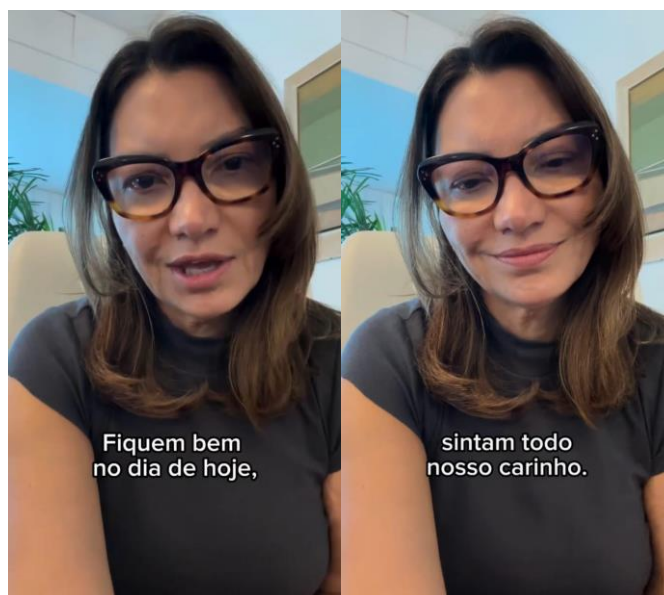
Durante vários momentos do vídeo, Janja desvia o olhar da câmera, parecendo buscar as palavras certas para expressar seus sentimentos ou demonstrando o quão doloroso é esse desabafo sobre sua mãe. No entanto, rapidamente, esse desconforto se converte em palavras de carinho e apoio ao seu público. Ao dizer “*eu estive nos abrigos essa semana e eu sei o quanto tá sendo difícil esse momento pra vocês, mães*”, ela demonstra entender a gravidade da situação que as famílias enfrentaram no Rio Grande do Sul e busca dar forças para que as mães continuem fortes. Afinal, na maioria das vezes, as mulheres são as responsáveis por manter os cuidados e a força para amparar suas famílias. Em momentos assim, esse apoio é fundamental para seguir na luta de vencer tragédias como essas. Além do apoio financeiro e da prestação de serviços, é importante que o governo se preocupe com o bem-estar dos cidadãos e compreenda

minimamente como as dificuldades podem afetá-los. Janja demonstra isso nesse vídeo, reafirmando um ethos de preocupação e de cuidado com os brasileiros.

Ainda, ao dizer *“mas com muito carinho, com muito amor, a gente vai conseguir fazer com que a vida das famílias volte à normalidade no Rio Grande do Sul”*, Janja demonstra que o governo está ciente das consequências dessa tragédia e está tomando iniciativas emergenciais para ajudar as pessoas afetadas. Ser visto e ter as necessidades reconhecidas pelos órgãos públicos ajuda a tranquilizar as vítimas de desastres ambientais como esse. Os cidadãos votam e elegem o candidato com as melhores propostas e que busquem fazer o melhor pelo povo. No discurso de Janja, é possível notar sua intenção de ajudar e melhorar a situação no sul do país. Assim, ela constrói uma imagem para si e para o governo de seu marido como capazes de reconhecer as dificuldades enfrentadas pela população e que tem como prioridade oferecer apoio e soluções.

A primeira-dama finaliza sua fala da seguinte forma: *“então eu queria deixar pra vocês todo meu carinho, todo meu afeto e que a gente sabe que todo povo brasileiro está solidário com as famílias do Rio Grande do Sul. Fiquem bem no dia de hoje, sintam todo nosso carinho”*. Por meio de seu dizer, ela reforça o ethos de uma mulher que ocupa uma posição de prestígio, mas reconhece as dificuldades e lutas que são enfrentadas pelo povo, como é possível ver nas imagens:

Figura 6: Print do vídeo “Dia das mães”



Fonte: Autora (2024).

A cenografia também cria um espaço simbólico em que Janja fala como representante institucional, mas também como mulher solidária, quase como uma “mãe simbólica” que se conecta com outras mães em sofrimento. Ao misturar elementos de um pronunciamento oficial com o tom intimista característico das redes sociais, Janja constrói um ethos que é, ao mesmo tempo, institucional e pessoal. O ethos institucional é reforçado por sua representação como primeira-dama, que é perpassado pelos estereótipos de cuidado e empatia pela população e pelas concepções de gênero que atribuem funções e comportamentos específicos para a mulher. Já, o ethos pessoal emerge por meio do tom coloquial e da linguagem acessível, que buscam aproximá-la do público e torná-la mais “humana” e autêntica.

O contexto histórico e social de uma catástrofe ambiental e de uma crise humanitária (enchentes do Rio Grande do Sul) e o evento simbólico (Dia das mães) conferem legitimidade para que, como primeira-dama, Janja demonstre sua solidariedade com as mães afetadas pela tragédia, reforçando seu ethos de uma representante sensível e comprometida com as causas sociais e com o bem-estar da população. Essas atividades exercidas por Janja trazem elementos da história da constituição da primeira-dama como responsável pelo assistencialismo, pelo acolhimento emocional da população e pelo cuidado.

A maneira como Janja “encena” seu discurso, ou seja, a cenografia, desempenha um papel central na construção de seu ethos. A escolha de gravar em um enquadramento próximo ao rosto, a linguagem corporal, as expressões faciais que revelam emoção e as escolhas lexicais conferem a Janja um ethos de sinceridade e aproximação. Ao lembrar de sua mãe e da dificuldade que enfrenta ao lidar com o luto, a primeira-dama mostra um ethos de vulnerabilidade, conectando-se simbolicamente com as mães que enfrentam a dor e as dificuldades causadas pela tragédia. Esse ethos que a “humaniza” também contribui para que o coenunciador se lembre que Janja é uma mulher, muito mais do que a esposa do presidente, primeira-dama, defensora das causas sociais.

Janja é uma mulher que, como as demais, enfrenta situações de tristeza, luto e dificuldade, mas que, também, tem seus momentos de felicidade e alegria. A partir do ethos mostrado por Janja, é possível refletir sobre sua trajetória enquanto mulher, perpassada por dificuldades, preconceitos e violências, principalmente, violência de gênero. Ela se mostra como uma mulher que enfrentou e ainda enfrenta obstáculos criados por uma ideologia machista que opera em todos os meios sociais, inclusive em posições de prestígio. Essas características fortalecem seu ethos de empatia e engajamento social, que são essenciais para a eficácia de seu discurso em um contexto digital marcado pela busca por conexão emocional e identificação pessoal.

Em um mundo tão digitalizado, os políticos e as pessoas públicas encontram nas redes, por meio de recursos digitais, um lugar para disseminar seus discursos, transformando ideias em “produtos” a serem consumidos. O sucesso de uma interação mediada pelas tecnologias digitais depende do engajamento dos usuários em relação a quem diz e ao que é dito, bem como os aspectos ideológicos que defendem. Atualmente, essa também é uma forma de conseguir mais apoiadores e eleitores, visto que o discurso de Janja não é apenas um conjunto de signos linguísticos, mas um modo de interagir com o outro e de disseminar ideologias intrínsecas ao seu meio social (Maingueneau, 2008).

O ethos apresentado em seu discurso compactua com as iniciativas sociais defendidas pelo governo de Lula e pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O atual presidente foi eleito, sobretudo, por suas propostas voltadas à melhoria da vida da população mais pobre, com políticas públicas que priorizam a redução das desigualdades sociais, o combate à fome, a valorização do trabalho e o fortalecimento dos direitos sociais. Ao se solidarizar com as mães em um momento de tragédia e ao demonstrar preocupação com os mais vulneráveis, Janja reforça e incorpora esses valores, alinhando-se ao discurso humanitário e inclusivo que caracteriza o governo que representa. Além do mais, o ethos de Janja é construído a fim de que seus eleitores possam se identificar com ela, é preciso que Janja corresponda a estereótipos relacionados à primeira-dama para que o processo de incorporação permita aos eleitores uma identificação com essa fiadora.

A construção do ethos está intrinsecamente ligada à evocação de estereótipos, ou seja, padrões sociais pré-estabelecidos que influenciam a percepção do enunciador. Embora a imagem de si seja moldada pelo próprio discurso, ela também é condicionada por estereótipos que existem além da situação discursiva em que o sujeito se encontra. Dessa forma, os coenunciadores interpretam e associam a imagem do enunciador a modelos culturais já consolidados, o que permite o reconhecimento dessa imagem. No caso de Janja, sua imagem, antes mesmo de ser compreendida por meio do discurso assumido por ela, é automaticamente vinculada aos estereótipos socialmente construídos para mulheres que ocupam a função de primeira-dama e, de forma ainda mais ampla, aos estereótipos relacionados à condição de ser mulher na sociedade.

Como dito anteriormente neste trabalho, nossa sociedade é estruturada com base em concepções de gênero que incluem normas e papéis preestabelecidos, como a ideia de que os homens devem ser os provedores e de que as mulheres devem ser as cuidadoras da família e do lar. Essas normas, além de limitadoras, são excludentes, restringindo as possibilidades de atuação e expressão dos sujeitos. No entanto, a consolidação da luta feminista tem, aos poucos,

conquistado mais espaço na sociedade, promovendo debates que questionam essas construções e visam desconstruir discursos machistas.

As concepções tradicionais de gênero estão diretamente ligadas à criação de estereótipos que ditam como as mulheres devem agir, vestir-se e quais espaços podem ocupar. Além disso, exercem controle sobre seus corpos, impondo padrões estéticos que restringem sua liberdade e autonomia. Esses padrões, muitas vezes inalcançáveis, reforçam ideais de beleza e comportamento que perpetuam desigualdades e reforçam o ciclo de opressão. Nesse sentido, desconstruir essas concepções é fundamental para criar uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Segundo Wolf (1992), “se rejeitamos a afirmação insistente de que a aparência de uma mulher é seu discurso, se ouvirmos umas às outras fora dos limites do mito da beleza, isso já será um passo político à frente” (Wolf, 1992, p.289).

Os estereótipos associados à figura da primeira-dama no Brasil refletem essas concepções de gênero que são estruturadas na nossa sociedade. Ao longo da história, esses estereótipos foram se estruturando de forma que a imagem da primeira-dama é relacionada com uma figura maternal e cuidadora, frequentemente vista como uma figura acolhedora, associada com uma imagem de “mãe da nação”. Isso sugere que sua principal função é cuidar das causas sociais e humanitárias, projetos e ações relacionados à infância, à pobreza e à assistência social. Além do mais, há uma expectativa de que a primeira-dama seja a principal apoiadora do presidente, reforçando as ideologias que são defendidas pelo partido ao qual o mandatário da república encontra-se filiado. Isso inclui acompanhar o marido em eventos oficiais e demonstrar estabilidade e união no relacionamento, consolidando a estabilidade do governo. Ainda, outro estereótipo comum nas primeiras-damas é a aparência física, ou seja, corresponder aos padrões de beleza e elegância.

Apesar de todos esses estereótipos aos quais a primeira-dama está relacionada, sua figura é relacionada a um desempenho indireto na política. Além disso, a primeira-dama é relacionada com comportamentos de discrição e neutralidade. Existe uma expectativa construída historicamente que o primeiro-damismo deve se relacionar com um comportamento discreto, evitando polêmicas e se concentrando em uma função de bastidores, em contraste com a exposição midiática excessiva do marido.

Em conjunto com a progressão feminista, nos últimos anos, algumas primeiras-damas têm questionado ou quebrado esses estereótipos e utilizado a sua posição para dar voz a causas sociais que antes eram marginalizadas ou silenciadas. Ao se posicionarem ativamente em questões de gênero, saúde, educação e direitos humanos, essas mulheres não só desafiam os papéis tradicionais impostos pela sociedade, mas também demonstram que é possível

reconfigurar a representação da primeira-dama, tornando-o um espaço de impacto político e social real. Assim, elas contribuem para a desconstrução de narrativas limitantes e reafirmam a importância de uma representação política inclusiva e plural.

Porém, durante o último governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, algumas questões que antes pareciam superadas, voltaram à tona, como a valorização da “família tradicional” e, mais importante para esta pesquisa, a representação da mulher na sociedade. Dessa forma, discursos machistas e violentos voltaram a ser repercutidos na sociedade, principalmente com a facilidade da internet e das redes sociais, retrocedendo a luta feminista de direitos e equidade. Esses discursos evocados no último governo refletiram nos estereótipos que são atribuídos às primeiras-damas.

A ex-primeira-dama Michele Bolsonaro, por exemplo, cultivou uma imagem fortemente associada ao tradicionalismo, alinhando-se a valores conservadores e à representação clássica da mulher como figura de suporte ao marido e ao núcleo familiar. Sua atuação destacava virtudes como recato, submissão e dedicação à religião, fortalecendo sua identificação com a base evangélica, que foi crucial para a sustentação do governo Bolsonaro. Esses estereótipos vieram junto com a mudança de governo, mas, a fim de subvertê-los, não só como uma forma de retomar a importância da luta feminista, Janja busca rompê-los. Essa ruptura não apenas desafia as ideologias que reacenderam desigualdades e violência na sociedade, mas também visa promover o progresso social e igualdade de gênero.

Desde a posse do presidente Lula, Janja busca construir uma imagem de si que rompa com essa representação tradicional ao adotar uma postura mais ativa e politizada, tanto no discurso quanto nas redes sociais. Sua imagem não se limita apenas ao apoio ao marido, o presidente Lula, mas se estende à defesa de pautas sociais e ao engajamento direto com a sociedade. Janja projeta uma figura de mulher independente, que constrói uma cenografia de proximidade e autenticidade, ao mesmo tempo que simboliza o compromisso com valores progressistas. Inclusive, esse é um dos motivos pelos quais a atual primeira-dama é atacada na mídia, como se sua participação mais ativa na política fosse uma ameaça.

Janja é formada em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e construiu uma sólida carreira como funcionária da Itaipu Binacional, atuando em áreas como sustentabilidade, responsabilidade social e comunicação institucional<sup>38</sup>. Sua formação e experiência profissional demonstram que ela possui conhecimento técnico e embasamento para

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/saiba-quem-e-rosangela-da-silva-a-janja-nova-primeira-dama-do-brasil/>>. Acesso em: 26/11/2024.

abordar muitas questões que discute publicamente. No entanto, o julgamento que frequentemente enfrenta não decorre de sua qualificação, mas sim de seu gênero. Ser mulher e ocupar uma posição de destaque traz desafios adicionais, pois é seu lugar de fala, mais do que sua formação, que é frequentemente questionado.

Refletir sobre esses elementos é essencial para entender o ethos que Janja constrói em seu discurso, conforme percebido pelos coenunciadores. Atuando na função de primeira-dama, ela transcende a função tradicional de apoiar exclusivamente seu marido. Janja utiliza sua posição de prestígio para defender causas importantes, como os direitos das mulheres, questões sociais e ambientais, contribuindo significativamente para a luta feminista e para o avanço de uma sociedade mais justa e menos violenta com as mulheres. Isso reforça que a primeira-dama não se limita à representação tradicional de apoio ao marido, mas atua de forma autônoma, contribuindo diretamente para a representação do Brasil e consolidando sua posição como uma figura política ativa e influente.

Para Maingueneau (1993), o ethos não é explicitamente dito, mas sim mostrado. Esse conceito se torna mais claro ao analisarmos o exemplo de Janja. O "bom" ethos que ela constrói em seu discurso pode ser contrastado com a imagem que muitas pessoas projetam dela. Eleitores de Jair Bolsonaro e seus apoiadores, por exemplo, tendem a associar a primeira-dama Janja a uma imagem negativa, acusando-a de mentir, de ser falsa e de forçar seus sentimentos para manipular o público. Esses opositores não acreditam nas palavras de Janja e usam o discurso dela para construir uma imagem contrária àquela que é criada pelos apoiadores de Lula e de Janja.

Essa construção de uma imagem negativa de Janja também é alimentada por ataques à ideologia defendida pelo governo Lula. Para seus opositores, a primeira-dama utilizaria seus vídeos e "falsos sentimentos" para desviar a atenção de questões polêmicas, como os gastos públicos com suas viagens e compras, que frequentemente se tornam assuntos de debate público. Esse fenômeno pode ser observado nos comentários dos vídeos postados por Janja em seu perfil no Instagram, espaço virtual onde, ao mesmo tempo em que recebe apoio e elogios, também é alvo de ataques e comparações com Michelle Bolsonaro, especialmente por parte de pessoas que se opõem ao governo de Lula. Como no vídeo que está sendo analisado, Janja recebe ataques por meio dos comentários como: "Vai trabalhar como Michele Trabalhou"; "Esse dia não é difícil para você!! Compre alguma coisinha nas viagens com o dinheiro do povo que passa essa tristeza ligeirinho!"; "Canja "; entre outros.

Embora o objetivo desta pesquisa não seja analisar em profundidade os comentários nos vídeos de Janja, é importante ressaltar que essa divergência nos comentários ilustra como o

ethos da primeira-dama é incorporado pelos coenunciadores que interagem com seu discurso, refletindo, assim, a polarização política que caracteriza o cenário atual no Brasil. Em suma, esta análise prioriza como o ethos de Janja, primeira-dama, é construído tanto pela linguagem quanto pelas interações com seus coenunciadores. A polarização política no Brasil, evidente nas divergências de percepção entre os apoiadores do governo Lula e os opositores, mostra como o discurso e a imagem pública de uma mulher que ocupa uma posição de destaque no espaço político são constantemente negociados.

A construção de um ethos “positivo” ou “negativo” não depende apenas das palavras proferidas, mas da maneira como elas são recebidas e reinterpretadas pelo público, o que reitera a complexidade do contexto político e social atual. Portanto, ao analisar o discurso de Janja e seu ethos, percebemos a importância do discurso digital como instrumento de construção e desconstrução de identidades, que, ao mesmo tempo que pode aproximar, também pode aprofundar as divisões ideológicas. O ethos de Janja é construído a partir de um discurso de empatia e solidariedade, valores que podem impulsionar a transformação social. Para Bell Hooks (2021), o amor deve ser entendido como uma ferramenta política capaz de questionar e romper com as estruturas de dominação patriarcal. Trata-se de ato de resistência que exige comprometimento ético e ação coletiva. Como a autora afirma: “Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos. Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente” (Hooks, 2021, p. 123). Ao adotar um discurso que prioriza o cuidado e o acolhimento, Janja desafia estereótipos femininos tradicionais e reforça a importância da fraternidade e do amor como práticas fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento feminista tem cada vez mais se expandido para abranger novos aspectos que possibilitam a inclusão de mais mulheres em diversas situações na sociedade, buscando respeito e igualdade. Para compreender a relevância e a evolução desse movimento, é necessário investigar como o conceito de gênero feminino foi construído socialmente ao longo da história e por que essa construção esteve marcada por violências, preconceitos e estereótipos que limitam as mulheres. A relevância de pesquisas como esta emerge desse contexto de transformação promovido pelo feminismo, que possibilitou a reflexão sobre como nossa sociedade é estruturada em bases patriarcais e ajudou a fomentar debates que buscam uma solução para a desigualdade de gênero. Contudo, à medida que o feminismo capacita mulheres a ocupar posições de liderança e prestígio, o machismo, o preconceito e a violência de gênero também sofrem transformação, adaptando-se para manter as estruturas de controle e opressão.

Diante disso, torna-se necessário estudar e analisar as barreiras e discriminações enfrentadas diariamente por mulheres na sociedade atual, especialmente por aquelas que ocupam posições ou cargos na política brasileira. Este trabalho buscou, por meio de uma fundamentação teórica voltada para os estudos de gênero e da construção do ethos, o entendimento das razões pelas quais a sociedade demonstra resistência à participação ativa das mulheres no âmbito político. Também buscou explicar como os ideais machistas enraizados em nossa sociedade consolidaram concepções de gênero que perpetuam estigmas sobre o primeiro-damismo.

Em específico, este trabalho analisou a construção do ethos da primeira-dama Janja por meio da enunciação, investigando como estereótipos e padrões socialmente impostos influenciam a legitimação de suas falas, suas escolhas linguísticas, o tom utilizado por ela e a posição social que ela ocupa. Embora a posição de primeira-dama não configure um cargo político oficial, ele possui relevância histórica na luta das mulheres por visibilidade e igualdade. Ao mesmo tempo, a representação social assumida por Janja não a isenta da violência de gênero, dos estereótipos de beleza e do machismo, evidenciando que, independentemente da posição social, as mulheres continuam enfrentando as barreiras impostas pelo patriarcado enraizado na sociedade.

Para tanto, os estudos acerca do feminismo e dos conceitos de gênero permitem os fundamentos essenciais para compreender a representação da mulher na política nos dias de hoje. Estudiosas, como Judith Butler, defendem que o gênero é uma construção social, e não uma característica biológica fixa. Essa perspectiva contribui para o questionamento frequente

sobre os estereótipos do gênero feminino, que atribui às mulheres uma representação social de submissão e de inferioridade. No contexto político, a construção social do gênero influencia o paradigma de que as mulheres são menos aptas para ocupar cargos de liderança e poder. Ao utilizar as teorias do feminismo para questionar esse paradigma, é possível desconstruir “normas” cristalizadas pela desigualdade de gênero fundamentadas na ideia de que as mulheres não devem ocupar cargos e posições na política.

A presença de mulheres em espaços que culturalmente elas não são ensinadas ou incentivadas a ocupar tem um impacto significativo na promoção da equidade de gênero, pois promovem uma ruptura com estereótipos injustos, e também inspira outras mulheres a combater obstáculos que dificultam a participação ativa delas em todos os aspectos da sociedade, incluindo a política. As lutas feministas defendem a participação mais ativa de mulheres em espaços que historicamente foram destinados apenas aos homens como fundamental para a transformação de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Tais lutas também foram fundamentais para o aperfeiçoamento de políticas públicas em torno de questões que historicamente foram negligenciadas, como violência de gênero, saúde reprodutiva e educação. Dessa forma, as teorias de gênero permitem compreender como a nossa sociedade foi estruturada por ideologias machistas e excludentes. Elas contribuem para entender como a identidade feminina é socialmente construída e como a participação das mulheres na sociedade ainda carece de maior representatividade, especialmente no âmbito político.

Apesar dos avanços sociais, as mulheres que atuam ativamente na política brasileira enfrentam desafios significativos, que vão desde ataques pessoais até discursos que deslegitimam a capacidade delas. É possível identificar esses desafios como a perpetuação do patriarcado e da violência de gênero ao estudar como a representação social das mulheres é construída por meio de estereótipos socialmente estabelecidos que contribuem para a exclusão. Portanto, as teorias feministas e os estudos sobre gênero oferecem meios para analisar como as relações de gênero influenciam a percepção, a participação e o desempenho das mulheres em espaços políticos. Através disso, é possível desconstruir discursos preconceituosos, promover a igualdade e transformar a forma como a sociedade é estruturada.

São diversos os aspectos que contribuem para a construção do ethos da primeira-dama. Este trabalho priorizou analisar, com ênfase, os estereótipos socialmente construídos para essa posição, como a cultura da beleza contribui para o constante reforço desses estereótipos e como a legitimação da primeira-dama também considera a aparência física. Ademais, analisamos a maneira que a polarização política no cenário brasileiro atual pode interferir na construção desse

ethos, a fim de compreender como a violência de gênero, o machismo e o patriarcado são constantemente reforçados em nossa sociedade.

Dessa forma, podemos retomar as perguntas que esta pesquisa buscou responder: Como as concepções de gênero, os padrões de beleza e os estereótipos influenciam na construção do ethos da primeira-dama? Como o ethos construído por Janja em suas redes sociais reforça ou desafia as posições tradicionais atribuídas às mulheres na política e na sociedade brasileira? Como a realidade virtual e as mídias sociais contribuem para a construção do seu ethos e para a polarização política do Brasil? Todas as falas analisadas circularam no perfil da primeira-dama no Instagram. Tais perguntas foram respondidas por meio das análises empreendidas neste estudo.

A representação social da mulher na sociedade impacta diretamente o ethos da primeira-dama. Socialmente, espera-se que ela corresponda aos estereótipos tradicionalmente femininos, como o cuidado, a gentileza, a atenção às causas sociais e à educação. Em específico, espera-se que a primeira-dama corresponda a estereótipos como a dedicação ao assistencialismo, o apoio ao marido e a participação menos influente na política brasileira. Qualquer tentativa de romper com essas expectativas, como assumir uma posição política mais ativa, é uma forma de desafiar esses estereótipos, causando influências positivas naqueles que apoiam as mudanças de paradigmas e a luta feminista, mas influências negativas naqueles que ainda são apegados a concepções conservadoras.

Além disso, a construção do ethos da primeira-dama é inevitavelmente afetada pela pressão estética que as mulheres sofrem na sociedade. A aparência de uma mulher é constantemente colocada como um fator determinante de sua inteligência e de sua capacidade. A mulher que ocupa a posição de primeira-dama é frequentemente julgada com base em sua aparência, suas roupas e sua postura. Se a primeira-dama corresponde aos padrões de beleza convencionais, isso pode contribuir para uma validação positiva mais rápida, mas ela também está sujeita a críticas e a uma análise mais rigorosa da legitimidade de sua posição. Em contrapartida, ao desafiar esses padrões, ela pode se tornar um símbolo de resistência, apesar de ainda estar sujeita a muitas críticas.

Por meio de suas publicações nas mídias sociais, Janja constrói para si uma imagem que rompe com representações tradicionais atribuídas às mulheres na política e na sociedade brasileira. Em suas duas mídias sociais, Janja reforça os valores associados aos estereótipos de mulher, como a empatia, o cuidado e o acolhimento, que ficam evidentes nas suas publicações. Nelas, a primeira-dama destaca a importância das causas sociais, da defesa dos direitos

humanos e da defesa a grupos vulneráveis, o que corresponde aos padrões de comportamento que são esperados dela, assim como a educação, a gentileza e a seriedade.

Ao se constituir como primeira-dama, Janja assume, em partes, a função tradicional de esposa do presidente ao participar de eventos institucionais e promover iniciativas sociais que reforçam a imagem do governo. Porém, ela também desafia alguns estereótipos destinados a sua posição. Como por exemplo: ela não constrói para si apenas a imagem de “esposa que apoia o marido”, mas constrói também para si a imagem de uma mulher que tem identidade própria; ela utiliza suas mídias sociais para compartilhar posicionamentos sobre questões ligadas à luta por direitos iguais das mulheres e ao combate da violência de gênero. Ao estar engajada ativamente em discussões políticas e sociais, ela desafia a ideia tradicional de que a primeira-dama deve se manter apenas nos bastidores. Ainda, Janja utiliza suas mídias sociais para apoiar causas feministas e promover a representatividade feminina na política, o que desafia os padrões patriarcais que limitam a participação das mulheres na política.

Quando consideramos o cenário político brasileiro atual, Janja também reforça padrões tradicionais que permitem a construção de uma imagem de si mais “aceitável” para o público mais conservador, como por exemplo, sua religiosidade e seu valor inestimável à família. Porém, essas características são estratégicas para a construção da imagem de uma figura pública no atual cenário político brasileiro. Ao mesmo tempo, seu ativismo e protagonismo confrontam as expectativas de submissão e de passividade associadas às mulheres nessa função. Sua atuação incentiva os debates sobre a representatividade feminina e os direitos das mulheres. Seu ethos reforça alguns aspectos tradicionais, mas também desafia e subverte outros, contribuindo para uma reconfiguração das funções atribuídas às mulheres na política e na sociedade brasileira. Essa construção não é isenta de resistência e críticas, mas reflete o contexto de mudanças culturais e políticas que o Brasil atravessa.

Em suma, Janja está rompendo com a ideia tradicional de uma primeira-dama que se restringe ao assistencialismo. Ela ressignifica essa função como um espaço de influência para a luta feminista e para o exercício de liderança social por parte das mulheres. A partir de seus discursos que colocam a inclusão e o combate à violência como pautas importantes e urgentes, Janja contribui para que esses debates voltem ao centro da sociedade, a fim de continuar lutando contra o machismo e o patriarcado.

Apesar disso, a polarização política brasileira faz com que, constantemente, a primeira-dama enfrente críticas, muitas vezes baseadas no machismo e nos estereótipos de gênero. Isso também contribui para reforçar sua atuação no âmbito social, ao persistir atuante politicamente na função de primeira-dama apesar de todos os ataques e violências que vem sofrendo. Janja

reforça o ethos de uma mulher que reconhece as barreiras enfrentadas pelas mulheres que vivem em uma sociedade estruturada em bases patriarcais e incentiva que a luta por direitos iguais deve permanecer resistente.

A realidade virtual e as mídias sociais desempenham um papel central na construção do ethos da primeira-dama ao moldarem a percepção pública da identidade dela, dos valores que defende e dos posicionamentos que assume. O perfil de Janja no Instagram funciona como um espaço discursivo em que ela pode reforçar características de seu ethos, como engajamento político, empatia e defesa das causas sociais. As mídias sociais se caracterizam pela possibilidade de circulação de discursos de forma rápida e abrangente, tornando possível alcançar diferentes públicos e consolidar a imagem que deseja projetar. Por meio de postagens, vídeos e mensagens cuidadosamente selecionadas, Janja constrói um ethos que dialoga com sua função de primeira-dama ativa na política, de apoiadora do feminismo e de defensora da luta por igualdade de gênero.

Contudo, as mídias sociais também contribuem para a polarização política ao amplificar as divisões existentes na sociedade. Nesse espaço discursivo, o ethos de Janja muitas vezes é lido de maneira diferente por públicos com perspectivas políticas opostas. Para alguns, seus discursos e postagens reforçam seu comprometimento com temas importantes, como igualdade de gênero e justiça social. Para outros, porém, sua visibilidade nas redes é interpretada de forma negativa, sendo alvo de críticas que refletem o machismo, os estereótipos de gênero e a resistência ao protagonismo feminino em espaços políticos. As mídias sociais, ao mesmo tempo que oferecem um espaço para a construção e reforço do ethos, também intensificam o ambiente polarizado. Elas promovem a circulação de discursos que tanto apoiam quanto contestam as mensagens publicadas, ampliando as dinâmicas de conflito em colaboração com a esfera política.

Portanto, ao dialogar com teorias feministas e estudos sobre a construção social do gênero, este trabalho oferece uma perspectiva crítica sobre a luta por igualdade e a desconstrução de estereótipos que limitam a representação social das mulheres na sociedade e na política. Ele também oferece um outro olhar sobre a representação social das primeiras-damas, um tema que muitas vezes não é encontrado na academia; promove debates sobre o impacto das representações femininas em posições de poder e discute a importância de revisitarmos as narrativas sociais que perpetuam desigualdades de gênero. Por meio deste trabalho, promovemos uma análise contemporânea e crítica sobre a relação entre gênero, estereotipia e política, proporcionando ferramentas para compreender e questionar as dinâmicas sociais que sustentam o patriarcado e a resistência ao protagonismo feminino.

Como discutido ao longo deste trabalho, Judith Butler (2020) argumenta que a ideia de fraternidade desempenha um papel crucial e eficaz no combate ao machismo e à misoginia. A autora destaca que, antes de se enfatizarem as diferenças biológicas e culturais, é fundamental valorizar a fraternidade como um princípio que promove empatia e solidariedade entre os indivíduos. A tese defendida por Butler nos auxilia a estimular a compaixão e o reconhecimento mútuo, mostrando-nos que é possível desconstruir hierarquias de poder baseadas em desigualdades de gênero e criar relações mais igualitárias e inclusivas na sociedade.

Nesse sentido, vale retomar também a ideia defendida por Bell Hooks, em sua obra *Tudo sobre o amor*, de que o amor é tanto um ato de coragem quanto de resistência. Em uma sociedade marcada pela violência e desigualdade, Hooks (2021) propõe que a prática do amor se configura como um gesto subversivo e profundamente transformador. Ao desafiar padrões estabelecidos e promover uma narrativa pautada na empatia e na luta pela igualdade de gênero, é possível incorporar essa visão do amor como uma força revolucionária capaz de gerar mudanças significativas.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Trad. Leci Borges Barisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AMORIM, Márcia Fonseca de. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico**: uma proposta de análise do universo sexual feminino / Márcia Fonseca de Amorim. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

AMOSSY, Ruth (Org.). **O Ethos na intersecção das disciplinas**: Retórica, Pragmática, Sociologia dos Campos. Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida, volume 2. Tradução Sérgio Milliet. – 3 ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BORIS, Georges Daniel Janja; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade**: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível / Eugênio Bucci. – 1. ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade/ 19 ed. Judith Butler; tradução de Renato Aguiar. - 19 ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2020.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. 2012. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick **Dicionário de análise do discurso** / Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau; coordenação da tradução Fabiana Komesu. – 3. ed., 4a reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2020.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Cristiane Dias – Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

EGGS, Ekkehard. 2016. **Ethos Aristotélico, Convicção e Pragmática Moderna**. In: Amossy, Ruth (Org.) Imagens de si no Discurso: a Construção do ethos São Paulo: Contexto: 29-56.

ELIAS DE OLIVEIRA, **Lugar de fala**: uma ideia como contra-discurso. In: Maria Cleci Venturini; Loremi Loregian-Penkal; Denise Gabriel Witzel. (Org.). Linguística na contemporaneidade. 1ed.Campinas: Pontes, 2019, v. 1, p. 191-209.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **A revolução das mulheres** / Mirian Goldenberg, Moema Toscano. - Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GUEDES, Ciça. **Todas as mulheres dos presidentes**: a história pouco conhecida das primeiras-damas do Brasil desde o início da República / Ciça Guedes, Murilo Fiuza de Melo. - Rio de Janeiro, RJ: Máquina de Livros, 2019.

HOOKS, Bell, 1952-2021. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas/ Bell Hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021. 272 p.

LABEURB. **Machismo**. In: ENCICLOPÉDIA DIGITAL DA CIDADE – ENDICI. Campinas: Labeurb/Unicamp, 2024. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=81>. Acesso em: 09/02/2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista/ Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. 2016. **Ethos, Cenografia, Incorporação**. In: Ruth Amossy (Org.). *Imagens de si no Discurso: a Construção do ethos*. São Paulo: Contexto: 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos** / Dominique Maingueneau; tradução Sírio Possenti - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Texto de comunicação** / Dominique Maingueneau; tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha - 3.ed. - São Paulo: Cortez: 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Retorno crítico à noção de ethos**. Let. Hoje, Porto Alegre, v. 53, n. 3, p. 321-330, jul. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do discurso**/ Dominique Maingueneau; tradução Sírio Possenti. - 1.ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**/ Dominique Maingueneau; tradução Marcos Marcionilo. - 1.ed. - São Paulo: Parábola, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos** / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2019. 160 p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio/ Michel Pêcheux; tradução: Eni Pulcinelli Orlandi [*et al.*] 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e poder/ Iraildes Caldas Torres** - São Paulo: Cortez, 2002.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Tradução Waldéa Barcellos Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZANELLO, Valeska. **Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações/ Valeska Zanello**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022. 144 p.